



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA

ENDERSON GERALDO DE SOUZA OLIVEIRA

A BRAZ É (E) QUEM ‘A FAZ’:
PAISAGENS DE PODER, EXPERIÊNCIAS E APROPRIAÇÕES NA AVENIDA
BRAZ DE AGUIAR, EM BELÉM (PA), AMAZÔNIA.

Belém do Pará

2023

ENDERSON GERALDO DE SOUZA OLIVEIRA

**A BRAZ É (E) QUEM ‘A FAZ’:
PAISAGENS DE PODER, EXPERIÊNCIAS E APROPRIAÇÕES NA
AVENIDA BRAZ DE AGUIAR, EM BELÉM (PA), AMAZÔNIA.**

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia e Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira

Belém do Pará
2023

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

- O48 Oliveira, Enderson.
Braz é (e) quem 'a faz': paisagens de poder, experiências e
apropriações na avenida Braz de Aguiar, em Belém (PA),
Amazônia. / Enderson Oliveira. — 2023.
181 f. : il. color.
- Orientador(a): Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do Pará, Instituto de
Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em
Sociologia e Antropologia, Belém, 2023.
1. Experiências. 2. Avenida Braz de Aguiar. 3. Paisagens
de poder. 4. Belém do Pará. 5. Fisionomia urbana. I. Título.

CDD 301.09811

ENDERSON GERALDO DE SOUZA OLIVEIRA
A BRAZ É (E) QUEM ‘A FAZ’:
PAISAGENS DE PODER, EXPERIÊNCIAS E APROPRIAÇÕES NA AVENIDA
BRAZ DE AGUIAR, EM BELÉM (PA), AMAZÔNIA.

Tese apresentada como requisito para obtenção do título de Doutor em Sociologia e Antropologia pelo Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia (PPGSA), do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Pará.

Orientador: Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira

Data da avaliação: 31 / 03 / 2023

Prof. Dr. Flávio Leonel Abreu da Silveira
Orientador – PPGSA / UFPA

Profa. Dra. Ana Luiza Carvalho da Rocha
Examinadora externa – PPGAS / UFRGS

Prof. Dr. Aldrin Moura de Figueiredo
Examinador externo – PPHIST / UFPA

Profa. Dra. Luísa Maria Silva Dantas
Examinadora interna – PPGSA / UFPA

Prof. Dr. Antonio Maurício Dias da Costa
Examinador interno – PPGSA / UFPA

Manoel Ribeiro de Moraes Júnior
Examinador interno (suplente) – PPGSA / UFPA

Rosângela Marques de Britto
Examinadora externa (suplente) – PPGARTES / UFPA

Belém do Pará
2023

AGRADECIMENTOS

Entrei no Doutorado porque queria que minha Mãe, na época já lutando (e vencendo) um câncer ainda conseguisse me ver doutor. Infelizmente, a vida tem seus próprios rumos e, de forma material, isto não será possível. De todo modo, é por ela essa pesquisa e a Ela, todo o tudo do meu tudo, meu primeiro e maior agradecimento. Por tudo.

Agradeço ao professor Flávio, pela orientação, compreensão em inúmeros momentos, sensibilidade e amizade ao longo destes anos e por, de um modo tão simbólico, simples e espontâneo, ter mudado minhas trajetórias, acadêmica e de vida também, quando me presenteou, ainda na qualificação do meu mestrado, em 2012, com o livro que não apenas me ajudou a definir o tema desta pesquisa, como também conduzi-la, “Paisagem e cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade”. Posso dizer que aquele simples gesto, anos depois, contribuiu muito para eu ser quem sou.

A Vanessa, namorada e companheira que me ajudou em vários sentidos neste trabalho, paciente e compreensiva e cujo primeiro beijo, curiosamente na Braz, me fez reascender uma paixão antiga e um amor inesperado e inigualável, mas felizmente possível.

Ao meu pai, sr. Gildo, meus irmãos, Elayne e Charles, por toda ajuda, indireta, na vida, aliviando inúmeras situações que permitissem a condução desta pesquisa.

A Victória, pessoa fundamental em minha história e em inúmeros momentos deste doutorado, por toda a ajuda e parceria ao longo de vários anos. Espero que os rumos da vida nos reaproximem e que um dia a amizade seja retomada.

Ao professor e amigo Relivaldo, essencial em minha trajetória acadêmica, que só existe, inclusive, por seu apoio ainda desde a graduação.

A Andreza, amiga, sócia e que sempre me ouviu e compreendeu sobre inúmeros problemas, dificuldades, desafios e angústias. Ao Thiago, que me ouviu e acompanhou em inúmeras vezes pela avenida, colaborando muito para esta pesquisa.

Aos amigos Robson e Priscila que, apesar de minhas falhas e “sumiços”, sempre estiveram ao lado e me ajudaram nesta condução.

A Karina, com importância tamanha durante tantos anos e que sempre me ouviu, atenta e cuidadosa, sobre a pesquisa e ajudou, a seu modo, para esta produção.

Aos professores e colegas de turma no PPGSA pelas trocas, parcerias e compartilhamento de angústias e descobertas. Aos colegas de trabalho que tornaram possível tantas articulações para que conseguisse fazer este doutorado.

A Rosângela e ao Paulo, em outro plano, que sempre ajudaram em minha trajetória, desde o mestrado.

Aos colegas do grupo de pesquisa Antropologia das Paisagens: memórias e imaginários na Amazônia – Naverrâncias pelas contribuições e trocas, em especial a Elisa, que ouviu e compartilhou com impressionante atenção as angústias e conquistas na reta final da pesquisa.

A Jaqueline, minha psicóloga e confidente que ajudou sobremaneira nesta caminhada, sendo absolutamente essencial para encarar a tese de modo mais leve e confiante, além de tantos outros passos e decisões na vida.

Agradeço a todas as pessoas que deram entrevistas, sejam elas mais espontâneas ou programadas e, inclusive, as pessoas que protelaram por muito tempo até que houvesse a desistência no contato. Todos ajudaram bastante a percorrer e entender mais os fluxos e experiências na Braz. Apesar de não citar os nomes reais aqui, todos foram fundamentais para realização desta pesquisa, bem como os membros da banca, seja na qualificação ou nesta conclusão, que certamente irão contribuir com o trabalho e minha caminhada.

Por fim, fica aqui meu agradecimento de modo geral a todos, todas e todes que ajudaram a construir esta pesquisa, seja me ouvindo, comentando algo, ajudando de algum modo, indo comigo em inúmeros encontros e conversas espontâneas na avenida, com fins acadêmicos ou não, desde 2018 até 2023. A Braz é de quem a faz e praticamente todos vocês citados aqui, juntos comigo, fizeram ela – e as observações contidas nesta pesquisa – também.

RESUMO

Nesta pesquisa observo as vivências e experiências de sujeitos na avenida Braz de Aguiar, bairro de Nazaré, considerado um dos mais destinados às camadas médias de Belém do Pará, Amazônia (achei estranho isso. Talvez “um dos bairros de maior status”). Levando em conta que as paisagens são construções processuais (SANSOT, 1983; SILVEIRA, 2004; ECKERT, 2009; ECKERT e ROCHA, 2013), me atento principalmente ao estabelecimento de “paisagens de poder” (ZUKIN, 1996), que são provocadas e/ ou se coadunam às práticas dos sujeitos. Tais poderes, em especial o econômico, se expressam nos *habitus* (BOURDIEU, 1983), perceptíveis mediante a realização da Etnografia de Rua (ECKERT e ROCHA, 2013) e da Etnografia da Duração (ECKERT e ROCHA, 2013). Na via, os serviços eram e ainda são direcionados a uma camada financeiramente mais privilegiada da cidade, com maior poder de consumo, aquisitivo e status, algo fundamental na construção e manutenção de certa “distinção” no contexto belenense. A Braz, então, torna-se um “espaço geográfico socialmente hierarquizado” (BOURDIEU, 2007), em que o ócio (VEBLEN, 1965) parece ser mais possível de ser praticado, mas não por todos. Em conjunto, isto aponta para o estabelecimento de processos específicos de sociabilidade e sociação (SIMMEL, 1983) no mundo urbano belenense, em que é necessário discutir também a forma “aristocrática” como alguns indivíduos aderem/(re)criam tal fisionomia urbana contemporânea e como a avenida é referida e representada nas redes sociais.

Palavras-chave: Experiências; Avenida Braz de Aguiar; paisagens de poder; Belém do Pará; fisionomia urbana.

ABSTRACT

In this research, I observe some subjects' experiences on Avenida Braz de Aguiar, in the neighborhood of Nazaré, which is considered destined for the middle bands of Belém do Pará, Amazon. Taking into account that landscapes are procedural constructions (SANSOT, 1983; SILVEIRA, 2004; ECKERT, 2009; ECKERT and ROCHA, 2013), I paid attention mainly to the establishment of “power landscapes” (ZUKIN, 1996), which are attractions and / or are consistent with the subjects' practices. Such powers, especially the economic one, are expressed by habitus (BOURDIEU, 1983), perceptible throughout Ethnography of Street (ECKERT and ROCHA, 2013) and Ethnography of Duration (ECKERT and ROCHA, 2013). At the street, services were and still are aimed for financially privileged layer of the city, with greater purchasing power and status, something fundamental in building and maintaining a certain “distinction” in the context of Belen. Braz, then, becomes a “socially hierarchical geographic space” (BOURDIEU, 2007), in which leisure (VEBLEN, 1965) seems to be more achievable, but not for everyone. Together, this points out to the establishment of specific processes of sociability and sociation (SIMMEL, 1983) in the urban world of Belen, in which it is also necessary to discuss the “aristocratic” way in which some individuals adhere/(re)create such contemporary urban physiognomy and how the avenue is referred to and represented on social media.

Keywords: Experiences; Avenida Braz de Aguiar; power landscapes; Belém do Pará; urban physiognomy.

LISTA DE IMAGENS

Meus percursos pela cidade, em relação a emprego e aulas até 2019. Minha residência no bairro do Cruzeiro, Distrito de Icoaraci; Faculdade Estácio Pará, bairro do Umarizal, onde fui professor até 2022; Portal Diário Online, bairro do Marco, no qual trabalho como editor e, por fim, a Universidade Federal do Pará, bairro do Guamá. Fonte: Captura de tela no Google Maps.	16
Cenas da Braz de Aguiar: acima, entre verdes “esburacados” das copas das árvores e apropriações inusitadas nas calçadas, a avenida segue dotada de certo “charme”, faceta citada por vários interlocutores. Foto do autor em 15 de novembro de 2019. Abaixo, um motoboy aguarda tranquilamente por pedidos enquanto utiliza o celular. Foto feita por este autor em 26 de junho de 2021. Ao lado, idoso caminha com seus animais de companhia em uma manhã de domingo na Braz de Aguiar. Foto do autor em 28 de junho de 2020.	18
“Como é bom andar na Braz!” Capturas de tela de publicações no Twitter em junho de 2022 e janeiro de 2023.	19
A Braz não tão idílica assim: fotos deste autor em 08 de janeiro de 2021.....	20
Problemas na avenida: entre assaltos e alagamentos.	20
Funcionárias de uma clínica na Braz caminham na via. Quando fiz o registro, ouvi a conversa de ambas e falavam sobre onde pegavam ônibus, para irem juntas até a mesma parada. Foto feita em 31 de janeiro de 2023.....	21
Belém, com destaque para os bairros de Nazaré, Batista Campos e Cidade Velha. A linha azul indica a Avenida Braz de Aguiar. Imagem disponível no Google Maps.....	22
Extensão da avenida Braz de Aguiar (traçado em azul). Imagem disponível no Google Maps.	23
Cara Braz. Captura de tela de tweet em setembro de 2022.....	24
A Braz como melhor lugar da cidade. Capturas de tela de publicações no Twitter.....	26
Placas de sinalização do início e fim da Braz de Aguiar: no cruzamento com a Serzedelo Corrêa, já próxima ao bairro de Batista Campos, com a grafia “Braz”, enquanto o “Brás” é utilizado no cruzamento com a Generalíssimo Deodoro. Ao longo da via, ambas grafias se “revezam” para identificá-la. Fotos do autor no dia 19 de outubro de 2019.....	27
Planta da cidade de Belém em 1753, quando apenas parte das áreas dos bairros hoje chamados Cidade Velha o Jurunas, Guamá e Terra Firme haviam sido explorados Fonte: Acervo Digital da Biblioteca Nacional.	32
Mapa de Belém em 1868, já com a presença da “Estrada de Nazareth” e as avenidas São Jerônimo (hoje, José Malcher) e Gentil Bittencourt, compondo o bairro de Nazaré. Fonte: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA.....	34
Na imagem, é possível ter uma ideia da Avenida Governador José Malcher (linha na cor	

vermelha); Avenida Nazaré e sua contiguidade na avenida Magalhães Barata (cor amarela); Avenida Braz de Aguiar (cor verde) e, por fim, na cor azul, a Avenida Gentil Bittencourt. Fonte: Captura de tela do Google Maps.	36
Mapa de Belém em 1905, sob o comando de Antonio Lemos. Já nota-se a “definição” do bairro de Nazaré, com a presença da “Estrada de São Braz”, hoje, Braz de Aguiar. Fonte: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA.	38
Detalhe do mapa de Belém em 1905, sob o comando de Antonio Lemos. Já nota-se a “definição” do bairro de Nazaré, com a presença da “Estrada de São Braz”, hoje, Braz de Aguiar. Fonte: Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da UFPA.	39
Miríades: carroceiro passa trabalhando em frente a uma pequena casa abandonada ao lado do pomposo Hotel Radisson, na Braz. Foto deste autor em 05 de fevereiro de 2022. Abaixo, foto do autor na avenida Antônio Barreto, bairro do Umarizal, dia 06 de novembro de 2019.	42
Detalhe do mapa de Belém em 1948, já com a presença da avenida "Comandante Braz de Aguiar", disponível no acervo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU).	43
Mapa de Belém em 1948, já com a presença da avenida "Comandante Braz de Aguiar", disponível no acervo da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (FAU).	44
Cenas cotidianas no Brasa King. Fotos deste autor em 25 de janeiro de 2023.	46
Da “China a França” em poucos passos: estabelecimentos na Braz de Aguiar. À direita, um segurança do restaurante Grand Cru. Foto do autor no dia 19 de outubro de 2019.	46
Vazio preenche a Braz. Foto do autor na noite de 19 de março de 2020.	47
Cotidiano e lojas na Braz de Aguiar: vendedor em sua bicicleta passa em frente a loja La Rocha. Foto do autor no dia 19 de outubro de 2019. Abaixo, antiga fachada iluminada da loja Le Lieu. Foto do autor no dia 20 de dezembro de 2019. A iluminada loja “Ayla”. Foto do autor no dia 1º de outubro de 2022.	48
Margens? Em geral, após chuvas, boa parte do trecho da Braz entre Serzedelo Corrêa e Dr. Moraes fica alagado. Fotos deste autor em 22 e 25 de janeiro de 2023, respectivamente.	49
Capas do jornal O Liberal e Diário do Pará, ambas do dia 10 de abril de 2021.	51
Braz, um dia depois da forte chuva e ventania do dia 9 de abril de 2021. Fotos deste autor no dia 10 de abril de 2021.	52
Entre altos e baixos: acima, a suntuosa piscina e portal na cobertura do Hotel Radisson. Foto deste autor em 29 de dezembro de 2019. Abaixo, um buraco que permaneceu por algumas semanas bem em frente ao hotel. Foto feita quase um ano depois, em 19 de dezembro de 2020.	53
Aderências: fachada da casa de shows Ibiza e do restaurante Redentor. Foto do autor no dia 16 de novembro de 2019. Na foto ao lado, fachada do Radisson Hotel refletindo a iluminada casa de shows Ibiza. Foto do autor no dia 25 de julho de 2020.	54
Barbearia Rockfeller, dentro e fora, com seu parklet inserido na Braz de Aguiar. A primeira foto é de 28 de novembro de 2019, enquanto a segunda é 19 de janeiro de 2023 e a terceira de 24 de maio de 2020.	55
A padaria Delicidade. Independente do dia e do momento, a maioria dos clientes é composta por pessoas brancas. A primeira foto é de 19 de outubro de 2019. A segunda, de 03 de agosto de 2019. A terceira, de 14 de julho de 2020. Por fim, a quarta foto é de 8 de outubro de 2022. Todas as fotos são deste autor.	56

Cosanostra. Acima, fachada e balcão do "Cosa" em tempos de pandemia. Fotos deste autor no dia 25 de julho de 2020. Abaixo, registros do parklet instalado à sua frente, na avenida Benjamin, quase esquina com a Braz de Aguiar. Fotos de 08 de outubro de 2022.	58
Small Shopping e abaixo, Golden Shopping. Fotos deste autor no dia 16 de junho de 2020..	59
De que “capital” falamos? Foto deste autor no dia 18 de junho de 2020.	60
Em busca de distinções. Captura de tela do Twitter em outubro de 2022.....	61
Waffle King. Foto deste autor em 24 de dezembro de 2021.	61
Padaria Camões. Fotos deste autor em 08 de janeiro de 2021 (acima) e 1 de fevereiro de 2023 (abaixo, esquerda) e, à direita, foto na manhã de 19 de janeiro de 2023.	62
Quem observa quem? Café na Delicidade, na Braz, com o cachorro. Foto feita por este autor no dia 08 de outubro de 2022.	63
Páginas 3, 4 e 5 do “book” de planejamento e apresentação do Quadra Braz Corporate, que privilegia em sua apresentação a presença de pessoas pretas, mesmo que, ao observar a avenida, seja perceptível que a maioria que mora e frequenta seja branca.	64
“A localização mais dinâmica e valorizada de Belém”. Captura de tela do twitter em agosto de 2022.....	65
Braz dos barulhos e da impossibilidade de morar. Captura de tela de publicação no Twitter em agosto de 2021.	65
Percurso ao longo do tempo: condomínio Ipiranga. Acima, foto de Conceição Cabral, mostrando a construção do Jardim Ipiranga, na década de 1970. Fonte: página “Nostalgia Belém”, no Facebook. Abaixo, passado e presente, em edição deste autor. Por fim, Condomínio Ipiranga atualmente. Foto deste autor em 30 de março de 2021.	66
O adeus. Fotos do autor em no dia 19 de outubro de 2019 no bazar do Spazzio Verdi.....	68
Fotos da fachada e área em frente ao Spazzio Verdi, em diferentes momentos. Exceto as duas acima, que são do perfil “Ricfelix”, no site Skyscrapercity, as demais foram feitas por mim entre 2019 e final de 2022.	70
Fotos de autoria desconhecida, disponibilizada por Manuel Dutra em publicação em seu blog de agosto de 2010: http://blogmanueldutra.blogspot.com/2010/08/e-isso-mesmo-um-aviao-sobre-uma-casa.html	70
Registro da apresentação de saxofonista no Bitita. Foto deste autor em 07 de janeiro de 2021.	71
Seu João atende compradores em uma tarde de janeiro de 2023 na Revistaria da Braz. Foto deste autor.....	72
No mapa acima, a pequena linha em vermelho representa a Braz de Aguiar, no bairro de Nazaré. Já os círculos em azul representam: 1) residência de Mirna de Alexandria, no bairro da Cremação; 2) casa de Caroline da Souza, no bairro da Marambaia; 3) endereço de Brena Mendes, no bairro da Pedreira; 4, 5 e 6) município de Ananindeua, região metropolitana de Belém, moram Elisângela Santos, Angélica Álvares de Souza e Claudilene Assis; 7) Residência de Letícia Falcão, na Braz; 8) Márcio Castro, que faz doutorado na USP e reside em São Paulo, quando vem a Belém, fica na casa dos pais, na Braz; 9) casa de Rafael José Fontel da Silva, no bairro do Marco; 10) residência de Giordana Flores, no bairro de São Brás; 11 e 12) endereços dos irmãos Loureiro, Rony e Cristóvão, ambos no bairro do Umarizal; 13) residência de Daniele Rocha, bairro de Batista Campos, próximo da Braz; 14) Juliana Travassos, que mora na Braz	

de Aguiar; 15) prédio onde mora Ricardo Cardoso, na Batista Campos; 16) casa de Seu João, no bairro da Pedreira e, por fim, 17) residência de Jefferson dos Santos, no bairro Icuí-Guajará, em Ananindeua. Fonte: captura de tela do Google.	88
Trecho da Braz de Aguiar, próximo da esquina com Serzedelo Corrêa. Foto acima: autoria desconhecida, disponível na internet. No meio, sobreposição com a foto feita por este autor em 18 de outubro de 2022.	92
Travessa Quintino Bocaiúva, próximo da Braz, entre a avenida e a Av. Nazaré. Acima, foto de “O Corujão”, feita por autor desconhecido em 1998. Fonte: página “Nostalgia Belém”, no Facebook. Abaixo, foto deste autor em 30 de março de 2021. Logo a seguir, passado e presente em sobreposição da primeira imagem com a foto feita por este autor em 31 de janeiro, evidenciando as mudanças em pouco mais de 1 ano. A área do antigo “O Corujão” é hoje ocupada por um escritório de advocacia, uma loja, uma papelaria e uma adega.	95
Capturas de tela em comentários sobre foto do bar O Corujão, na página Nostalgia Belém. .	96
Acima, edificação do princípio do século XX, na travessa Quintino Bocaiúva. A imagem está disponível no livro As edificações de Belém, de Ernesto Cruz (1971, p. 88). Abaixo, fotos feitas por este autor em dezembro de 2022 de uma residência na Braz de Aguiar, próximo da Quintino, evidenciando gaiteras, grade e escada na parte externa.	97
“Alphorria”? Prédios que adaptaram a arquitetura colonial na Braz. Fotos do autor.	98
Registro da Ink Spot, que durou menos de dois anos na Braz. Foto deste autor em 30 de março de 2021. À direita de quem observa, residência do século XX na Quintino Bocaiúva. A imagem está disponível no livro As edificações de Belém, de Ernesto Cruz (1971, p. 87). Abaixo, o curso preparatório para processos seletivos, que foi inaugurado no ambiente em 2023. Foto feita no dia 30 de janeiro de 2023.	99
Braz vazia e caquética? Captura de tela do Twitter em janeiro de 2023.	99
Mesmo ambiente, três estabelecimentos diferentes: acima, foto do antigo Boteco da Brás. Foto disponível no perfil RicFelix, no site Skyscrapercity. No centro, o bar e restaurante Rei da Amazônia. Foto feita em 22 de outubro de 2021. Abaixo e ao lado, fotos do Botequim da Braz. Fotos deste autor em 19 de janeiro de 2023.	100
Braz de passado ou de centralidade comercial? Captura de tela do Twitter em janeiro de 2022.	101
Alguns dos ambientes do Ôvibe. Fotos deste autor em 20 de janeiro de 2023.	102
Brasa com B de “barato” na Braz. Captura de tela no Twitter.	102
Imagens do antigo “Suco Expresso”, com foto disponível no TripAdvisor, e do empreendimento que o procedeu, o Salt Club. Fotos disponíveis no perfil do Facebook do estabelecimento.	103
Capturas de tela de publicações no Twitter em outubro de 2022.	105
Captura de tela da publicação disponível em < https://www.instagram.com/p/B5X1YbFBJqS/ >. Após contato via Instagram, Anna Belisa autorizou a utilização de tal imagem na pesquisa. Acesso em 27 de novembro de 2019.	107
Cenas, cores e detalhes da Braz que a tornam uma via “colorida”. Fotos feitas ao longo destes anos por este autor.	108
Registro feito por este autor em 08 de outubro de 2019.	111
Fotos da área interna da Barbearia Carioca. Fotos do autor.	112

A “High School” do Marista. À direita, detalhe da foto feita por este autor em 08 de outubro de 2019.....	114
Entre Paris, promoções de Black Week e Braz. Foto do autor feita em 25 de novembro de 2019 no interior da loja Le Lieu.....	115
Fotos feitas por este autor em diversos períodos da pesquisa, evidenciando ambientes kitsch em empreendimentos na Braz de Aguiar.	117
Capturas de tela do Twitter em publicações de janeiro e abril de 2022 e em agosto de 2021.	118
Braz como cenário: alguns dos ensaios fotográficos feitos na avenida. Capturas de tela disponíveis no Instagram.....	119
Obra de PV Dias, disponível em < https://www.instagram.com/p/CLabOcypjUP/ >. Acesso em 18 de fevereiro de 2021.....	121
Fotos deste autor na avenida Oscar Freire, São Paulo, no dia 22 de setembro de 2019.	123
Captura de tela de publicação no Instagram, sugerindo semelhanças entre a Braz de Aguiar e um setor de Lisboa. Ao lado, publicação no Twitter apontando para semelhanças com o Rio de Janeiro.	125
Fotos do autor na Rita Ludolf, Rio de Janeiro, no dia 07 de dezembro de 2020.	126
O sonho de morar na Braz. Capturas de tela de publicações no Twitter ao longo de 2022. ..	131
Capturas de tela de publicações feitas por Daniele Rocha em seu perfil no Instagram.....	132
Detalhe no caixa da padaria Camões, em foto deste autor em 07 de novembro de 2020. Ao lado, foto de cuidador de animais feita por mim em 22 de março de 2022.....	137
A Braz de Aguiar. Foto deste autor em 29 de dezembro de 2020.....	138
Registro da área externa do restaurante Manga Pub. Centralizado, ao fundo, um homem revisa sacos de lixo, enquanto as pessoas que estão no empreendimento seguem consumindo.	139
Redentor de braços abertos sob quem? Foto feita por este autor em 19 de outubro de 2019. Abaixo, uma pessoa pede ajuda para um grupo de idosos na Braz de Aguiar, em 2013. A demarcação especial sintetiza a financeira. Foto de “ricfelix”, disponível no site Skyscrapercity.	140
Cuidado ou apenas busca por maior lucro? Registro da fachada da Extrafarma, na Braz. Foto feita em 23 de maio de 2020.....	141
O “Outubro Rosé” do Grand Cru. Foto deste autor em 19 de outubro de 2019.....	143
Fronteiras. Placa no restaurante Cutelo, que ficava entre Quintino Bocaiúva e Generalíssimo Deodoro, informando que entregadores de alimentos via aplicativos, que iam até lá receber os produtos, deveriam aguardar na parte de fora do empreendimento. Foto feita em 30 de outubro de 2021. Abaixo, registro da pichação “Abaixo a burguesia”, que prosseguia na avenida Braz de Aguiar entre 2018 e fevereiro de 2023.	144
Tons da Braz: acima, almoço no restaurante San Tito; abaixo: saída de festa do Ôvibe e, ao lado, uma tarde no Duckbill. Abaixo, uma noite de sábado no restaurante PUG. Na lateral, capturas de tela do Twitter.....	145
Publicações no Twitter e no Instagram com registros de problemas no trânsito da Braz de Aguiar. No centro, acima, uma foto deste autor em 19 de outubro de 2019.	148
Fotos deste autor em janeiro de 2023, além de publicações no Twitter relatando problemas no	

trânsito em frente ao Colégio Marista, na Braz de Aguiar.	150
Publicações no Twitter mostrando problemas no trânsito da Braz de Aguiar.	151
Braz terra de ninguém? Captura de tela do Twitter em novembro de 2021.	153
Área externa do Studio Pub, que se apropria da calçada e se distingue dela apenas por uma cerca.	154
Por onde caminhar? Registros no Brasa King, Salt Club, Waffle King e a calçada “praiana” do Ôvibe. Fotos deste autor.	155
Ratos passeiam pela vala, ao lado das mesas da cafeteria Amazon Deli, em uma tarde de abril de 2021. Neste dia, pude perceber ao menos três no local.	156
Capturas de tela de publicações no Twitter. Ao lado, na foto acima, container de lixo e detritos em frente ao restaurante Grand Cru. Abaixo, corpo de rato morto em decomposição na Braz e, ao lado, sacas de carochos de açaí na via. Fotos deste autor em 19 de outubro de 2019, 02 de fevereiro de 2023 e 19 de janeiro de 2023, respectivamente.	157
Novamente: quem observa quem? Urubu, acima de barris de lixo, observa a Braz de Aguiar. Foto deste autor em 20 de janeiro de 2023.	158
As pessoas se alimentam quase “na vala”. À esquerda, foto do dia 21 de março de 2023, na calçada do restaurante PUG. À direita, registro feito por este autor em 15 de outubro de 2019, em frente ao Redentor.	159
Foto feita por este autor em 19 de janeiro de 2021.	163
Braz como síntese da classe média. Capturas de tela do Twitter.	164
Thiago Favacho, eu e Wallace Aviz em frente a barbearia Carioca. Ao fundo, o “calçadão” da avenida Dr. Moraes.	166
Calcinha na avenida, que por vezes fica inundada em alguns quarteirões, poste inserido no asfalto, tronco de árvore em frente a veículo de comunicação, carros importados entre veículos mais humildes ou cobertos com um simples papelão. Fotos deste autor ao longo destes anos.	172

SUMÁRIO

Considerações iniciais: entre partidas, chegadas e (re)conhecimentos	p. 15
Capítulo 1. Braz de Belém, Belém da Braz	p. 29
1.1. Caminhando pela Braz	p. 46
Capítulo 2. Pela rua e pela internet: pensando etnografias na Braz de Aguiar	p. 73
Capítulo 3. Paisagens na / da Braz: "prestígio", representações e recorrências	p. 90
3.1. <i>Made in</i> Braz?	p. 110
3.2. “Outras” Braz?	p. 121
Capítulo 4. A Braz é / e quem a “faz”	p. 128
4.1. O que se faz pela Braz	p. 137
4.2. Com jeitinhos, na Braz tudo se faz	p. 147
“Ilha Braz”? À guisa de considerações finais	p. 162
Referências bibliográficas	p.174

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

ENTRE PARTIDAS, CHEGADAS E (RE)CONHECIMENTOS

Quinta-feira de janeiro de 2021, fim de tarde. Sentado em uma mesa em frente à barbearia Rockfeller – situada na avenida Braz de Aguiar (ou, simplesmente, Braz), bairro de Nazaré, em Belém do Pará – aguardo um dos interlocutores desta pesquisa. O clima é ameno após a chuva que já banhara a capital paraense menos de uma hora antes. Mesmo com a proximidade do horário de “rush”, a avenida só não está completamente silenciosa por causa de um ou outro veículo que passa mais acelerado e devido a trilha sonora naquele trecho, que parte da barbearia. É de lá que surge a canção “Since I Don't Have You”, de 1958, do grupo “The Skyliners”.

Ao ouvir a introdução da música, feita cuidadosamente ao som de violino, piano e metais, fui tomado por uma sensação peculiar, quase emotiva. Naquele momento, a canção e a tranquilidade da via instigaram-me a compreensão de se tratar de um ambiente que agrega ou talvez incite práticas “diferenciadas” em relação ao restante da cidade. Tal relato, cara/o leitor(a), não se trata de uma descrição entusiasmada ou “ufanista” em relação à via, mas sim uma percepção mais sensorial que ajuda a indicar e começar a problematizar os hábitos, práticas e experiências dos indivíduos na avenida Braz de Aguiar, o *locus* desta pesquisa de doutorado.

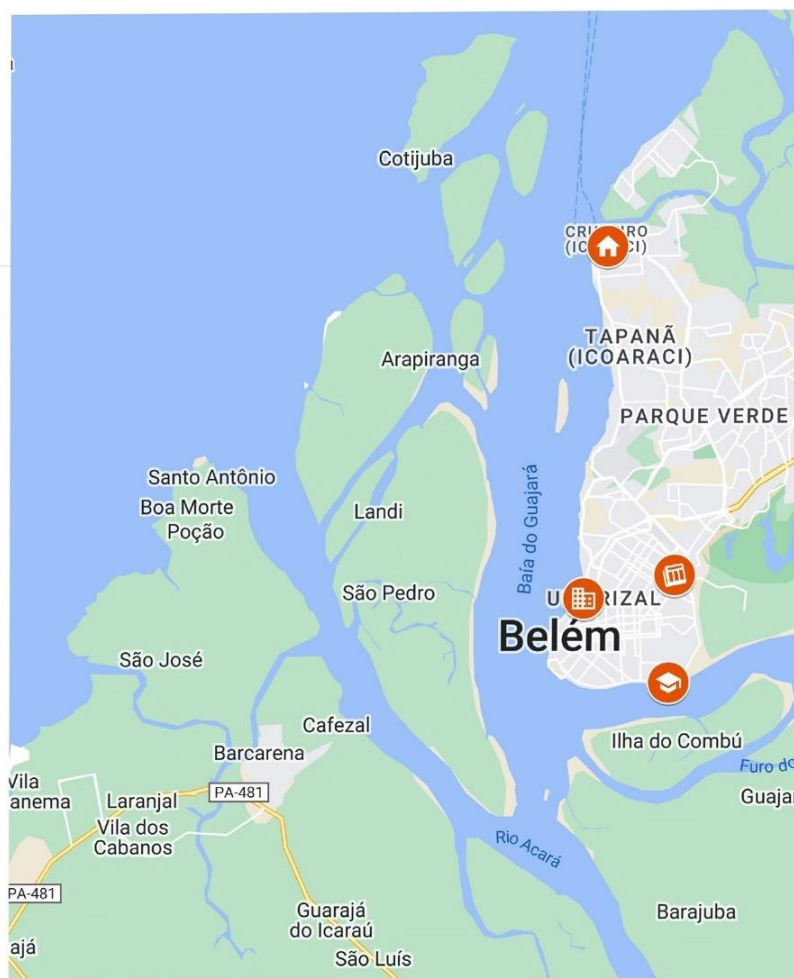
Em todos os trajetos realizados por mim nas últimas décadas, sejam os mais cotidianos ou mais interessados academicamente, não observei em Belém até este momento uma via capaz de agregar mais serviços e estabelecimentos, em geral, destinados à classe média e alta, como a Braz, observação que se coaduna a diversos interlocutores a que me refiro neste trabalho ou que dialoguei de forma cotidiana. Antes de apresentá-la como campo de pesquisa, creio que seja importante destacar algumas notas mais pessoais para situar o/a leitor/a.

Nasci em 8 de março de 1989 na cidade de Belém, em um hospital localizado no bairro do Marco, área que foi considerada, por muito tempo, como o nome sugere, um limite na capital paraense, a partir da qual outros bairros da cidade e sua região metropolitana se desenvolveram diante da expansão citadina. Aos três ou quatro anos, fui morar na cidade natal do meu pai, Irituia, pequeno município do nordeste do Estado, onde passei parte da infância antes de voltar

para Belém, em 1996, mais especificamente para o Distrito de Icoaraci, onde residi praticamente a vida toda.

Até agosto de 2019 terminava acessando diariamente vários pontos e bairros diferentes da cidade. Através das avenidas Augusto Montenegro e Arthur Bernardes (ambas com cerca de 18 km de extensão, que ligam Icoaraci a áreas mais centrais de Belém), seguia diariamente até portal Diário Online (DOL), onde atualmente sou editor e é situado na avenida Almirante Barroso, bairro do Marco, e a Faculdade Estácio do Pará, localizada na travessa Municipalidade, próxima à avenida Visconde de Souza Franco (conhecida como “Doca”), bairro do Reduto, considerada uma das mais “nobres” da capital paraense, além de passar por vários outros bairros. Havia também o caminho até a Universidade Federal do Pará, que alcançava cerca de 25 km de extensão. Circular pela cidade era comum. Lê-la, ou ao menos tentar isto, mais ainda.

-  **Residência (Icoaraci)**
-  **Portal Diário On Line (DOL)**
-  **Universidade Federal do Pará**
-  **Faculdade Estácio do Pará**



Destarte, por muito tempo não fui tão próximo da Braz de Aguiar – nem em relação aos meus percursos na cidade, nem em relação à minha residência –, o que poderia facilitar o (re)conhecimento do campo e a realização da etnografia. Isto ajuda a situar a pesquisa, bem como minha atuação no espaço social (SILVA, 2009, p. 172). A “visitava” por vezes de modo mais pontual, isto é, indo em algum bar (em especial o Cosanostra, bem próximo dela) ou restaurante, e observava suas peculiaridades, que serão discutidas ao longo deste trabalho, mas nunca com grande atenção acadêmica.

Em fevereiro de 2020, perdi minha Mãe e, devido a isto e outras questões pessoais e profissionais, me mudei para a avenida Gentil Bittencourt, entre travessa Quintino Bocaiúva e avenida Generalíssimo Deodoro, distante apenas um quarteirão da Braz, em 1º setembro de 2019, data “que marcou uma nova época da minha vida” (MALINOWSKI, 1997, p. 25). Minha percepção e compreensão sobre a Braz começaram a ser fortalecidas devido a uma maior constância no lugar e meu olhar em relação a ela foi transformado, pois “na pesquisa etnográfica, a participação do etnógrafo naquilo que investiga produz conhecimento, faz avançar a investigação”, como afirma Janice Caiafa (2007, p.137).

Atualmente, é na Braz que, através de várias caminhadas, sejam mais “cotidianas” (para consumir algum produto e/ou serviço) ou “interessadas” (com o objetivo acadêmico de ter conversas dirigidas, fazer entrevistas, fotos, vídeos ou mesmo anotações sobre seu cotidiano/sua constituição), observo uma cobertura verde com inúmeras “frestas” que se sobrepõe aos passantes e se espelha nos vidros de veículos que transitam no asfalto de qualidade regular.



A via não possui lombadas e é margeada por poucas casas, alguns prédios residenciais e, principalmente, uma série de empreendimentos com inúmeros serviços que vão de bares e restaurantes a lojas, escolas e ginásios. Desde 2018, quando iniciei esta pesquisa, vários

fecharam e reabriram com outros nomes, demonstrando grande rotatividade de serviços no estabelecimento. Em comum, há o fato de pertencerem e muitas vezes serem mais frequentados por pessoas de poder aquisitivo maior do que em muitas outras áreas da cidade, configurando uma espécie de “espaço privilegiado” ou que atrai pessoas que se observam como tais. Os serviços e produtos, em geral, possuem preços mais altos que outros bairros e empreendimentos na cidade de Belém.

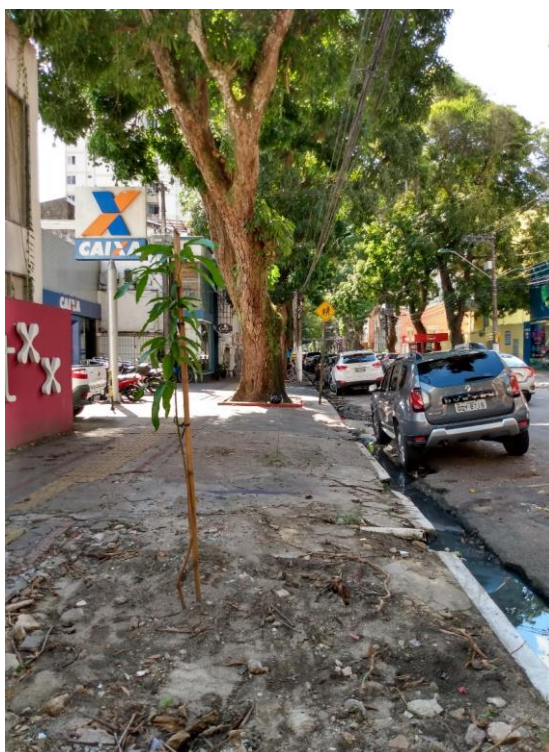
Não é raro ver passantes que caminham, em geral, de forma mais tranquila, usando seus aparelhos celulares sem demonstrarem grandes receios, diferentemente de outras áreas da cidade. Conversam, passeiam com os animais de estimação, param para cumprimentar alguém. Apesar da via possuir várias lojas de roupas, curiosamente, é rara a possibilidade de ver pessoas transitando e carregando sacolas, ou outras embalagens, nem que seja rapidamente para entrar em algum veículo rumo a outro destino.

O “clima”, em geral, parece ser mais tranquilo que em outros bairros de Belém, sugerindo, até certo ponto, maior segurança, o que não deve, obviamente, ser idealizado¹, mas é referido de forma espontânea em conversas e também nas redes sociais.

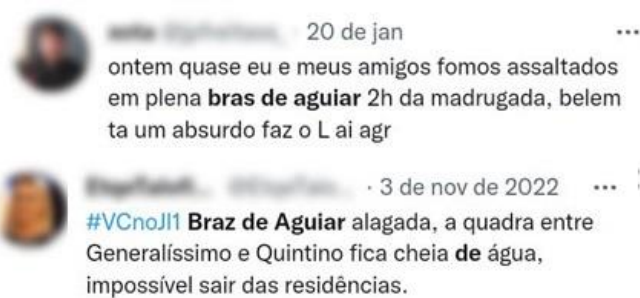
Há também vários trechos em que as calçadas não se mostram regulares: algumas estão destruídas, outras possuem desníveis, o que, por vezes, dificulta o trajeto e provoca acidentes, como a irmã de um amigo, que caiu ao descer de um carro certa vez.



¹ É possível lembrar de crimes muito violentos, como o sequestro de funcionários do restaurante Spazio Verdi, em agosto de 2009 (ver mais em <<http://blogdoespacoaberto.blogspot.com/2009/08/sequestro-no-spazio-verdi.html>>. Acesso em 04 de dezembro de 2020); execução de um oficial de justiça de 26 anos em 2014 (ver mais em <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/12/oficial-de-justica-foi-morto-apos-compras-em-shopping-diz-policia.html>>. Acesso em 03 de dezembro de 2020), assassinato de outro jovem, de 27 anos em sua residência, em uma vila próxima a Braz de Aguiar, em 2017 (ver mais em <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2017/01/jovem-de-26-anos-e-morto-por-bandidos-em-tentativa-de-assalto.html>>. Acesso em 04 de dezembro de 2020) e também queixas sobre a recorrências de assaltos na via, como as que foram feitas por alguns entrevistados e apresentadas em matéria da RBA TV em 2014 (disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IIfztRVS6r0>>. Acesso em 04 de dezembro de 2020).

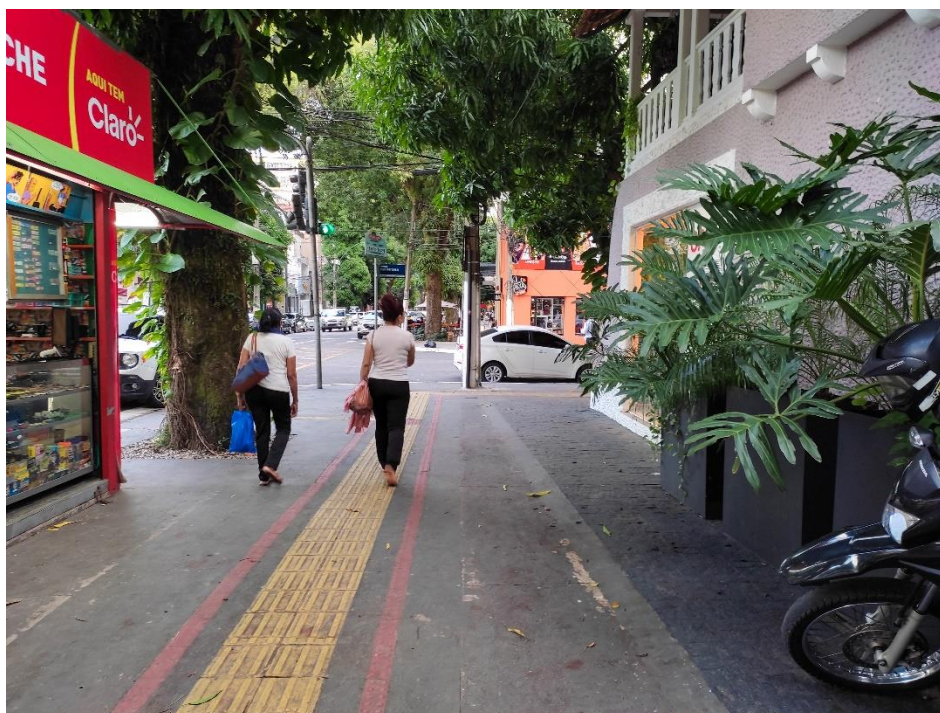


Também pelas redes sociais, em especial no Twitter, se vê discursos e relatos que evidenciam problemas na avenida, como assaltos, alagamentos, preços considerados altos e hábitos individuais (ou individualistas) que incomodam outras pessoas.



Na via, em que apenas um ônibus circula² há também, obviamente, pessoas que andam mais apressadas, não raramente carregando bolsas e mochilas, sugerindo que não moram ali e estão apenas de passagem, talvez para chegarem logo a outras importantes vias no bairro (como a avenida Nazaré, que se torna Magalhães Barata em sua contiguidade e a avenida Gentil Bittencourt), como contou-me Brena Mendes, ex-militar com então 24 anos, moradora do bairro da Pedreira.

Por relatar aqui algumas práticas “incorretas” e mesmo delituosas, defini com meu orientador que os nomes reais dos interlocutores não serão citados aqui, mas sim denominações fictícias. Ainda assim, obviamente, os interlocutores são fundamentais e ajudam não apenas na construção desta pesquisa, mas na tessitura textual desta tese. Ainda sobre isto, as falas utilizadas são apresentadas entre aspas, enquanto as citações de pesquisadores não as possuem.



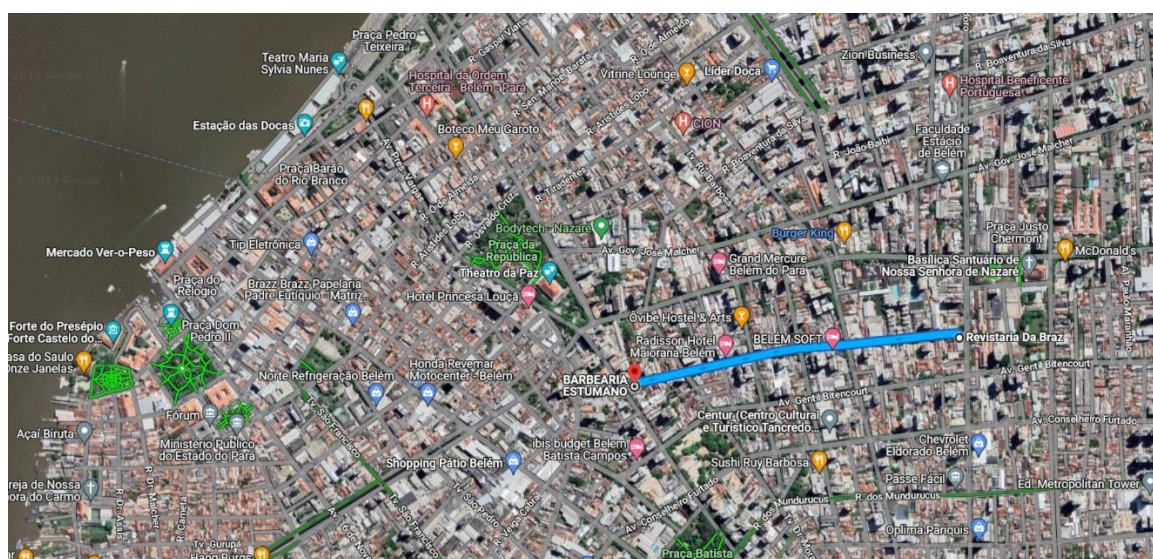
A jovem trabalhava como recepcionista na academia “Per4mance”, que frequentei brevemente entre o fim de 2019 e início de 2020. Situada na Braz, entre Generalíssimo Deodoro e Quintino Bocaiúva, em junho de 2020, a academia, após a liberação para que voltasse a

² Trata-se do “Castanheira – Pátio Belém”, que faz o trajeto entre os dois primeiros shoppings da capital paraense: o Castanheira, situado na rodovia BR-316, na divisa entre Belém e Ananindeua e o Pátio Belém, situado na avenida Padre Eutíquio, bairro de Batista Campos, distante cerca de 700 metros da Braz. O ônibus é de uma linha “seletiva”: menor e com ar condicionado, sendo há algum tempo o único deste tipo a operar em toda Belém.

funcionar mesmo durante o período pandêmico³, acabou encerrando suas atividades na Braz e migrou para a Gentil.

Conheci Brena após indicação de uma ex-aluna, que é sua amiga. O primeiro contato com ela foi via WhatsApp. Em poucos dias, agendamos uma entrevista no início da tarde, no estabelecimento citado. Segundo ela, “a Braz é bem mais tranquila, charmosa, então, se é caminho pra pessoa, é melhor e mais seguro passar por aqui pra depois, sim, ir pra Gentil ou pra Nazaré pra pegar ‘bonde’⁴, é melhor”, contou-me.

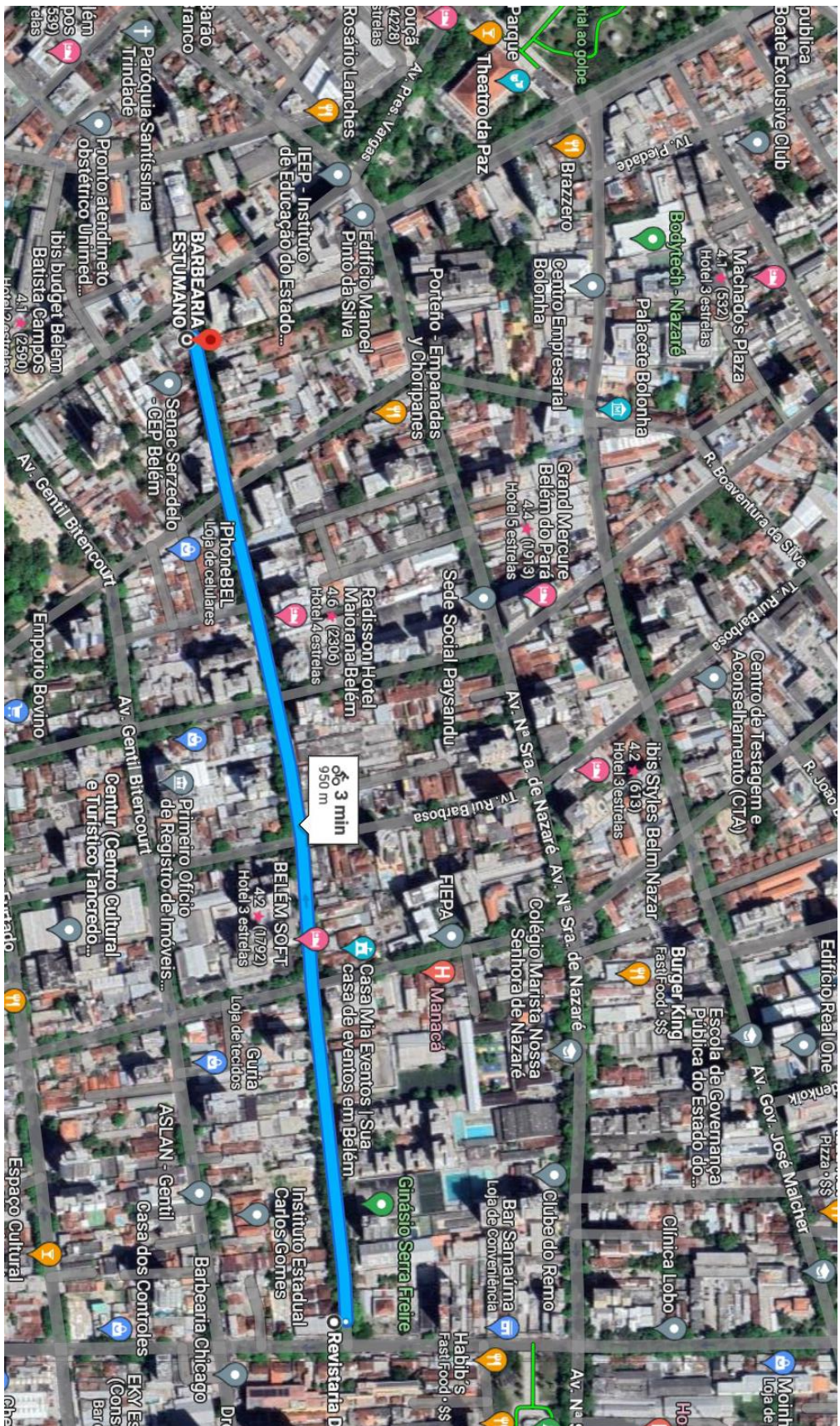
Ambas as avenidas citadas por Brena, no entanto, possuem maior extensão que a Braz, que percorre cerca de um quilômetro⁵. Também são mais largas, menos arborizadas e com fluxos bem mais intensos de veículos (particulares e coletivos) e de pessoas. Mais adiante, irei me deter sobre elas e as travessas Serzedelo Corrêa; Dr. Moraes; Benjamin Constant; Rui Barbosa; Quintino Bocaiúva e Generalíssimo Deodoro que, em conjunto, integram o bairro de Nazaré.



³ O primeiro caso confirmado de uma pessoa com coronavírus no Pará foi registrado e divulgado no dia 18 de março de 2020, em Belém. A primeira morte ocorreu uma semana depois, dia 25, de uma senhora em Alter do Chão, região do Baixo Amazonas. Pela demora nas confirmações, é possível crer que o vírus já estava circulando há algumas semanas no Estado. Até o final da produção desta tese, isto é, fevereiro de 2023, o Brasil possui quase 700 mil mortos, sendo que no Pará os óbitos ultrapassam 19 mil pessoas. Entre 2020 e 2021, houve dois *lockdowns* (em maio de 2020 e março de 2021) na Grande Belém, momentos mais longos de toque de recolher (desde fim de fevereiro e ao longo de todo o mês de março de 2021) e outros de liberação de praticamente todas as atividades, o que torna esta pesquisa – e sua escrita – “entrecortada” em vários momentos.

⁴ Gíria que indica “ônibus”.

⁵ A avenida Nazaré segue da avenida Serzedelo Correa até a Basílica Santuário, em percurso de cerca de 1,3 km. A partir de então, ela tem seu nome modificado para Magalhães Barata, seguindo até a Avenida Almirante Barroso, em frente ao Mercado de São Brás, perfazendo cerca de 1,5km.



Na Braz, pela noite, até antes da confirmação da pandemia do novo coronavírus na capital paraense, em março de 2020, consumidores se reuniam ou mesmo permaneciam solitariamente em alguns dos vários ambientes que integram a via para comerem e/ou beberem algo, sejam cafés, refrigerantes ou, principalmente, bebidas alcóolicas. Tal fluxo foi bastante variável entre 2020 e 2022, devido a pandemia: em julho de 2020, quando houve autorização para que bares e restaurantes pudessem funcionar, mas com capacidade reduzida de consumo, a frequência foi praticamente “normal”, com uma reabertura quase total e irrestrita dos estabelecimentos e sem fiscalização. Tal panorama mudou logo no início de março de 2021, quando houve um novo decreto do Governo Estadual, primeiro determinando toque de recolher das 22h às 5h e diminuição do horário de funcionamento dos estabelecimentos por duas semanas. Em seguida, houve *lockdown* por 14 dias. No fim do mês, voltou-se para o bandeiramento vermelho e a continuidade do toque de recolher.

Mesmo com tais restrições, necessárias no momento pandêmico, a Braz seguiu com alguns estabelecimentos com produtos e serviços (que, em geral, são mais caros) mantendo funcionamento quase “normal”. A avenida não deixou de ser associada às formas de consumo mais “elitistas” e das camadas médias, além de não ter grande número de estabelecimentos fechados.

Para se ter uma ideia, em algumas lojas, como a Maria Luiza Maison Atelier, a média de vestidos, por exemplo, fica entre R\$ 3 mil a R\$ 4 mil, enquanto a Mari Bali⁶ possui vestidos de R\$ 2 mil a R\$ 3 mil, mas também alguns de R\$ 8 mil a R\$ 10 mil, conforme



⁶ A loja era tradicional na Braz e permaneceu no local por mais de uma década, mas fechou no segundo semestre de 2022, dando lugar à loja Adriana Deluxe Maison.

relatou minha namorada, que em 2022 foi até às lojas na tentativa de comprar um vestido para o casamento de sua irmã. Consumir, aliás, creio que seja uma das práticas que mais acompanha ou ajuda a compreender o cotidiano da Braz de Aguiar.

Décadas atrás o logradouro era relacionado a lojas, especialmente de vestuário; hoje, encontra-se mais direcionado a restaurantes, lanchonetes, cafeterias e bares. Em comum, a percepção de que os serviços eram e ainda são vistos como destinados ao consumo de uma camada financeiramente mais privilegiada da cidade, com maior poder aquisitivo e *status*, algo fundamental na construção e manutenção de certa “distinção” de outras vias e bairros, tornando-se um “espaço geográfico socialmente hierarquizado” (BOURDIEU, 2007, p. 114), em que o lazer e o ócio parecem ser mais possíveis de serem praticados (VEBLEN, 1965), mas não por todos.

É justamente neste espaço que ocorrem processos específicos de socialidade e sociação (SIMMEL, 1983) que são construídos, dialogam e ajudam a fortalecer o estabelecimento de “paisagens de poder”, categoria debatida por Sharon Zukin (1996). Como discutirei mais à frente, os poderes, em especial o econômico, se expressam nos *habitus* (BOURDIEU, 1983) e na constituição da paisagem, que dá forma material a uma simetria do poder econômico e cultural (ZUKIN, 1996, p. 207), provocando inúmeras distinções de classe no local, diferenciando-o das demais ruas da cidade.

Sociação, sociabilidade, distinção, ócio e paisagens de poder, temas que são aprofundados ao longo desta tese, revelam-se categorias fundamentais nesta pesquisa e foram referidas por sujeitos entrevistados, apontando para o estabelecimento de hierarquias na forma de se compreender e praticar a avenida no contexto urbano da metrópole.

De modo direto ou indireto, tais diferenciações foram referenciadas em todas as entrevistas que fiz ao longo do trabalho de campo. Uma das pessoas que ouvi foi Claudilene Assis, então com 36 anos, que trabalhava há 2 anos na loja “Le Lieu”, e há cerca de 15 anos na avenida. A “Le Lieu” até o início da pandemia ficava localizada entre as travessas Dr. Moraes e Benjamin Constant. Após a liberação para voltar a funcionar, o estabelecimento “se mudou” para um espaço menor, ainda na Braz de Aguiar, entre as travessas Benjamin Constant e Rui Barbosa. Claudilene relatou o seguinte:

“Sempre trabalhei aqui na Braz. Durante todo esse tempo a gente passou por vários processos... A Braz de Aguiar, aqui em Belém, eu acho, é como se fosse ‘a avenida’... Era ‘o point’, né? Quando você fala ‘Braz de Aguiar’, a pessoa pensa logo ‘é só gente rica’, né?!, que mora na Braz... Assim, já teve várias mudanças. Hoje, se você perceber já abriram várias coisas, nem tanto lojas, porque antigamente era loja, era como se fosse um mini-shopping e hoje em

dia é diferente, você encontra de tudo um pouco: é bar, é churrascaria, é tudo! Tudo que tu imaginar hoje em dia na Braz tem”.

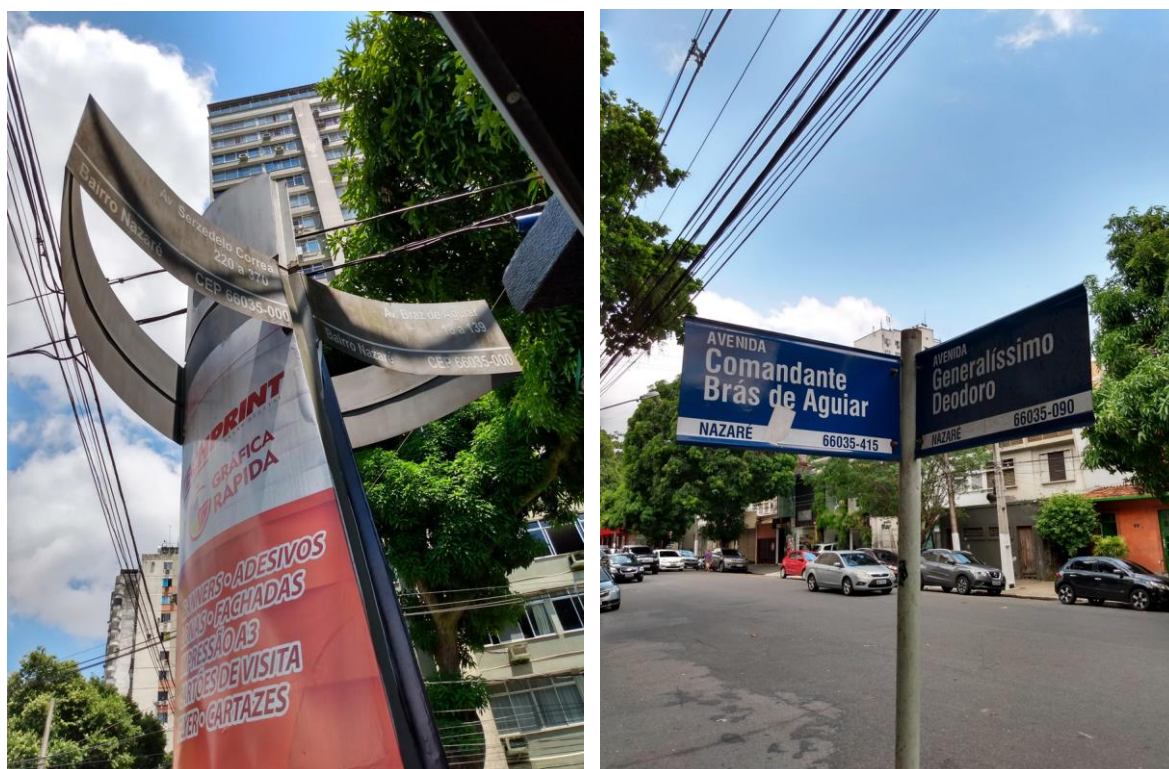
Algo semelhante afirmou Caroline da Souza, então com 25 anos, graduada em Farmácia, mestra em Doenças Tropicais na Universidade Federal do Pará (UFPA) e aluna de Medicina no Centro Universitário do Estado Pará (Cesupa), uma das instituições de ensino superior mais caras da capital do Estado. Natural de Abaetetuba, região nordeste do Pará, a jovem declarou:

“A gente vive num mundo de *status*. Apesar de eu ser discreta, não gosto muito de aparecer, sou bem tímida... Mas a gente se sente importante tendo *status*, então, quando alguém vinha dar uma carona [perguntava]: ‘onde tu mora?’ ‘Ah, moro na Braz de Aguiar’, tu sabe que pesa. Agora, eu não consigo nem explicar onde eu moro. Quando as pessoas perguntam, [respondo] eu moro na SN 6, lá na Marambaia. ‘Ah, mas como é? Tenho que entrar por aqui, por aqui...’ Então, assim, não tem *status*. Eu prefiro morar lá pela tranquilidade, mas aqui eu só falava ‘Braz de Aguiar’ e eu tinha orgulho, sim, em falar ‘minha rua’, porque é a rua mais bonita de Belém”.

Nestes breves relatos, é possível notar percepções que apontam para certa “idealização” da via (“tem de tudo”; “é a mais bonita da cidade”; “carrega *status*”) e, também, modos peculiares de compreendê-la no cenário urbano de Belém, seja como um espaço mais funcional, de trabalho ou de acesso a serviços, como também de lazer por ser um *point* na cidade. Por vezes, apenas por ser referida, a avenida já evoca certa força simbólica de diferenciação, incitando reações talvez “admiradas” de quem ouve e orgulhosas de quem fala. Ou seja: há um efeito narrativo de forte caráter simbólico no contexto urbano belenense.



A “rua mais bonita de Belém”, curiosamente, tem seu nome também grafado como “Brás”, inclusive nas placas que a identificam, o que confunde muitas pessoas e sugere certas tensões veladas ao longo de sua duração entre certo “tradicionalismo”⁷ e as modificações paisagísticas mais contemporâneas (gentrificações). Tais tensões, acredito, partem das relações triádicas entre o poder público (especificamente municipal), moradores e empresários, que chegaram a criar até uma associação – a Associação dos Lojistas da Avenida Braz de Aguiar e Transversais da Nazaré em Belém (ALBAT).



A via foi batizada em homenagem ao Almirante Braz Dias de Aguiar, militar nascido no Rio de Janeiro, mas que desenvolveu grande parte de sua carreira na Amazônia, em especial na Comissão Brasileira Demarcadora de Limites, como informa o portal da Marinha do Brasil. Em Belém, integrou a elite paraense no início do século XX, estando presente não apenas em ações militares, como em eventos destinados à “burguesia” da capital, como a inauguração da Rádio Clube do Pará, em 22 de abril de 1928, que estava ligada a três nomes principais: Edgar Proença (jornalista e colunista social); Roberto Camelier (advogado) e Eriberto Pio

⁷ Segundo a Lei Ordinária número 7709, de 18 de maio de 1994, a Avenida Braz de Aguiar, em trechos específicos com as travessas Quintino Bocaiúva, Benjamin Constant e Rui Barbosa, integra o Centro Histórico de Belém e, portanto, deve obedecer determinadas regras de construção e habitação. Ver mais em <http://www.belem.pa.gov.br/semaaj/app/Sistema/view_lei.php?lei=7709&ano=1994&tipo=1>. Acesso em 20 de novembro de 2020.

(telegrafista). Tal grupo ainda era formado por Sain-Clair Passarinho, Antônio Mendes Fernandes, Gastão Vieira, Alberto Engelhard, Rodolfo Dourado, Antônio Martins, Carlos Araújo e o próprio Almirante Braz de Aguiar (OLIVEIRA, 2011, p. 24).

O portal *O Pará nas Ondas do Rádio*, da Universidade Federal do Pará (UFPA) destaca também a presença de Braz de Aguiar, e cita outros nomes que participaram da criação e inauguração da Rádio Clube do Pará,

[m]ais precisamente em 22 de abril de 1928, foi fundada em Belém a Rádio Clube do Pará (RCP). Participaram da fundação Eriberto Pio dos Santos, Roberto Camelier, Edgard Proença (os três donos de fato da Rádio Clube), Rodolfo Dourado, Mendes Fernandes, Abelard Silva, Romeu Mariz, Almirante Braz de Aguiar, Eurico Monteiro, Miguel Martins e Carlos Araújo (Rádio Clube do Pará: “A voz que fala e canta para a planície”, s/d).

Dito isto, é importante notar que a Braz (grafia que aqui privilegio, mantendo a referência ao nome do homenageado que a identifica), em sua origem, era chamada de Estrada/Avenida de São Braz (CRUZ, 1992, p. 95) e foi rebatizada após a morte do militar, no fim da década de 1940. A partir das décadas de 1970 e, principalmente, em 1980, a avenida, que já agregava famílias de maior poder aquisitivo, ganhou *status* de grande “*shopping* ao céu aberto” de Belém, por conta da localização “privilegiada”, bem como pela quantidade de lojas presentes no local.

Nota-se, então, a permanência de espaços mais tradicionais e duradouros, isto é, as residências, bem como estabelecimentos que podem passar por mudanças, como lojas, bares, cafeterias e restaurantes, que fazem com que as paisagens sejam (re)construídas com certa frequência na avenida. Isto é relevante, afinal sigo nesta pesquisa o conceito de paisagens como construções processuais (SANSOT, 1983; SILVEIRA, 2004; ECKERT, 2009; ECKERT e ROCHA, 2013), que levam em conta o papel da ação humana no estabelecimento e (re)criação imagética dos espaços que atravessam tempos, memórias e experiências e não apenas como “superfícies” materiais.

A avenida não deve ser compreendida como “homogênea”, afinal possui particularidades em cada um dos seis quarteirões que a integram, o que discutirei adiante. Antes, no entanto, é necessário entendermos um pouco mais a gênese da avenida Braz de Aguiar, sua história bem como outros processos socioculturais que originaram as percepções e práticas que existem hoje na via e suas relações com a capital paraense.

CAPÍTULO 1

BRAZ DE BELÉM, BELÉM DA BRAZ

Belém foi fundada pelos portugueses em 12 de janeiro de 1616, segundo a historiografia oficial. Era chamada *Mairi* (ROCQUE, 2001, p. 12) na língua tupinambá. Após a invasão lusitana foi batizada “Feliz Lusitânia”, em homenagem à “pátria-mãe” do capitão português Francisco Caldeira de Castelo Branco, o responsável pela comitiva que saiu de São Luís, no Maranhão, e se dirigiu ao local que hoje é a capital paraense.

A vinda dos portugueses para a região foi provocada pela necessidade de marcar e demarcar a região Norte do território brasileiro, garantindo, assim, a sua posse: a grande motivação para a fundação da cidade foi econômica (CRUZ, 1973, p.13). Dominar uma área com localização privilegiada e repleta de importantes recursos naturais, até então nem ao menos totalmente conhecidos, fazia-se necessário. O primeiro passo, deste modo, para proteger a cidade (na verdade, os colonizadores) foi a construção de uma fortaleza militar, o “Forte do Presépio” até hoje considerado um dos pontos turísticos da capital paraense.

Observar esta trajetória histórica desde a “origem” de Belém e a forte presença de elementos e influências internacionais, bem como sua mistura, em geral imposta e violenta, talvez nos ajude a compreender as referências e as recorrências que discuto aqui e que estão presentes em várias áreas da cidade, e, mais ainda, na avenida Braz de Aguiar. Também é possível pensar em uma série de práticas verticais que impõe modificações nas paisagens urbanas, ora agredindo a natureza com fins econômicos; ora a preservando como um atrativo, que acredito ser bem mais próximo de torná-la uma *commodity* do que necessariamente um ícone de preocupações sociais e ambientais. De todo modo, sempre há certo ar de exclusão social em relação à população pauperizada e, mesmo, de higienização.

É possível inferir isto quando observamos as mudanças paisagísticas na cidade ao longo do tempo, provocadas não somente pela necessidade de sua (re)adequação urbana, e promovidas, muitas vezes, por ações de alguns governantes que, em geral, importavam ideias

e modelos para replicarem na cidade. A formação do bairro de Nazaré e a origem da Braz de Aguiar estão inseridas neste contexto.

Tal processo tem início no ano de 1793, quando se considera que o “caboclo Plácido” encontrou uma imagem de Nossa Senhora de Nazaré às margens do Igarapé Murutucu, área onde hoje se encontra a avenida 14 de Março, distante cerca de 300 metros da Braz. No local, foi erigida uma pequena capela, que décadas depois deu origem à Basílica Santuário, em homenagem à padroeira da capital do Estado. O local passou a receber também, anualmente, uma procissão em devoção à santa, o Círio de Nazaré⁸.

Tendo a capela como ponto de referência da Igreja Católica na área, o trecho, situado na região leste de Belém, começou a receber mais moradores, que construíram no entorno do templo seus sítios e rocinhas, iniciando um processo de organização da via. As chamadas rocinhas eram uma espécie de “casa de campo, ampla e avarandada, sem forro, como geralmente todas as moradias da época. Ficava edificada no centro do terreno, bem cultivado, onde as árvores frutíferas tomavam grande espaço” (CRUZ, 1971, p. 185).

A construção deste tipo de habitação, acredito, foi o grande “ponto de virada” para o desenvolvimento do bairro de Nazaré, entendido como um local privilegiado. Deve-se notar que o impacto da construção da capela e das rocinhas foi grande, não apenas mudando até o nome da via, mas também porque a Estrada de Nazaré se tornou “o lugar preferido para a construção das rocinhas, tão do agrado dos naturalistas que visitaram Belém por essa época” (CRUZ, 1992, p. 89). Em conjunto com a maior organização e incentivo ao Círio de Nazaré, a área passou a ser percebida de modo peculiar e, mesmo, charmoso, numa cidade em franca expansão de seus limites.

O próprio investimento ao Círio de Nazaré não foi espontâneo. Pelo contrário, já que fez parte de uma série de mudanças mais amplas.

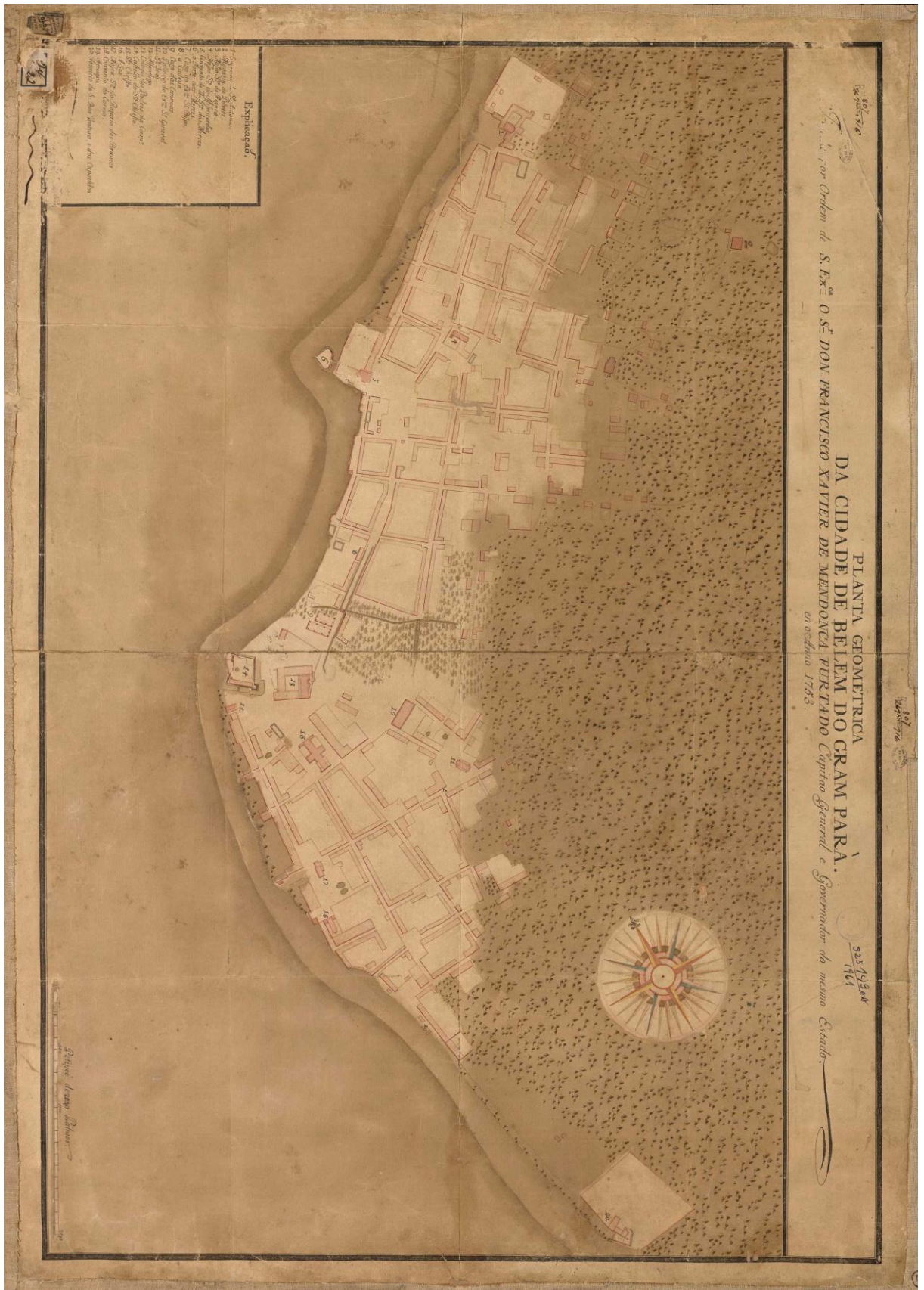
⁸ Realizado em Belém do Pará desde 1793, o Círio de Nazaré é a maior procissão religiosa do Brasil. Segundo o Dossiê do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), de 2006, a devoção a Nossa Senhora de Nazaré começou, no Brasil e no Pará, no município de Vigia de Nazaré, distante cerca de 80 quilômetros de Belém (2006, p. 12). Citando Heraldo Maués, Antonio Maurício Dias da Costa (2009, p. 183) observa que a origem do Círio, em especial na capital paraense, está ligada aos círios que eram feitos em Portugal desde o século XVII (2009, p. 182). O Círio em Belém ocorre anualmente, nas manhãs de todo segundo domingo de outubro, reunindo cerca de dois milhões de romeiros em uma caminhada pelas ruas da capital paraense em homenagem a Nossa Senhora de Nazaré. A procissão, que envolve vários ícones, parte da Catedral de Belém, no bairro da Cidade Velha, e segue até a Basílica Santuário de Nazaré, no Bairro de Nazaré, onde a imagem da santa fica exposta para visitação dos fiéis durante 15 dias. Além desta procissão principal, no período do Círio ocorrem várias outras atividades de devoção, como a trasladação (procissão realizada no sábado à noite, véspera do Círio) e diversas peregrinações e romarias, como a “romaria fluvial”, realizadas durante a chamada “quadra nazarena”. Ocorrem ainda neste período, outras atividades que podem ser consideradas “profanas”, como a Festa das Filhas da Chiquita e o Auto do Círio.

Data ainda desse final de século [o XVIII] o culto a Nossa Senhora de Nazaré, de que resultaria não somente a profunda Fé arraigada no espírito do povo paraense, como também da organização do **CÍRIO**, a magestosa romaria instituída pelo Governador e Capitão General do Estado do Pará e Rio Negro d. Francisco de Sousa Coutinho; o serviço do Correio; a fundação do Jardim Botânico; o estabelecimento de escolas de ensino primário e de humanidade; a abertura de novas praças chamadas então **LARGOS**, ruas, travessas e poços de serventia pública (CRUZ, 1973, p. 245, grafia original).

Na segunda metade do século XVIII, então, nota-se um período em que crescimento urbano e populacional de Belém foi mais acentuado (CRUZ, 1973, p. 244), bem como a construção e incentivo a alguns espaços. Isto seria intensificado mais ainda décadas depois com a intendência de Antonio Lemos⁹. Suas obras colaboraram para o incremento do bairro de Nazaré e sua transformação em área mais urbana, mas que ainda cultivava áreas verdes, atraindo vários naturalistas. Por possuir várias mangueiras até hoje, em determinados períodos do ano, a via termina ficando repleta de folhas e frutos no chão, que tornam a calçada escorregadia e podem provocar escorregões – inclusive deste autor – e quedas.

Ernesto Cruz cita o inglês Henry Walter Bates, que chegou em Belém em 28 de maio de 1848 e aqui permaneceu por mais de uma década. Autor de “O naturalista no Rio Amazonas”, em seus escritos, é possível ver sua narração de diversas áreas da cidade, como a “Aldeia de Nazaré”, onde morou quando viveu na cidade. Ele refere-se ao local, onde hoje está a praça Justo Chermont, “uma praça GRAMADA, em tórno da qual estavam as POUCAS CASAS e MUCAMBOS cobertos de palha, que então formavam a aldeia”. Acrescentava o naturalista que “o edifício mais importante era a CAPELA DE NOSSA SENHORA DE NAZARÉ, que se erguia defronte de nossa casa” (CRUZ, 1971, p. 37, destaques do autor).

⁹ Nascido em 1843 no Maranhão, Antonio José de Lemos fez carreira política em Belém, sendo o intendente da capital paraense entre 1897 e 1911, cargo que correspondia à prefeito atualmente. Com o dinheiro proveniente da extração e comercialização da borracha, o intendente promoveu várias mudanças estéticas nas áreas centrais de Belém, mas que resultaram também em uma prática higienista e agressiva contra os mais pobres e pessoas que vinham para a capital paraense, em geral ficando em bairros mais afastados e hoje considerados “de baixada”, termo associado às periferias em Belém.



Outro naturalista de relevo na época que também descreveu a “aldeia de Nazaré” foi o alemão Robert Avé-Lallemant, que chegou em Belém em junho de 1859:

As casas de campo (**ROCINHAS**) e a vegetação alcançam tôda a sua beleza, **SOBRETUDO NAS PROXIMIDADES DA IGREJA DE NAZARÉ**. Uma pequena igreja, com uma praça relvada, celebra todos os anos a grande festa comemorativa do milagroso salvamento dum naufrágio e das angústias da morte, realizado pela Mãe de Deus.

A cidade inteira acorre a essa festa e diverte-se, esvaindo-se em suor os europeus, sob o calor tropical.

Aí vi **CASAS DE CAMPO DE MELHOR GOSTO** (rocinhas) e reintegrei-me na mais perfeita cultura nórdica.

E logo ali perto a cottage de Mr Henderson. Mr Henderson é um comerciante inglês, que disse adeus à caprichosa Fortuna e a Mercúrio para homenagear o mundo das Hamadriades. (CRUZ, 1971, p. 50).

Há outros relatos dispostos nas obras de Ernesto Cruz: de naturalistas, médicos e outros estrangeiros que chegaram à capital paraense e foram hospedados em rocinhas de Nazaré. A área parecia ser a mais “atraente e bela”, por conta também da proximidade com a Igreja de Nazaré e porque seu caminho era bastante arborizado e menos quente, em que “a estrada de NAZARÉ estava plantada numa extensão de duas ou três milhas de belas árvores em que predominam as MANGUEIRAS” (CRUZ, 1971, p. 72).

O bairro, assim, começou a atrair mais pessoas abastadas e, décadas depois, passou a receber mais incentivos e melhorias, em especial no final do século XIX, durante a chamada *Belle Époque*, período em que a extração do látex possibilitou as transformações da fisionomia de algumas áreas de Belém.

Este processo de “instalação” das elites na área é também citado por Tony Leão da Costa (2013, p. 65), que reflete o quanto os imigrantes também contribuíram para a constituição de algumas das vias:

Com a presença de muitos imigrantes nordestinos e estrangeiros, novos caminhos surgiram ou foram ampliados, como a Estrada de Nazareth, Rua São Jeronymo, Estrada de São Brás, José Bonifácio, Rua do Jurunas, Rua Grande da Pedreira, as travessas do Marco da Légua e do sítio da Sacramenta etc. (COSTA, 2013, p. 65).

A narrativa, destacando a presença e importância de pessoas mais pobres, reflete ainda sobre a constituição das paisagens no local, afinal

[e]m Nazaré, por exemplo, eram comuns casas nobres fazerem vizinhança a casebres, cortiços, vacarias e altos de lojas. Esses ambientes eram habitados

Tal fluxo pela cidade ocorria também porque neste período, Belém já possuía alguns distritos, sendo Nazaré o terceiro deles, após “Cidade” (o primeiro deles, hoje chamado bairro da Cidade Velha) e Campina (o segundo, e que permanece com a mesma denominação). De acordo com Cristina Cancela, “os marcos judiciais confundiam-se com os religiosos, imbricando as referências que delineavam o espaço urbano” (2006, p. 106). Diz a autora que:

[p]or ser uma área mais recente de expansão, em suas vias concentrou-se grande parte dos palacetes e sobrados construídos em Belém à época da borracha, alguns deles ainda presentes na paisagem da cidade. Pouco a pouco, a freguesia de Nazaré e seus arredores foram sendo ocupados pelas famílias mais abastadas, que iam preterindo as ruas apertadas e comerciais da Cidade e da Campina. Essas famílias residiam preferencialmente nas estradas de Nazareth, de São Jerônimo e nas travessas em seu entorno (CANCELA, 2006, p. 112).

Assim, por causa da origem e referencial religioso, o então distrito de Nazaré começou a crescer e se tornar mais atrativo, passando a demarcar também certa “distinção” em relação a outros logradouros da cidade. Com diversas modificações urbanas, a área passou a se diferenciar mais ainda de outros trechos, até mesmo dos que foram organizados após sua constituição, como o quarto Distrito, que hoje compreende o bairro do Jurunas; o quinto, onde atualmente encontramos o bairro do Marco e o sexto, que alcança o bairro da Sacramenta. Cancela afirma que:

[f]ormado pelos bairros de Nazaré e a freguesia da Trindade, esse distrito não apenas era contíguo à Campina, como algumas ruas desse bairro pertenciam à sua área. O 3º distrito apresentava-se como alternativa de crescimento da cidade. Inicialmente formado por longos caminhos de terra onde se encontravam as inúmeras rocinhas da capital – uma espécie de casa de campo -, esse espaço foi sendo rasgado por largas ruas, estradas e avenidas (CANCELA, 2006, p. 112).

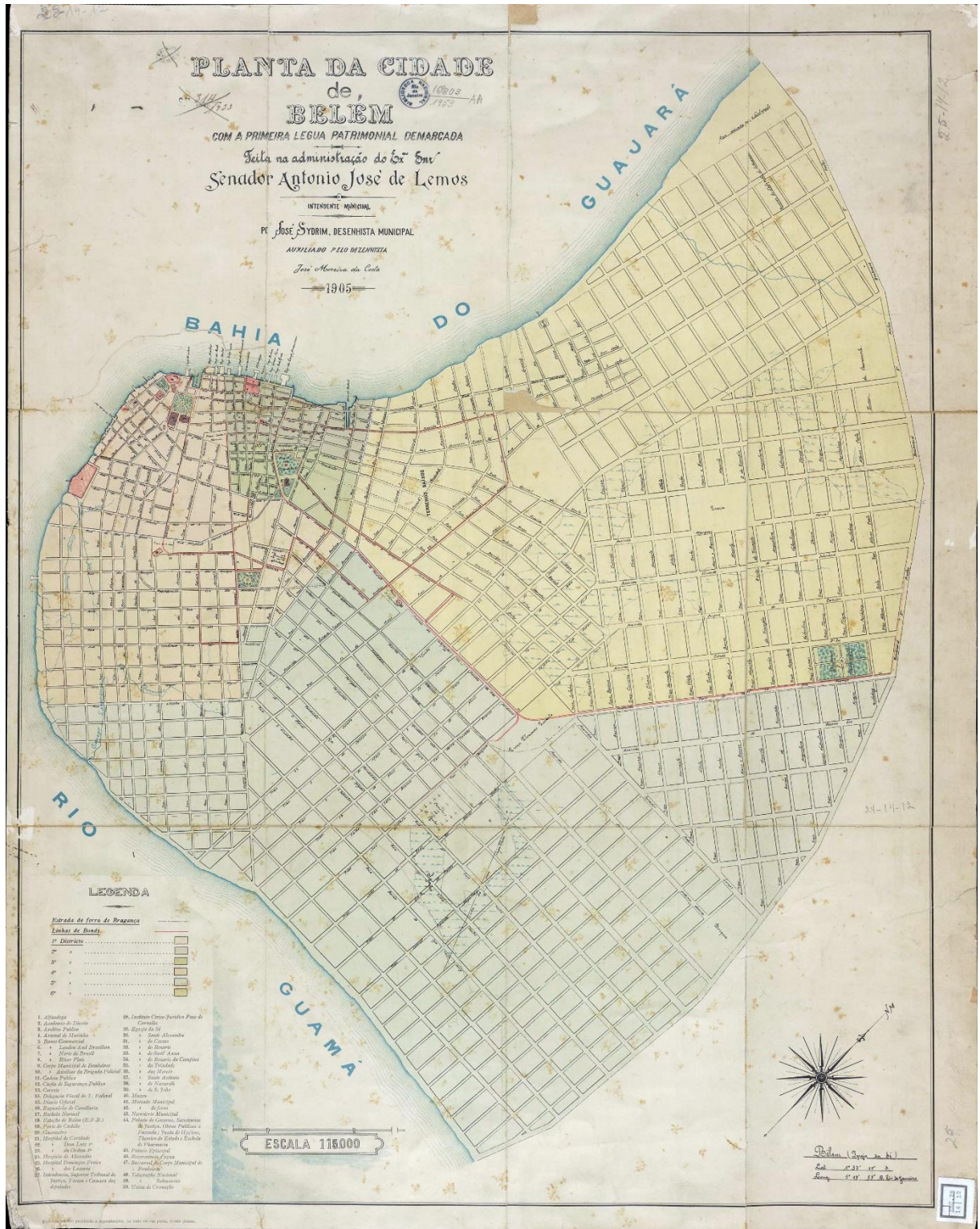
Este núcleo citadino que foi sendo desenvolvido, como se nota, já possuía como principais vias a São Jerônimo (atual avenida Governador José Malcher) e avenida Nazaré, além de transversais que ainda hoje compõem o bairro homônimo e “cortam” a Braz de Aguiar, que serão melhor apresentadas nas páginas seguintes. Até hoje, as avenidas Nazaré; Gentil Bittencourt e José Malcher são algumas das principais vias para integrar o bairro de Nazaré até a área de Comércio, centro histórico da capital paraense e outros bairros belenenses.

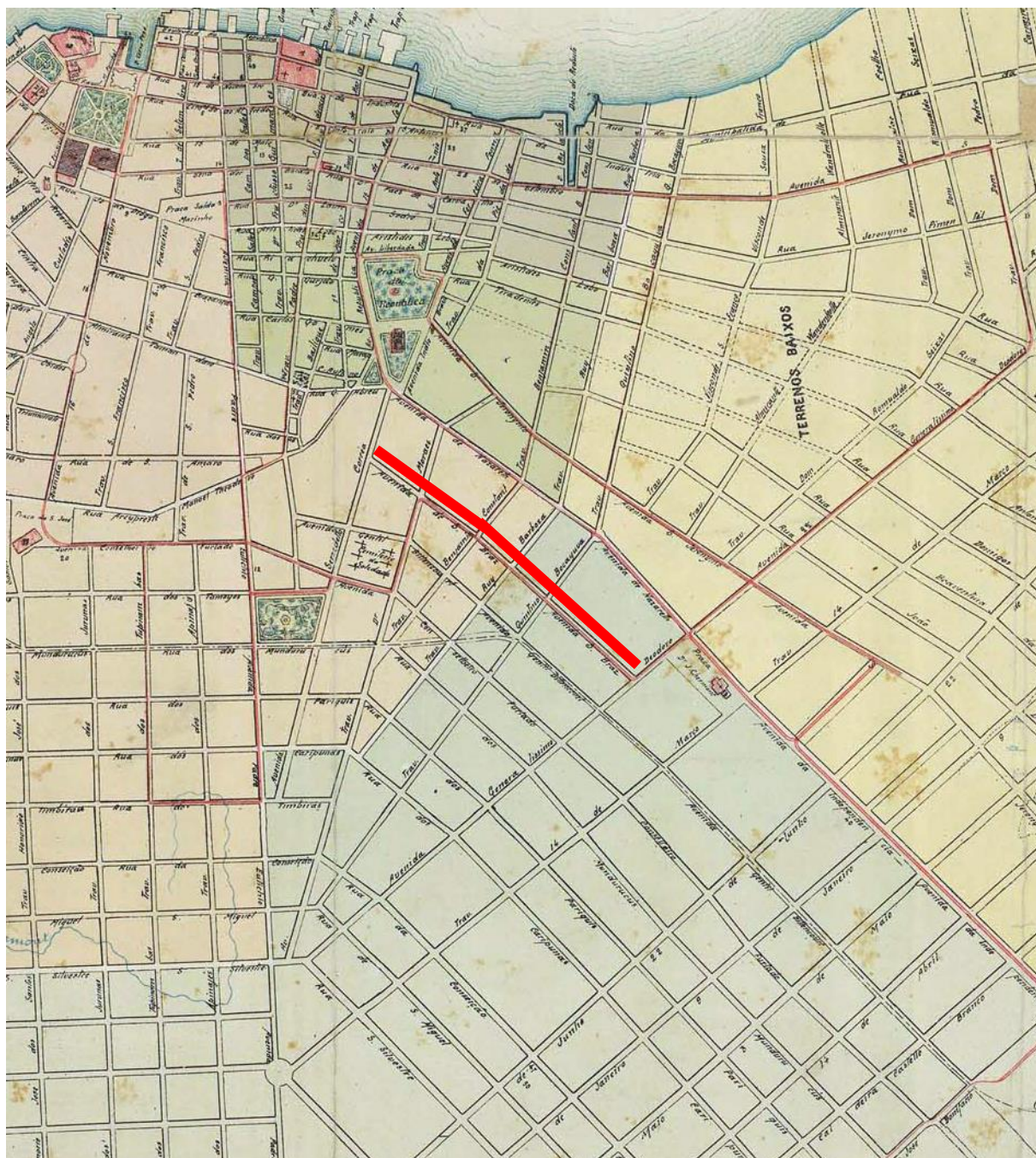
Entre elas, está a Braz (então chamada de Estrada de São Braz), que termina se constituindo em rota de passagem apesar de sua extensão menor em relação às outras citadas, mas que, em conjunto, constituem um “lindo bairro da cidade de Belém”, como Domingos

1897: Avenida Generalíssimo Deodoro, entre praça Justo Chermont e avenida São Braz: —Passeio de concreto (1902, p. 146)
 1898: Avenida Independência (hoje Magalhães Barata), canto da travessa 9 de Janeiro: —Aterro. Travessa Dr. Moraes, lado oriental, entre Nazareth e São Braz: — Aterro. (1902, p. 146)
 1899: Avenida Generalíssimo Deodoro, entre São Braz e Gentil Bittencourt: — Calçamento de granito e passeio. (1902, p. 147)
 1899: Rua Apinagés e travessa Dr. Moraes, entre as avenidas São Braz e Gentil Bittencourt: —Passeio de concreto. (1902, p. 148)
 1899: Avenida São Braz, entre Ruy Barbosa e Generalíssimo Deodoro: — Aterro forte. (1902, p. 148)
 1899: Travessa Dr. Moraes, entre as avenidas São Braz e Nazareth: — Construção de calhas. (1902, p. 149)
 1899: Travessa Benjamin Constant, entre São Braz e Gentil Bittencourt — Construção de calhas. (1902, p. 149)
 1899: Travessa Dr. Moraes, entre Gentil Bittencourt e São Braz: — Construção de calhas. (1902, p. 149)
 1899: Travessa Benjamin Constant, entre São Braz e Nazareth: —Construção de calhas. (1902, p. 149)
 1899: Avenida São Braz, entre as travessas Dr. Moraes e Benjamin Constant: — Construção de calhas (LEMOS, 1902, p. 149).

A recorrência de tais obras não é fruto do acaso. A preferência pelo bairro de Nazaré, em especial pela área do entorno da Igreja de Nossa Senhora, não era velada, pelo contrário, pois atendia os interesses das elites locais, no que se refere a um estilo de vida urbano. No relatório citado vemos que Antonio Lemos é bem específico ao afirmar que “são estas as praças mais bonitas da Capital e as que maiores melhoramentos recebem” (1902, p.189), referindo-se à Praça do Carmo, bairro da “Cidade”, bem como à “Praça de Nazaré”, onde hoje se situa o Centro Arquitetônico de Nazaré (CAN)/ Praça Santuário. Lemos afirmou que a “Praça Nazareth”:

[s]ituada n'um bairro elegante, não pôde ser dotada de ajardinamento, por ser n'ella celebrada a popular e movimentada festividade annual de Nazareth. No intuito, porém, de facilitar o grande transito alli, durante a mesma festa, alarguei no dobro os passeios circulares, de cimento, fazendo também construir outros, em forma de cruz, pelo centro do quadrilátero. Nos ângulos, collocaram-se quatro elegantes pavilhões para bandas de musica (LEMOS, 1902, p.189).





A relação de preferência entre os bairros da Cidade Velha e Nazaré era tamanha, que ambos foram escolhidos para serem os pontos de partida (Largo da Sé) e de chegada (Largo de Nazareth) do primeiro bonde que circulou na capital paraense, em 1907. Além disso, por possuírem a Catedral Metropolitana de Belém e a Basílica Santuário, ambos ainda seguem como pontos de saída e chegada das principais procissões do Círio de Nazaré.

É importante notar que a chegada do bonde fazia parte do projeto de criar a “Paris n’América” na capital paraense, em especial nos seus três primeiros distritos. Muito desta compreensão é propiciada por prédios construídos ou reformados em tal época na cidade e que

ainda existem, como o Teatro da Paz, palacetes - como o Pinho -, a loja Paris n'América, entre outros. Colabora também o conhecimento comumente difundido acerca do desenvolvimento e urbanização do bairro da Cidade Velha, construção do mercado do Ver-o-Peso, entre tantos outros possibilitados pela “fartura” que a extração do látex possibilitava aos grandes seringalistas importar produtos e tentar “copiar” hábitos e referências europeias.

Tal discurso idealizado, ainda que faça referência ao passado, muitas vezes sugere uma proximidade à ideia de “futuro”, “progresso” ou “desenvolvimento”¹⁰. Esta percepção – ou, num sentido mais amplo, o imaginário¹¹ –, segundo registros históricos, não foi homogênea, mas restrita a poucos “contemplados”. Benedito Nunes já alertara que, semanticamente, a própria expressão “Bela época” é recoberta por certa nostalgia que, mais que denotar um período histórico, o qualifica. “Como bela época que foi, já não existe mais” (NUNES, 2006, Introdução), afirma. Porém, tal expressão ainda carrega em si um ponto de referência do que pode ser melhorado, modificado. Em uma palavra, a possibilidade de “evoluir”.

Tais questões sugerem, ainda, a existência ou compreensão de um possível *spleen*, compreendido por Walter Benjamin como “um sentimento que corresponde à catástrofe em permanência” (2006, p. 392), neste caso, referida a certo projeto civilizacional no espaço amazônico paraense. Citando o autor alemão, Fábio Castro complementa afirmando que o *spleen* poderia ser traduzido como uma lembrança sensual, memórias desconfortáveis, certo gênero de nostalgia ambivalente (porque presa a um presente pouco visível) que chama de “saudades do desconhecido” (1995, p. 23).

A referência ao *spleen* – que também pode ser considerado um modo peculiar de experiência, observemos – ganha contornos mais fortes em Belém, afinal a história e vários lugares de fala que são reproduzidos sobre a cidade, inclusive por sua população, carregam por vezes termos relacionados à nostalgia, à melancolia e idealizações, como pude perceber em alguns relatos. Ricardo Cardoso, por exemplo, afirmou que a Braz possui “um charme daquilo

¹⁰ Para demonstrar este “exagero”, Benedito Nunes cita uma passagem de Paulo Prado no livro Retrato do Brasil (1928), ao afirmar que “nessa terra em que quase tudo dá, importamos tudo: das modas de Paris - ideias e vestidos - ao cabo de vassoura e ao palito”. O filósofo paraense ainda complementa afirmando que: “comia-se pão de trigo puro, vindo da Europa, e faltava a farinha de mandioca nossa de cada dia” (NUNES e HATOUM, 2006, p. 21).

¹¹ De acordo com Gilbert Durand (1997), para se compreender o imaginário, deve-se partir da observação e compreensão não apenas de imagens e a identificação dos símbolos que elas mobilizam, mas também dos significados relacionados às mesmas num dado contexto. Destarte, tais significados, por vezes são recorrentes (como, por exemplo, ao tentar se “interpretar” uma determinada cultura como um todo, ainda que ampla e complexa), bem como se relacionam com outros fatores, como local e temporalidade. Assim, o imaginário pode ser compreendido como “o conjunto das imagens e relações de imagens que constitui o capital pensado do *homo sapiens* (...), o grande denominador fundamental onde se vêm encontrar todas as criações do pensamento humano” (DURAND, 1997, p. 18), fortalecendo assim uma percepção “extra-sensorial” e que se expande além de categorias mais materiais e “pragmáticas”.

que a gente escuta da *Belle Époque*, daquela Belém bucólica, daquela Belém do andar na rua, daquela Belém do passear, que a gente não tem em outras ruas dessa cidade”.

Neste sentido, cabe destacar que, além das modificações urbanas já citadas, a “cruzada” que Antonio Lemos desenvolveu para “embelezar” a fisionomia urbana da cidade, na verdade, voltou-se aos seus três primeiros e principais distritos, portanto à região mais central da urbe. Em seus escritos, não é difícil encontrar referências diretas à necessidade de “melhorar” a aparência das residências, em um processo que favorecia apenas as camadas mais abastadas, que possuíam poder aquisitivo para tais modificações. Vejamos alguns trechos sobre a questão, com grifos do autor:

A luta da Intendência Municipal contra as casas **pequenas** e as **PUXADAS** continuou (CRUZ, 1971, p. 92).

A propósito das obras que iam ser feitas nas travessas **QUINZE DE AGOSTO** (chamada atualmente avenida **PRESIDENTE VARGAS**) e **FERREIRA PENA** (agora **ASSIS DE VASCONCELOS**), declarou o Intendente de Belém que já havia autorizado a demolição de prédios adquiridos pela municipalidade, cujos escombros tinham sido removidos; mas embora a área estivesse limpa, todavia contava ainda com prédios – “quase todos exíguos, velhos, feios, cuja supressão era urgente, pois estavam todos em clamoroso contraste com a beleza da praça da **REPÚBLICA**” (CRUZ, 1971, p. 92).

“Estou hoje como ontem, convencido da necessidade de nos opormos à monotonia da edificação urbana, decorrente dos **GRUPOS DE CASAS de UM SÓ TIPO**, consoante se vêem alguns exemplos em Belém (...)” (LEMOS *apud* CRUZ, 1971, p. 117).

“Tanto mais belo é o aspecto de uma rua, quanto maior fôr a variedade de **FACHADAS DOS PRÉDIOS**.

As fileiras de **CASAS DE UM SÓ DESENHO** lembram as vastas construções destinadas a quartéis, colégios, etc., dos tempos mais remotos” (LEMOS *apud* CRUZ, 1971, p. 118).

Como se nota, Lemos possuía preocupações e metas estéticas que, em geral, privilegiavam apenas as camadas mais altas de Belém e de que modo construíam as habitações, em especial suas fachadas. Suas propostas, em geral, visavam a destruição e/ou mudanças de várias edificações mais rústicas, bem como a prevalência de ruas mais largas para o tráfego de veículos e pessoas. Em suma, buscava certa “atualização” nas paisagens urbanas da cidade que, até então, era composta pelos incômodos “grupos de casas de um só tipo”, como afirma o Intendente. Seus objetivos e ações eram claros, tanto que o

cenário central da cidade foi transformado em espaço elegante e chique, por onde deveria desfilar a burguesia exibindo seu *poder, luxo e riqueza*. O resultado dessa modelação da cidade é a elitização do espaço urbano com a erradicação dos setores populares para as áreas mais distantes do centro (SARGES, 2002, p. 186, grifo meu).

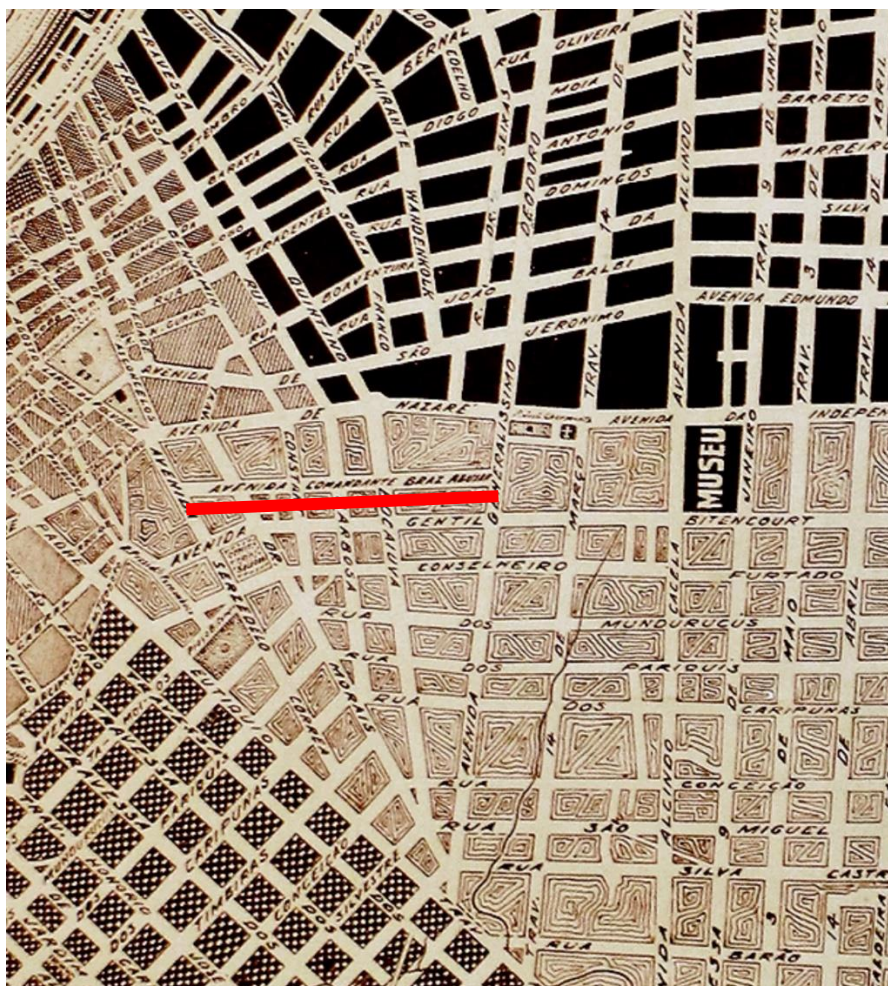
As áreas centrais da cidade, incluindo o bairro de Nazaré, passaram, então, a ser consideradas espaços para a “exibição” da tríade poder, luxo e riqueza, que deve ser acompanhada não apenas por práticas específicas dos sujeitos, mas também de uma ambiência urbana que se coadune com tal distinção, algo que está presente na Braz de Aguiar contemporânea. Contudo, ainda hoje não é difícil notar que as paisagens urbanas de Belém seguem bastante diversificadas, pois não há muitos padrões ou mesmo “continuidades”. Encontra-se, por exemplo, grandes prédios ao lado de pequenas residências, algo que o Intendente buscava evitar na capital paraense.



Em Belém, não há um grande bairro ou área que possa ser de fato considerado como elitista ou “destinado apenas” aos mais ricos. Certo é que algumas áreas do bairro do Umarizal, de Batista Campos e Nazaré são comumente relacionados a moradores das camadas médias e

altas financeiramente. Porém, isto não ocorre em grande escala e sempre há a relação entre espaços considerados mais elitistas com outros considerados mais simples e humildes.

Ao observar isto e, principalmente, sua “mistura” na capital paraense, cabe pensar também sobre a constituição de classes, em especial as altas e médias, não apenas discutindo seus conceitos ao longo da história, mas destacando o quanto tais categorias, mesmo não sendo homogêneas, possuem alguns elementos que as singularizam e permitem tais (tentativas de) definições. Neste sentido, é importante notar que não foi a teoria marxista que apontou para a existência da classe “média” no interior de uma lógica social baseada na divisão e segregação dos sujeitos a partir de sua relação com o capital. As reflexões de Karl Marx observavam a presença de dois grupos, divididos pelo modo como se relacionavam entre si e com os trabalhos, manuais ou não.



Tais relações definiam quem estava acima, isto é, os donos dos meios de produção, considerados capitalistas, responsáveis por provocar uma série de modificações não somente econômicas, como sociais: “a burguesia suprime cada vez mais a dispersão dos meios de produção, da propriedade e da população. Aglomerou as populações, centralizou os meios de produção e concentrou a propriedade em poucas mãos” (MARX e ENGELS, 2006, p. 89).

Abaixo, em tal relação hierárquica, estava a classe operária que, por não possuir os meios de produção, deveria desenvolver trabalhos manuais para poder ganhar seu sustento.

Apesar de fundamental para a compreensão do modo como o capitalismo se estabelece e se ressignifica no período contemporâneo, Marx não discutiu a emergência de uma classe intermediária entre os donos dos meios de produção e os seus funcionários. Outros pesquisadores, inclusive de tendências marxistas, passaram a considerar ou mesmo problematizar a existência de outro grupo: os trabalhadores assalariados não manuais. Para Klaus Eder:

[e]struturalmente, as classes médias foram definidas por sua localização no setor de serviços. Esse setor cresceu desde então, passando a incluir os artesãos e os comerciantes não-proletarizados, os grupos emergentes de colarinhos-brancos desde o começo do século XX, e finalmente grupos profissionais nas atividades de serviço social que cresceram em número nas quatro últimas décadas (2001, pp. 9-10)¹².

Por sua vez, Thorstein Veblen, no século XIX, já afirmara que “o trabalho manual, a indústria e de modo geral todas as tarefas relativas ao trabalho diário de subsistência tocam exclusivamente a classe inferior” (1965, p.5), apontando não apenas para uma divisão binária, mas para um processo econômico e sociocultural acerca da percepção das ocupações dos sujeitos, relacionando estas a costumes singulares. É justamente aí que algo que aprofundarei mais à frente ganha maior destaque e merece ser sublinhado: o “direito” ao lazer, práticas fundamentais para se pensar a Braz de Aguiar, afinal é através de tais práticas que pode-se ler mais a avenida e mesmo percorrê-la, seja por empreendimentos mais novos ou casarões mais antigos, adaptados às necessidades de mercado.

Devido a esta demanda mercadológica, em geral as fachadas buscam chamar mais atenção e atrair clientes, muitas vezes utilizando cores e expressões estrangeiras, como ocorre na Braz. Tais singularidades ficam mais perceptíveis se caminharmos pela avenida, notando algumas particularidades, trajeto que proponho a você a partir de agora, caro/a leitor(a).

¹² Em “A classe social tem importância no estudo dos movimentos sociais?”, Klaus Eder detalha que “as classes médias são compostas de pelo menos três grupos diferentes: os velhos e novos auto-empregados, os empregados de escritório e a nova classe média (aqueles que trabalham na indústria da cultura e no business de saúde)” (2001, p. 19).

1.1. CAMINHANDO PELA BRAZ

Iniciemos, então, o nosso trajeto pela via. O trecho entre a avenida Serzedelo Corrêa e a travessa Dr. Moraes, onde a Braz de Aguiar inicia, por exemplo, possui principalmente prédios residenciais e comerciais. Há uma barbearia, a “Estumano”, o restaurante *delivery* “China in Box”, o “Grand Cru”, que talvez seja o restaurante e adega mais direcionado para pessoas com alto poder aquisitivo ao longo da avenida. Na esquina da Braz com Serzedelo, está o Brasa King, restaurante/ bar que passei a frequentar bastante a partir do segundo semestre de 2021. Em geral, neste trecho vejo muitos idosos caminhando, principalmente pela manhã, estejam eles sozinhos, com cuidadoras ou levando cachorros para passear.

Até o início da pandemia era possível ver costumeiramente ao menos um guardador de carros, independente do horário, e um segurança que em geral trajava roupas pretas e ficava em pé, em áreas de recuo de alguns dos estabelecimentos.



Durante os primeiros dias do período pandêmico em 2020, com os devidos cuidados, caminhei uma vez pela avenida à noite, em 19 de março, quando a notei vazia em praticamente toda a sua extensão (nunca havia visto isso!), mas com os guardadores de carro trabalhando sem proteção alguma. Um mês depois, já durante o isolamento, no dia 18 de abril, pela manhã, observei ao transitar de carro, que praticamente todos os estabelecimentos estavam fechados.

A Braz, que “vive” basicamente por conta de seus empreendimentos, estava “mais silenciosa e melancólica”, como definiu o engenheiro e empresário Rony Couceiro, dono da construtora Quadra Engenharia. Depois, ao longo de todo o mês de maio e início de junho, com a “explosão” no número de casos de contaminação, meus fluxos pela avenida ficaram bem mais escassos e se restringiram a passagem de carro pela manhã, ou de tarde, em quantidade que não preenche os dedos de uma mão. Foi somente no fim de junho, ou seja, três meses depois da última caminhada na via, que voltei a andar por ela.

Antes de tal “hiato”, no entanto, na contiguidade da Braz, entre as travessas Dr. Moraes e Benjamin Constant, era possível encontrar outra configuração. O primeiro trecho citado possui iluminação pública “básica”, o que ironicamente torna a área mais escura e “soturna”. A partir da Dr. Moraes noto outros tipos de iluminação, que cintilam, principalmente, das fachadas dos estabelecimentos.

Neste quarteirão, um dos menores da avenida, é possível observar diversas lojas, que destacam em suas vitrines roupas femininas, mesmo ao longo da noite, como ocorria quando a “Le Lieu” lá estava, assim como a loja “La Rocha”. Tal iluminação obviamente não existe ao acaso. É uma estratégia de mercado, como foi explicado por Elisângela Santos, 44 anos, que trabalha na loja há 12 anos e, na Braz, há 16. A ideia de manter as luzes acesas ao longo da noite e da madrugada, mesmo que o estabelecimento não funcione, é de sua chefe, dona Sônia, como forma de chamar a atenção das pessoas e transformá-las em possíveis clientes.





Os ambientes ajudam a fortalecer a ideia de que se trata de um local de consumo diferenciado e com produtos mais caros, o que talvez ajude a colaborar mais ainda para a percepção da avenida como um logradouro destinado às classes mais altas. Tal questão evoca Thorstein Veblen, quando discute a repulsa a produtos mecânicos, que carregariam, pela sua reprodutibilidade, certa “vulgaridade” (1965, p. 74). Diz o autor que “aquilo que é comum está ao alcance (pecuniário) de muita gente. O seu consumo, portanto, não é honorífico, uma vez que não serve aos propósitos de uma favorável comparação emuladora com outros consumidores” (VEBLEN, 1965, p. 74). O espaço, assim, é moldado para ser atraente não apenas pelo que oferta, mas pelas experiências que possibilita e o que simboliza.

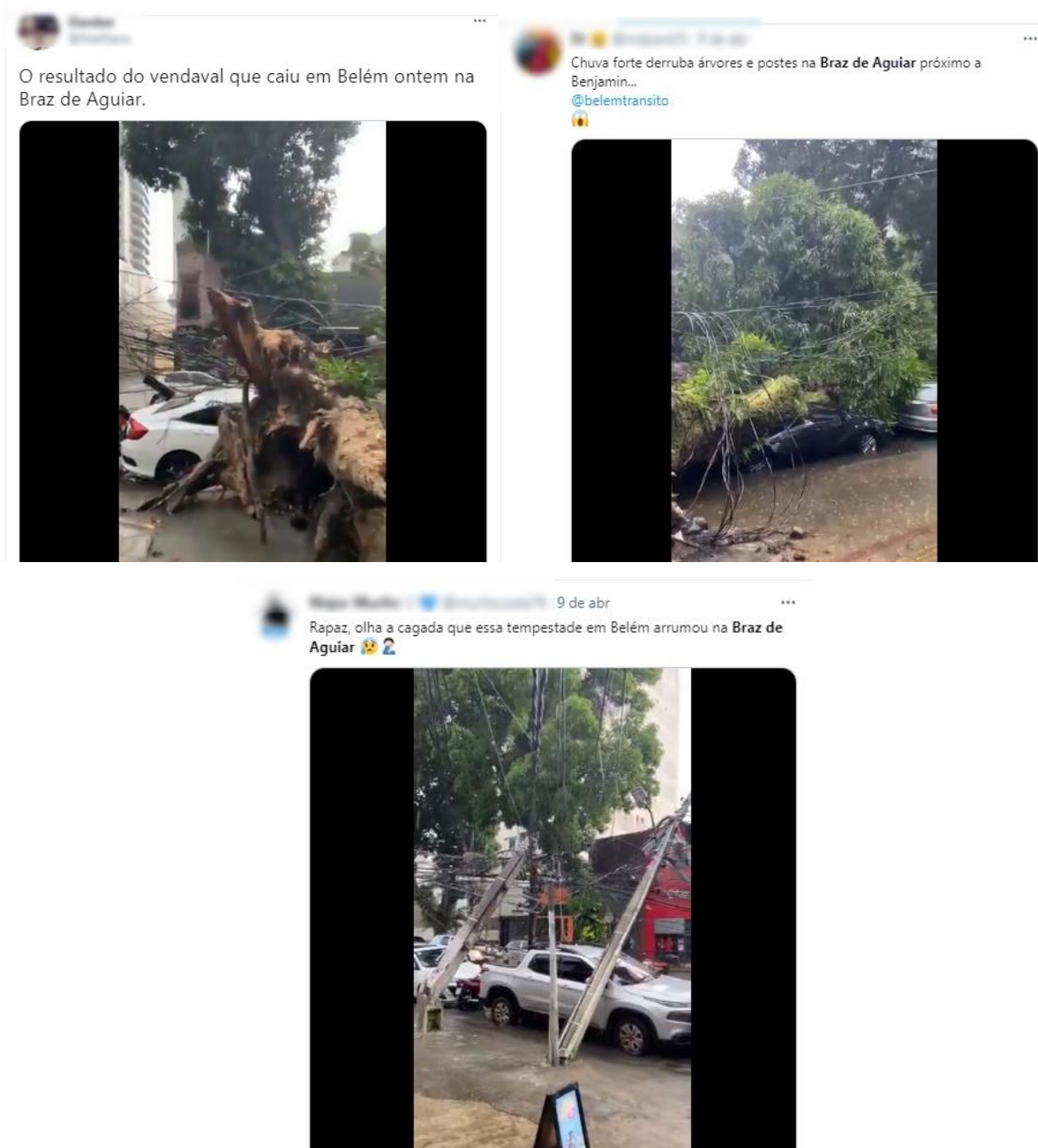
Apesar disto, há problemas neste trecho, em especial por causa de alagamentos, comuns em várias áreas de Belém, é verdade, mas que na Braz, por vezes, ganham maior

destaque midiático. Neste trecho entre Serzedelo Corrêa e Dr. Moraes, em especial em frente a loja La Rocha, os alagamentos são comuns.



Há momentos, no entanto, que a situação é mais ampla e gera discursos que reverberam nas redes sociais, como em 9 de abril de 2021. Por volta de 17h deste dia, ocorreu uma chuva bastante intensa durante menos de 30 minutos, com forte vento, o que provocou diversas quedas

de árvores e placas, além de casas destelhadas e até mesmo a destruição do placar eletrônico do Estádio da Curuzu, no bairro de São Braz, onde as equipes de Paysandu Sport Club e Tuna Luso Brasileira se enfrentariam naquele horário pelo Campeonato Paraense de Futebol, provocando o adiamento da partida. Na Braz, o rastro de destruição também foi muito grande, como é possível notar em frames de vídeos que circularam nas redes sociais mostrando os danos.



Talvez por ser a mais “burguesa” ou ter sido a via que sofreu mais danos “incomuns”, como a quebra de veículos e quebra de postes, a situação da Braz foi capa nos dois principais jornais impressos do Estado:

O LIBERAL

PRESIDENTE LUIZ INACIO LULA
www.oliberal.com.br
RUA DO COMÉRCIO, 1000 - BELÉM, PARÁ, 66050-000
FONE: (0XX91) 3211-1111

Temporal com ventania causa estragos em Belém
Ventos derrubam árvores sobre veículos e postes de energia caem. E vias ficam alagadas na capital. CIDADES, 8.



CONTRA COVID-19
PAÍS VACINARÁ 1 MI POR DIA
É o que promete o ministro da Saúde, Marcelo Queiroga, durante visita às linhas de produção da vacina de Oxford-AstraZeneca na Fiocruz, no RJ. Mas afirma que o governo não tem "vara de condão". CIDADES, 8.

AMAZÔNIA
Devastação da floresta bate recorde em março
Parques do Estado do Acre registram 307 mil hectares de floresta destruídos em março, aponta o Ipema. PANORAMA, 8.

CPID DA PANDEMIA
Decisão de ministro divide as opiniões dos pares no STF
Luiz Roberto Barroso defende a instalação do Conselho de Segurança da Saúde. PANORAMA, 8.

Súditos dizem adeus ao príncipe Philip
Marido da rainha Elizabeth II morreu aos 99 anos de idade. Corpo será enterrado em castelo. PANORAMA, 8.

DISPUTA
João Luiz é o novo anjo da casa do BBB 21
Barriga de aço e melhor na prova de resistência. Ele é o novo anjo da casa do BBB 21. CIDADES, 8.

FUTEBOL
Jogo entre Papão e Tuna fica sem data definida
Partida entre os times de futebol de Belém fica sem data definida por causa de temporal que alagou o estádio. ESPORTE, 8.

CIBERNA
Festival vai defender inclusão digital
Autista Da Paixão é o nome do festival de inclusão digital. CULTURA, 8.

NESTA EDIÇÃO
OPINIÃO DE LUIZ INACIO LULA
CLASSIFICADOS
177 OPORTUNIDADES

Diário do Pará

SÁBADO 10 de abril de 2021 - ANO XXVIII - Nº 18.790 - PREÇO: R\$ 1,50 - LATA: R\$ 10,00 - FONE: (0XX91) 3211-1111

TRANSTORNO E PREJUÍZOS
TEMPORAL CAUSA CAOS EM BELÉM
Chuva forte que caiu ontem na capital paraense derrubou árvores, que na sequência atingiram a rede elétrica, deixando vários bairros sem luz. Na Braz de Aguiar (foto), sete carros foram atingidos. /A8



1 ÁRVORE ATINGE VEÍCULO PERTO DA BASÍLICA /A8

2 PLACA DE FARMÁCIA DESABA SOBRE CARRO /A8

3 PLACAR TOMBA E JOGO ENTRE PAPÃO E TUNA É SUSPENSO /BOLA 6 E 7

SAÚDE EM RISCO
OMS ALERTA SOBRE USO INADEQUADO DE REMÉDIOS
Automedicar pode ser perigoso durante a pandemia, preocupa especialistas. /A6

IMUNIZAÇÃO
VACINAS SERÃO ENVIADAS HOJE AOS MUNICÍPIOS
Estado recebeu ontem cerca de 116 mil doses da Coronavar e da Oxford. Distribuição das vacinas será proporcional à população de cada cidade. /A2

CPID DA PANDEMIA
PACHECO DIZ QUE COMISSÃO VAI SER INSTALADA
Presidente do Senado critica o raciocínio de Bolsonaro e afirma que CPI será instalada. /A9

LUTO
PRÍNCIPE PHILIP MORRE AOS 99 ANOS
Philip, o marido da rainha Elizabeth II, morreu aos 99 anos. /A8

BBB
JOÃO É O ANJO. ARTHUR, EPOCALÍPTICO NO MONSTRO /A7

PUBLIQUE O BALANÇO DE SUA EMPRESA CONOSCO

SAG - SERVIÇO DE ATRIBUIÇÃO DE ASSINANTE
MÉDIO ANO 2021 - R\$ 1,50

DELÍRIO /A10
DELÍRIO /A10
DELÍRIO /A10

No dia seguinte, 10 de abril, por volta de 6h45, fui à avenida observar a situação e fazer algumas fotos do local. Enquanto fazia os registros, muitas pessoas passavam e comentavam sobre o ocorrido – “Meu Deus!”; “Mas olha como ficou!”; “Imagina o prejuízo!” –, apontando para os vidros de veículos que estavam na via e foram atingidos pelas árvores ou postes.

Apesar da surpresa com os danos provocados, não apenas com a queda das árvores, não houve curtos-circuitos, apenas interrupção no fornecimento de energia elétrica e sinal de internet, o que foi resolvido ao longo do dia.

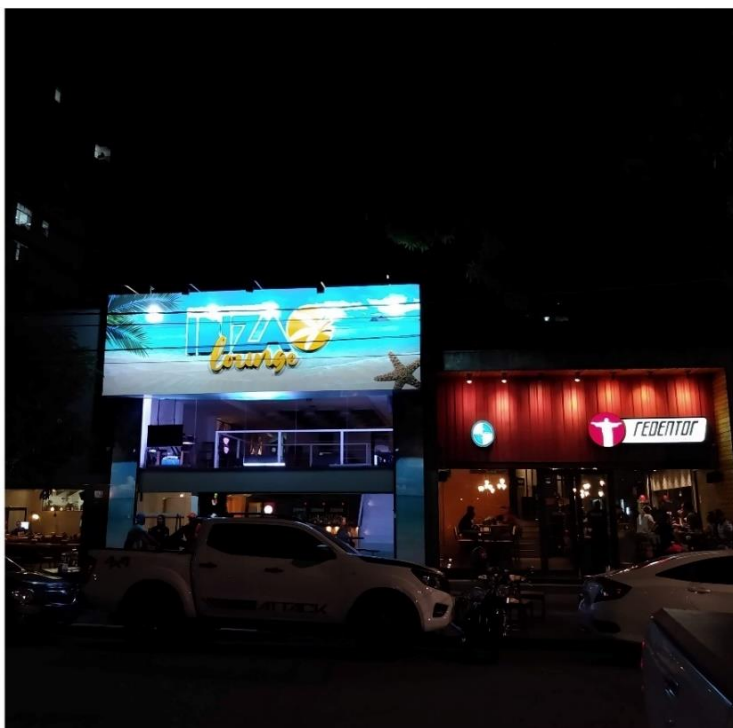


Prosseguindo em nosso trajeto, próximo do local onde ocorreram estes danos, está o Hotel Radisson, onde anos atrás situava-se um posto de gasolina e atualmente é um dos hotéis mais luxuosos e caros da capital paraense. Em seu perfil no Instagram, o empreendimento se define como possuindo “hospedagem luxuosa, salas de eventos altamente equipadas e excelente localização”. Ele pertence ao Grupo Roma, de parte da família Maiorana (uma das mais poderosas do Pará), que possui ainda jornal, TV, portais de notícias, rádios, construtora, empresa de eventos e gráfica. O hotel ao lado do restaurante “Gabinete Room”, também pertencente ao grupo, inaugurado em dezembro de 2020 e que apresenta produtos também considerados mais caros e considerados “requintados”.

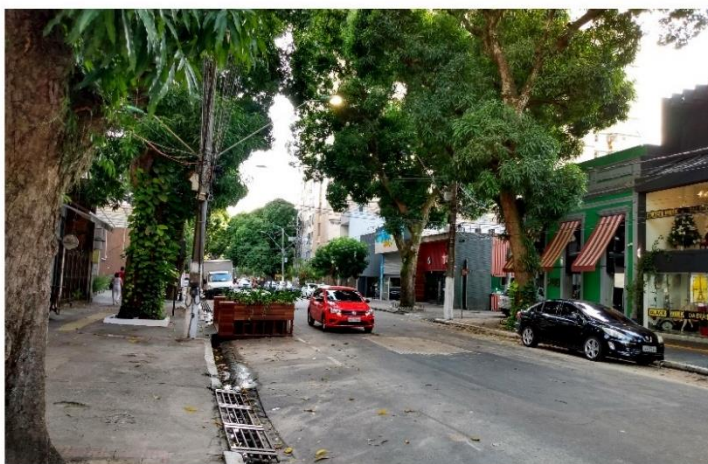
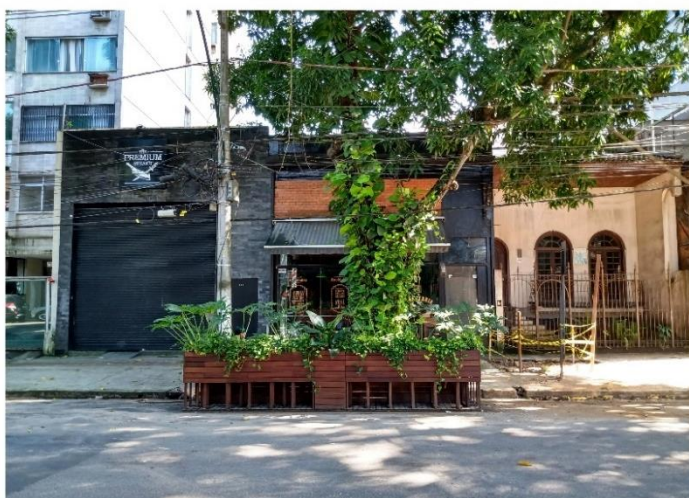


No mesmo trecho, está a casa de *shows* “Ibiza Lounge” e o restaurante “Redentor Sushi Poke Shop” (por alguns anos, existiu também o “Redentor Sandwich Shop” no trecho). Todos, além de possuírem estrangeirismos em seus nomes, também possuem fachadas luminosas e de vidro, que torna o quarteirão bastante iluminado se comparado aos demais da avenida. Os estabelecimentos reuniam antes da pandemia e “nos intervalos” das restrições, diariamente – e principalmente nos finais de semana – dezenas de pessoas que fazem suas refeições ou consomem bebidas alcóolicas em seus interiores, mas também nas mesas dispostas nas calçadas, pela noite.

Próximo ao Radisson, há o restaurante “Premium Steaks” e uma barbearia, a “Rockfeller”, que nos últimos meses de 2019 inaugurou um *parklet* na via¹³.

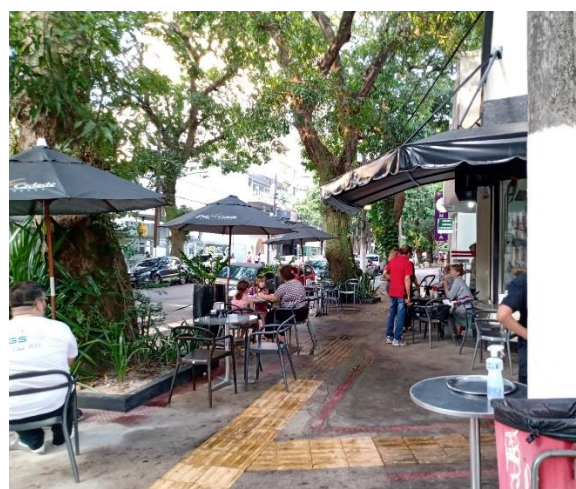
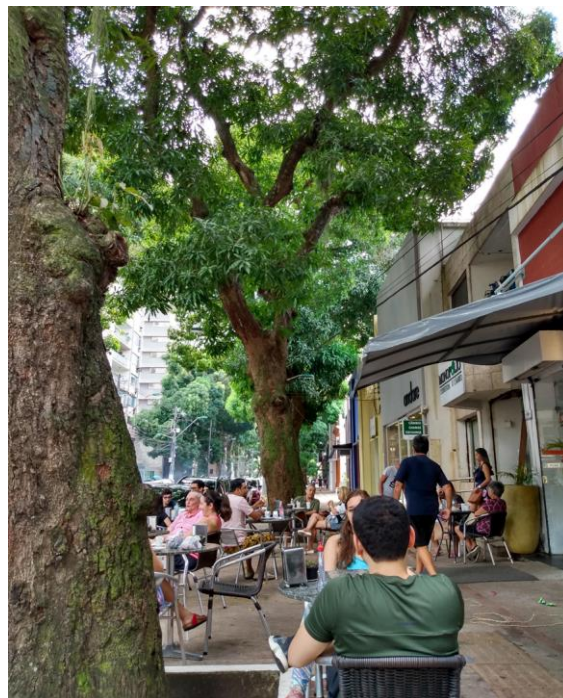


¹³ Criado nos Estados Unidos nos anos 1970, são pequenas estruturas, em geral de madeira e com vegetação, inseridas em locais que seriam de estacionamento ou áreas abandonadas. Apesar de estar em frente à Rockfeller, o *parklet* citado pertence à avenida, podendo ser utilizado por qualquer pessoa, mesmo que não esteja consumindo algo da barbearia.



No referido quarteirão, há outro local fundamental para esta pesquisa, a “Delicidade”, pequena padaria-restaurante-mercado que funciona diariamente, desde o início da manhã até por volta de 20h, 21h. Nos primeiros meses da pandemia, ela só fechou por alguns dias quando foi decretada a necessidade de quarentena, em março de 2020. O estabelecimento era, em toda a avenida, junto ao “Boteco da Brás” (que fechou no mesmo ano), um dos que mais reunia pessoas, sejam sozinhas, casais ou grupos de amigos. Ao contrário da padaria, o “Boteco”,

assim como todos os bares da cidade, ficaram meses sem abrir ao público, voltando apenas na primeira semana de julho de 2020.



Em geral, na “Delicidade”, o que noto é a frequência de pessoas brancas, de diferentes faixas etárias, mas com a prevalência de homens mais maduros e idosos, que conversam sobre temas diversos que vão desde questões cotidianas, política partidária, lembranças, ou ainda, viagens já feitas ou planejadas, em especial para países da Europa e para os Estados Unidos. Quando citam o Brasil, as referências em geral eram Rio de Janeiro e São Paulo, como percebi nas vezes em que fiquei lá consumindo algo e, de forma indireta, ouvindo as conversas alheias. O local possui grande fluxo ao longo dos dias, porém, estes ficam mais intensos aos sábados e domingos, pela manhã e pela tarde e, de segunda a sexta, no final da tarde. Em uma sexta-feira,

em janeiro de 2021, que saí por volta de 21h30 da barbearia “Carioca”, localizada na Dr. Moraes, a alguns passos da Delicidade e pude ver que havia grande concentração de pessoas no local, principalmente idosos e homens mais maduros, alguns de terno e gravata já frouxa, sugerindo que estavam há algum tempo no local, provavelmente após saírem do trabalho.

Partindo do quarteirão que inicia na Dr. Moraes chegamos à travessa Benjamin Constant, que seja entre Braz e Nazaré, seja entre Braz e Gentil, possui vários serviços que mantêm certa proximidade e semelhança com os dispostos na via aqui pesquisada, principalmente bares e restaurantes com preços elevados. É na Benjamin que se situa o “Cosanostra Pub”, local que frequento há alguns anos e, antes da pandemia, ia ao menos duas vezes por mês. Creio que o “Cosa”, como em geral é chamado, possa ser considerado uma extensão da Braz, tanto porque fica apenas poucos metros dela, como porque pode ser considerado um bom representante dos usos e apropriações da classe média no bairro de Nazaré.

Destarte, cabe citar também uma referência feita por Edyr Augusto à Braz e ao Cosanostra em seu livro “Os Éguas” (1998). Na Belém apresentada pelo autor percebe-se que um cenário de violência, poder e sexo formam uma tríade que ditam as ações na cidade, muitas vezes impactando o fluxo de pessoas e mesmo a paisagem urbana. No livro, a Braz é novamente referida como um lugar de elite, mas não apenas uma elite que alcançou o poderio econômico por “mérito”, e sim aquela que o mantém através de práticas delituosas. O personagem Bibi, por exemplo, torna-se cafetão na avenida, em especial em um bar que, pelas descrições ao longo da obra, possivelmente é o Cosa, que agrega ainda outros sujeitos *habitués*:

(Delegado Gil) Entrou com a naturalidade de entrar em sua própria casa. Era sábado, a casa estava lotada. Mesas esparramando cadeiras. Gente falando alto. Risadas. Fumaça de doer nos olhos dos maiores fumantes. Um conjunto comandado por Calibre tocava no andar de cima. Acenou para alguns. Não era exatamente popular. Eles o conheciam como habitué. Foi ao balcão, seu local preferido. Lá já estavam, entre alguns que esperavam mesas, os caras de sempre. Sabe como a gente conhece o alcoólatra? A gente entra num bar às nove horas da manhã e já encontra os caras tomando a primeira. Ou a segunda, terceira, sei lá. Ou o cara tá começando. Ali pelas dez ele entra apressado, pede uma cerveja. E aí comenta com a gente que tá um calor danado e precisa se refrescar. O papo que rolava era de um jornalista, que na véspera, tinha sido assaltado por um motorista de táxi às quatro da manhã, poucos metros depois do Cosa. Pois voltou e sem dinheiro pra voltar pra casa, tomou mais algumas e às sete da manhã pegou uma carona. (...) (AUGUSTO, 1998, p. 69)



A cena apresentada, ainda que em uma narrativa ficcional, não é tão rara de ser observada no Cosa. Aberto desde 11h, por muito tempo fechou apenas quando o último cliente saía do local. Exceto no período em que foram amplas as restrições por conta da pandemia, facilmente é possível ver o consumo de bebidas alcóolicas, em geral feito por grupos de amigos, casais ou pessoas que vão até ele sozinhas e, aparentemente, assim querem permanecer, sejam nas mesas dispostas nos dois andares ou no balcão que há no térreo, o mesmo referido no trecho acima.

O ponto de táxi, localizado em frente ao *pub*, também é icônico e segue brevemente até a esquina com a Braz, o que possibilita, nesta cartografia aqui apresentada, o retorno ao trajeto pela avenida: no trecho da Braz que vai da travessa Benjamin Constant até a travessa Rui Barbosa, noto grande número de lojas e do “Small Shopping”, que existe há pelo menos

quatro décadas, cujas lojas encerravam suas atividades por volta de 18h e 19h – exceto uma cafeteria, a “Take One”, que fecha às 20h.



Também neste trecho está o “Capital Lounge Bar” (CPTL) e o “Manga Pub”, empreendimento inaugurado rapidamente no final de 2020 e, à sua frente, o restaurante San Tito, dois dos locais que frequentei inúmeras vezes ao longo da pesquisa, seja por questões pessoais, seja pela possibilidade de observação devido a localização privilegiada. Desde 2019, o San Tito passou a funcionar não apenas no horário do almoço, quando lota, mas também pela tarde até 22h, atraindo grande público no *happy hour*. Com a fachada de vidro e com mesas e cadeiras dispostas na calçada, se constituiu em um ponto interessante para a observação de campo.



Uma vez, em dezembro de 2020, fui almoçar no local e percebi que seu dono, Sérgio Lima, atendeu uma senhora a chamando de “doutora”.

Achei aquilo curioso e interessante, afinal aparentava que havia ali certa proximidade e reconhecimento entre ambos. No entanto, logo depois pude notar que, na verdade, a expressão era banalizada e ele chamava a todos que iam pagar a conta do mesmo modo, inclusive eu, quando me dirigi ao caixa. Em janeiro de 2021, durante conversa com meu orientador, ele citou que já havia notado que o dono do estabelecimento se referia a todas as pessoas de igual modo. Refletindo sobre isto, penso que seja possível perceber que, segundo Bourdieu,

... 3 de jun de 2022 ...
Tô aqui na oakberry da **Brás de Aguiar** e parou um cara do marista querendo água com gás pq ele SO bebe água com gás. Isso é possível?

[a] teatralização legitimadora de que se acompanha sempre o exercício do poder estende-se a todas as práticas e em particular ao consumo que não tem necessidade de ser inspirado pela busca de distinção para ser distintivo, como a apropriação material e simbólica de obras de arte, que parece ter por único princípio as disposições da pessoa em sua singularidade insubstituível (BOURDIEU, 2003, p. 115).

Levando isto em conta, creio que utilização recorrente do termo “doutor” e “doutora” por parte do proprietário do local sugere a busca de uma distinção que, sabemos, no seu uso cotidiano, raramente se associa à titulação acadêmica. No entanto, serve para demarcar certo apreço e respeito para com a outra pessoa, comumente na posição de consumidora e, assim, passar a imagem de maior cortesia.

Mais à frente, há a The Waffle King e a tradicional padaria “Camões”, que fica na esquina da Braz com a travessa Rui Barbosa.



Diferente da “Delicidade”, que possui produtos caros e também funciona como restaurante e uma espécie de pequeno mercado, ela é uma padaria mais “simples”, onde em geral as pessoas param, se alimentam e seguem para seus afazeres. Logo cedo, por volta de 6h30, quando abre, torna-se também ponto de encontro de idosos, como pude ver várias vezes e foi relatado também por Daniele Fontes, então com 52 anos, bacharel e licenciada em História pela UFPA, graduada em Direito e mestra em Direitos Humanos.

Um dia, pela tarde, durante uma ida até a padaria para comprar pães e outros produtos, encontrei Daniele na fila e pude confirmar peculiaridades em relação ao atendimento no local, que está longe de ser dos mais atenciosos. As pessoas que já são conhecidas pelos funcionários recebem maior atenção e são atendidas mais rapidamente, enquanto pessoas que talvez estejam apenas de passagem não possuem tal tratamento. Isto, no entanto, não foi ainda o caso mais peculiar que notei ao longo destes anos na Camões.

Lembro de um dia de dezembro de 2021, por volta de 8h, quando saía do local após tomar café. Na parte de fora, bem próximo da entrada do estabelecimento estava parado um carrinho de bebê. Isto chamou minha atenção porque rapidamente uma senhora chegou até o mesmo e começou a dar pequenos pedaços de pão a quem estava lá deitado. Para minha surpresa, não era uma criança, e sim um cachorro. Tudo isto ocorreu durante os segundos em que eu saía da Camões. Após alguns passos decidi voltar àquela situação.

Cumprimentei a senhora e perguntei se poderia fazer uma foto do cãozinho, que estava deitado e me olhou atentamente, talvez incomodado com a aproximação e a posição em que

estava no carrinho, além de estar com o “cinto de segurança” atado. A senhora demonstrou desconforto e disse que o animal não era dela e que “a dona não ia gostar” que fizessem a foto. Agradei e mirei mais uma vez tal cena a fim de memorizá-la, antes de seguir meu caminho de volta para casa, com a grande suspeita de que a tutora de fato era a própria senhora, e talvez ela tenha negado tal pedido por eu ser um “estranho”, pois de algum modo, acabei a constrangendo – ou talvez seu animal de companhia.



Já em outubro de 2022, na véspera do Círio de Nazaré, fiz uma caminhada mais interessada na via, para poder não apenas observar como estava com a proximidade da festa religiosa, mas também para capturar imagens e tentar encontrar singularidades. Ao caminhar na avenida, notei uma senhora que estava tomando café em companhia de um carrinho de bebê. Notei, então, que era o cãozinho que havia encontrando tempos atrás. Ele parecia mais uma vez incomodado, enquanto sua tutora se alimentava calmamente e mirava a via.

A fim de não perder a cena nem provocar algum constrangimento, fiquei um tempo a mais na Delicidade e, aproveitando o tempo de demora na fila, fiz – finalmente – fotos daquela situação.

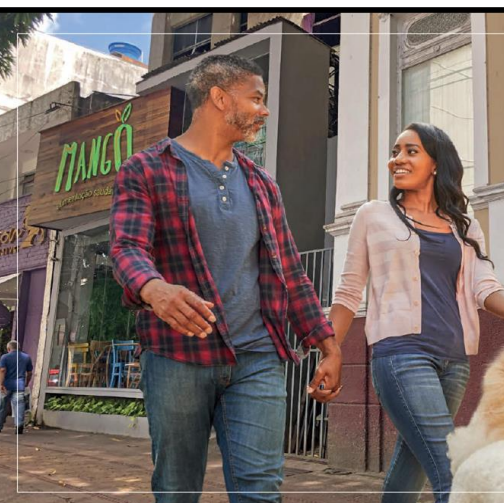
Também neste quarteirão há obras de construção de um prédio misto, tanto residencial como principalmente comercial, o “Quadra Braz Corporate”, que está sendo construído pela empresa Quadra Engenharia e deve ser inaugurado em meados de 2024, conforme relatou o engenheiro Rony Couceiro.

Na conversa que ocorreu no dia 15 de dezembro de 2020, seu irmão, Cristóvão Couceiro, também participou e apresentou-me, ainda, o “book” com o planejamento de tal obra. Chama a atenção no documento enviado por eles em formato pdf para mim, o modo como alguns elementos são destacados ao se apresentar a Braz de Aguiar, em especial sua “localização privilegiada”, sua arborização e disponibilidade de serviços.



DELÍCIA DE LUGAR

Existem lugares grandes próximos em suas muitas atrações. Uma delas é a Feira de Açúcar, onde o antigo colégio pode se transformar em um mercado de grande rede (o mesmo de grandes decalhos). O shopping a céu aberto no andar térreo de mangueiras renova sua atratividade com uma concentração de restaurantes, pubs e lanchonetes. Um happy hour perfeito para você e seus clientes.



PRATICIDADE




Além de toda a sinfonia gastronômica e comercial que a Brás de Aguiar oferece, alguns dos melhores cômodos e hotéis da Brás estão a poucos metros do Quadril Brás Corporate! Isso coloca você de frente para um público de grande interesse para sua negócios. Tempo é fundamental.

[illegible]

Não apenas o estabelecimento, mas a avenida, são relacionadas a poder, luxo, “riqueza” e, também a um caráter mais acessível e com diversos atrativos no local. O “tudo tem na Braz”, citado por Claudilene nas primeiras páginas deste texto está presente aqui também, como “constatação” e divulgação publicitária.

A obra, no entanto, desde seu início, também provocou vários incômodos e problemas, como os relatados por Daniele Fontes, principalmente em relação a uma de suas filhas, que possui Síndrome de Down. Meses depois, à medida que a obra avançava, os problemas pioravam, a ponto de Daniele decidir se mudar para outro prédio, na avenida Serzedelo Corrêa, entre Braz e Gentil. Apesar de ter se instalado lá, em um local privilegiado, era mais barato que na Braz, próximo dos mesmos locais e ela segue os fluxos na avenida.

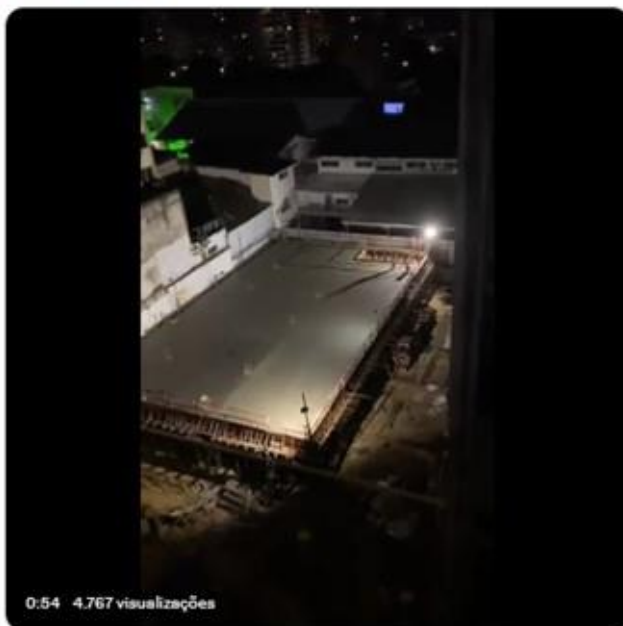


Adriana Cant... @adric... · 16 de ago de 2022 ...
Está esperando o quê para garantir a sua sala comercial na localização mais dinâmica e valorizada de Belém? Em plena Av. Brás de Aguiar, o Quadra Braz Corporate está com intensa velocidade nas suas obras.

#quadraengenharia #belemdopara
#salascomerciais #terça



· 31 de jul de 2020 ...
Às 22:15 h de uma sexta-feira e o canteiro de obras da Quadra Engenharia na Braz de Aguiar ainda está assim, produzindo um barulho absurdo e a vizinhança é que lute pra dormir @belemtransito @BelemCitty @prefeiturabelem



residenciais.

Em conjunto, essas observações fortalecem a percepção de que a via “se comunica com vozes diversas e todas copresentes: uma cidade narrada por um coro polifônico” (CANEVACCI, 1997, p. 15), o que possibilita também notar problemas que “destoam” da imagem cosmopolita e organizada que os indivíduos e empreendimentos buscam caracterizar na avenida.

Finalizando este breve percurso descritivo chego ao último quarteirão da avenida, o mais longo deles, em que há alguns condomínios



Na Braz, estes possuem traços semelhantes, sendo em geral divididos por blocos. A maioria possui mais de 3 décadas, conforme me foi dito por Daniele Fontes, Rony Loureiro e Ricardo Cardoso. Algo semelhante também relatou a jornalista Letícia Falcão, 30 anos, branca, que mora sozinha em um apartamento no condomínio Ipiranga. Exceto em cerca de 4 anos em que morou na cidade de Bragança, região do Salgado paraense, ela sempre habitou a Braz de Aguiar ou seu entorno, também estudando em um dos principais colégios católicos de Belém: o Santa Catarina, cuja área dos fundos fica na Braz.

Chama atenção neste trecho, além do Colégio Santa Catarina, o longo espaço ocupado pelo Colégio Marista Nossa Senhora de Nazaré, bem como o ginásio Serra Freire e fundos da sede social do Clube do Remo. É nesta área que observava e observo alguns estabelecimentos que atraem bom público diariamente, como o Boteco da Brás, citado anteriormente, principalmente pessoas em uma faixa etária de 30 a 60 anos, como pude notar em diversos momentos. Bem à frente estava uma academia, a que Brena Mendes trabalhava, e a área que já foi do “Spazzio Verdi”, antes um dos principais pontos de encontro da Braz. Contudo, em outubro de 2019, o restaurante encerrou suas atividades e, nos últimos meses daquele ano, realizou um verdadeiro saldão de “queima de estoque”, com o objetivo de passar adiante os produtos, como pratos, panelas, cadeiras, entre tantos outros objetos, ainda que vários possuíssem a marca do empreendimento.

Em novembro de 2019 durante uma caminhada mais “interessada” na via, percebi isto e enviei tais fotos em um grupo de amigos, onde está o antropólogo e professor Relivaldo Pinho e comentei sobre a “nostalgia” que tal imagem e percurso por entre os corredores vazios do restaurante me deram. Ele pediu mais fotos e, alguns dias depois, enviou o texto para que publicasse no portal de notícias em que trabalho.

No texto, denso apesar de breve, Pinho também aponta para uma visão decadente e cada vez mais abandonada da avenida que, mesmo assim, não perde o modo “elitista” de ser percebida. Isto é, como uma avenida que agrega, seja por seus moradores, seja por quem a frequenta, em geral pessoas de classe média e alta, dispostas a pagar pelo consumo de produtos e serviços mais caros e, principalmente, por uma experiência pretensamente diferente na cidade:

[f]requentar de manhã a Braz era sinônimo, para determinada elite, de sofisticação; à noite, era lugar da boêmia classe média da cidade. O Spazzio Verdi, fazia parte dessa experiência cidadina. Ia-se para almoçar, mas, também, ia-se para tomar um chopp, protegidos pelas mangueiras e a contemplar o movimento dessa galeria, que se abria, elitizada, no centro da cidade. Nas imediações da Braz, à noite, bares e restaurantes, como Degrau, Local, Manga Café, Cosanostra, Go Fish, faziam o fervilhar atrativo de uma noite da

cidade que se queria moderna, contemporânea. Sim, de tudo acontecia na Braz de Aguiar; mesas na calçada, música ao vivo, locais apazíveis e, principalmente, a ideia de que se estava em Belém e, ao mesmo tempo, fora dela (PINHO, 2019).





Hoje, a área do Spazzio foi vendida a uma construtora, que já iniciou as obras para erguer no local um prédio residencial. Em tal trecho haviam dois estabelecimentos, mais próximos da Generalíssimo Deodoro, que reuniam grande número de pessoas diariamente antes da pandemia: a hamburgueria “Griot”, que tinha como atrativo um karaokê, e a cafeteria “Le Coffee”, situada em uma espécie de pátio do então salão de beleza SM Coiffeur, que funcionou até metade de 2020.



Neste sentido, merece destaque a área do hoje fechado Spazzio Verdi, que já agregou também a Lig Pizza e a doceria

Caramelada até anos atrás. Como citado anteriormente, o restaurante era um dos *points* da avenida. Contudo, após seu fechamento, em outubro de 2019, por quase 3 anos tornou-se apenas uma área abandonada, soturna e com grande quantidade de limo em sua calçada, o que torna o caminhar no local uma prática arriscada, principalmente para idosos e crianças.

Quase ao lado do Spazzio, havia uma residência com um antigo avião no teto. Isto mesmo. O avião pertencia ao “Comandante Gonçalves” – que não possuía nenhuma relação profissional militar e nem com a aviação – que adquiriu o veículo em um ferro velho e teve a ideia de posicioná-lo no teto de sua residência. Após sua morte, anos atrás, dona Teresinha, a viúva decidiu se mudar e vender a residência que primeiro virou loja e depois foi derrubada junto com o Spazzio. Brena Mendes e Seu João destacaram a impactante presença da aeronave na Braz e deram estes detalhes, que estão disponíveis em depoimentos nas redes sociais também.

Mesmo com serviços e produtos mais caros, a cafeteria, em geral, atraía muitas pessoas, inclusive alguns dos entrevistados para esta pesquisa como Letícia Falcão e a jornalista Mirna de Alexandria, 29 anos, que mora o bairro da Cremação, mas trabalhou na Braz por cerca

de cinco anos. Também o casal Rafael José dos Santos, 26 anos, e Giordana Flores, 24 anos, que conheci na própria cafeteria, em um dia de novembro de 2019.

Rafael é de Bragança, cidade distante 200 km de Belém já morou em Brasília e na época era mestrando em Fisioterapia na UFPA. Morador do bairro do Souza, frequenta a Braz com Giordana, que também é fisioterapeuta, mas mora no bairro de São Brás e cursou o ensino médio no Colégio Santa Catarina. Daí, portanto, a proximidade com a avenida. Ambos falaram não somente do viés “gastronômico” do local, como problematizaram o fato de basicamente pessoas brancas o frequentarem, o que faz, segundo eles, a via ser claramente ocupada por pessoas da “burguesia” de Belém.

Apesar dos estabelecimentos citados atraírem grande público, ambos encerraram suas atividades durante a pandemia: no espaço do Le Coffee e do salão de beleza SM Coiffeur, agora está o salão “Studio Brás de Aguiar”. Já o prédio do Griot se tornou a panificadora “A Padaria”, inaugurada no final de abril de 2021.

Próximo dali, há o Bitita Bistrô e Café, inaugurado em novembro de 2020, que por algumas semanas contou com apresentações de um saxofonista às quintas-feiras. “Bitita” é o mesmo nome de uma loja de roupas infanto-juvenis, também em tal quarteirão, sendo de responsabilidade da mesma dona, a empresária Silvia Silva, cujo apelido batiza seus empreendimentos. Por volta de 19h de uma noite de janeiro de 2021, parei no local para conhecê-lo e observar os consumidores.

Haviam algumas pessoas na parte interna e duas ou três mesas na calçada, onde me sentei. A apresentação de saxofone atraía os olhares de quem caminhava ou passava dirigindo pela via. O repertório destacava desde canções da Música Popular Brasileira, como Tim Maia e Djavan, até, principalmente, canções consideradas mais pop atualmente, como várias da cantora Anitta.

O Bitita fica ao lado do Home Beauty, onde Jefferson é contratado para fazer a segurança. Pela proximidade com outros empreendimentos, ele acaba “circulando” pela área, tanto por ser sua função, como para ser visto e, assim, perceberem que há um



segurança no local, bem como pelos contatos e rede de relações que foi construindo, inclusive com Seu João, proprietário da Revistaria da Braz, a mais antiga da avenida única entre as quatro da via que possui sua frente para a rua. Ela está localizada quase na esquina com a avenida Generalíssimo Deodoro.



De uma “ponta a outra” da Braz, como é possível notar, há uma reunião não apenas de estabelecimentos e residências, mas práticas peculiares desenvolvidas tanto em espaços que podem ser considerados “tendências” de mercado como outros mais tradicionais. Há também imagens e paisagens que duram no tempo e vão sendo utilizados pelos sujeitos da pesquisa, moradores, trabalhadores e até mesmo quem frequenta o local por um objetivo ligado ao lazer.

Para observar melhor este movimento diacrônico, foi fundamental percorrer a avenida e observar, ao longo destes anos, não apenas suas mudanças materiais, mas de percepção, memórias e discursos, que por vezes são criados e publicados de modo espontâneo nas redes sociais. Nesta miríade de referências, a metodologia empregada possui multipertencimentos, que vão além da Antropologia e se espalham por outras áreas de conhecimento, como veremos a seguir.

CAPÍTULO 2

PELA RUA E PELA INTERNET: PENSANDO ETNOGRAFIAS NA BRAZ DE AGUIAR

Em “O trabalho do antropólogo” (1995), Roberto Cardoso de Oliveira mostra o quanto o “exercício” da Antropologia é dialógico, pois não somente o encontro com o outro permite novas (re)visões do ofício e sua prática, mas também o próprio ato de refletir sobre si-mesmo e os caminhos percorridos até chegar a algumas reflexões sobre o tema estudado são fundamentais. Para compreender este panorama, bem mais complexo do que parece, são necessários passos que ajudem a organizar o processo de pesquisa e contribuam para a análise e compreensão do fenômeno estudado. Surge daí, então, a necessidade da “ossatura da inteligência”, expressão criada por Émile Durkheim (1973, p. 513), e que significa “que o homem não pensa sem a ajuda de categorias”, pois seriam “elas, particularmente as eminentes, aquelas que organizam a realidade - social ou não - de modo a imprimir nela a inteligência do espírito, a seu modo pré-formador dessa mesma realidade” (OLIVEIRA, 1995, p. 75). Isto, como se sabe, parece ser ponto pacífico nas discussões metodológicas nas Ciências Humanas, assim como também os desafios quanto a

subjetividade do sujeito cognoscente e a individuação - e, com ela, a variação - do objeto cognoscível surgem como questões que demandam sua neutralização pelo método, por algo que permita uma sorte de medida ou um parâmetro de avaliação, sem o qual torna-se inviável qualquer pretensão a cientificidade (OLIVEIRA, 1995, p. 04).

Esta produção científica muitas vezes é alicerçada em categorias que nos ajudam a pensar mais em nossos objetos, trabalhos de campo e percepções decorrentes dele. Neste sentido, entendo que o diálogo e a observação de outros sujeitos são fundamentais e, nesta pesquisa, isto ganhou maior fôlego quando passei a morar nas proximidades da Braz de Aguiar, como citei anteriormente.

Foi aí que comecei a notar os seus fluxos, relações, aspectos do cotidiano e me aproximar dos sujeitos da pesquisa, criando e fortalecendo a relação “eu-tu”, e não mais “eu-eles”, ou “eu-ela” (quando penso na avenida). Para Marco Antonio Gonçalves e Scott Head (2009) tal mudança não é apenas pronominal, mas implica processos de compreensão do campo e também do papel do antropólogo em sua etnografia. De acordo com os autores:

Confere um verdadeiro diálogo e pontos de vista diferenciais, explicitando uma nova percepção da alteridade que não está mais presa a uma concepção de identidade/alteridade baseada apenas na formação de campos de representação do eu e do outro em que prevalece a dualidade nós/eles (GONÇALVES e SCOTT HEAD, 2009, p. 18).

É possível notar que este processo é mais amplo e complexo, e reivindica até mesmo o próprio estatuto do que é fazer etnografia. Hélio Silva já afirmara que “uma cena etnográfica só é confiável quando o etnógrafo se inclui na paisagem desenhada. É preciso que haja um ajuste de perspectiva entre a silhueta traçada de si próprio e a paisagem em volta” (2009 p. 181). Isto termina provocando

um duplo movimento: a reflexão diante da cultura do Outro e o papel das emoções na mesma e, concomitantemente, uma reflexão sobre si mesmo no processo do encontro e exercício etnográfico nas paisagens do nativo. O estranhamento metodológico é um movimento interno do antropólogo em relação ao Outro, bem como consigo mesmo. Enquanto processo, revelador de suas próprias questões na dinâmica da interação: a visão é especular, o olhar é oblíquo e o desejo de conhecer intenta uma adesão à riqueza dos saberes, assim como aos ritmos temporais dos nativos na convivência cotidiana, considerando a relevância da “vida vivida” e da dimensão afetual nela existente (SILVEIRA, 2004, p. 05).

Para mim, isto, em um primeiro momento e por certo tempo, foi uma grande dificuldade. Por não morar na Braz e frequentá-la poucas vezes, além de não ter tanto dinheiro quanto as pessoas que lá vão aparentam ter, demorei a me sentir à vontade na via. Em 2019 mesmo, antes de me mudar para a Gentil Bittencourt, houve um dia que me dirigi de Icoaraci até a Braz para conversar com algumas pessoas que já havia “observado”, mas “travei”, sentindo-me deslocado. Parei na padaria Delicidade, pedi uns sucos e fiquei olhando a via, como que a estranhando e a encarando. Foi aí que decidi, de vez, me mudar, o que ocorreu rapidamente menos de um mês depois.

Este processo de “desembarque” na Braz, para mim, não foi apenas de chegada e tentativa de inserção no campo, mas de começar a compreender de que modo a metodologia

havia de ser (re)feita, como entendê-la e me entender em relação à avenida e a tudo o que ela significa quanto às forças de assimetrias socioeconômicas presentes na cidade e, certamente, introjetadas em mim. Passei, então, em um primeiro momento a tentar captar seu “espírito” e depois, com o cotidiano, a tentar me inserir no local, embaçando a fronteira entre eu-ela, configurando suas paisagens.

Nota-se, então, que até as escolhas linguísticas no modo de lidar com o campo e os indivíduos podem influenciar na discussão e na compreensão propostas, bem como também no modo de se articular a trajetória do/a autor(a) às dos sujeitos da pesquisa e, portanto, a relação com eles. Para Gonçalves e Scott Head, os desafios não param por aí e alcançam também o modo como se representa tais discussões e compreensões aos leitores, problematizando o estilo da narrativa a ser criada, que em geral presume certo “desenho” do que foi visto e vivido pelo pesquisador:

[a] etnografia assume a feição de desenho no pleno sentido de sua potência imagética quando ‘desenha’ apresentações/representações a partir de ideias persuasivas e ficcionais, criando, portanto, uma verossimilhança entre o desenho imagético e as formas textuais de sua representação (GONÇALVES e SCOTT HEAD, 2009, p. 17).

Tal “desenho” pode estar repleto de tensões que já foram observadas desde Malinowski, quando apontou que “na etnografia, é frequentemente imensa a distância entre a apresentação final dos resultados da pesquisa e o material bruto das informações coletadas pelo pesquisador através de suas próprias observações, das asserções dos nativos, do caleidoscópio da vida tribal” (MALINOWSKI, 1976, pp. 22-23). Nesta tese, o ponto de partida não é alguma comunidade tribal, mas sim as percepções dos sujeitos e as paisagens urbanas, que também evocam tais problematizações quanto ao método a ser escolhido tanto da pesquisa, como da estética a ser criada para narrar as experiências etnográficas vividas com eles. Para isso se faz necessário o estabelecimento e prática da etnografia, que

é ao mesmo tempo um tipo de investigação e um gênero de escritura que se desenvolveu na tradição antropológica. Mas ela surge de fato com outras tradições e experiências, sobretudo os relatos de viagem – dos diversos indivíduos, ilustres ou não, que por diferentes motivos se encontravam em situação de distanciamento geográfico e cultural (CAIAFA, 2007, p. 135).

Levando estas percepções em conta, observo que este trabalho dialoga de forma próxima a outras áreas de conhecimento, como Comunicação, História, Arquitetura e Geografia. Esta inter-relação se torna mais evidente quando me aproximo da metodologia

central desta pesquisa, a Etnografia de Rua, que para Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert,

consiste no desenvolvimento da observação sistemática de uma rua e/ou das ruas de um bairro e da descrição etnográfica dos cenários, dos personagens que conformam a rotina da rua e bairro, dos imprevistos, das situações de constrangimento, de tensão e conflito, de entrevistas com habitués e moradores, buscando as significações sobre o viver o dia-a-dia na cidade (2003, p. 05).

Assim, a Etnografia de Rua permite observar uma ou algumas áreas específicas, principalmente urbanas, as interações das pessoas que vivem em tal espaço e de quem passa pelo mesmo ou desenvolve alguma ação nele/por ele, seja trabalhando ou consumindo algo, por exemplo. Em conjunto, creio que tais ações são importantes para a proposta aqui apresentada sobre a Braz de Aguiar, o que não significa que deva ser seguida completamente ou de modo “total e irrestrito”, até porque percebo a necessidade de diálogos com outras metodologias para pensar esta avenida da capital paraense. Portanto, aqui, levo em conta os preceitos principais da Etnografia de Rua, que apontam para a necessidade de maior experiência na via, bem como de maior atenção e compreensão para o contexto urbano belenense.

Essa atenção ganhou destaque através da figura do *flâneur* de Charles Baudelaire, que estava ligada à prática da *flanêrie* – entendida como uma atividade de abandonar-se às multidões das grandes cidades, entregue às inúmeras e diversas impressões que o ambiente urbano e seus habitantes podem oferecer. Tal imagem ganhou fôlego e passou a ser mais recorrente nas pesquisas de Walter Benjamin sobre cidades, não somente por ele discutir tal modo de percepção como também por, de algum modo, tentar “seguir-lo”: anônimo na multidão, era protagonista ao tentar experienciá-la, analisá-la e compreendê-la.

Benjamin, como um *flâneur* do século XIX, esperava encontrar em algumas formas de expressão – produções estéticas, por exemplo – aquilo que escapava a uma apreensão imediata. Buscava a “assinatura” do século XIX (2006, p. 25), rubricada em produtos estéticos e observações da sociedade. O que importava em última instância para Benjamin, assim como o que importa nesta pesquisa, portanto, é “a correlação expressiva” entre representação estética ou ainda a fisionomia urbana que é formada, discurso e cenário (2006, p. 25), algo que busco desenvolver ao observar a Braz, tendo em mente, que observamos principalmente sujeitos amazônicos, em uma realidade amazônica, distante da figura francesa de fins do século XIX e início do XX.

Referir a “lógica” da prática da *flanêrie* não significa que busco reproduzir tal modelo, mas sim apontar para a necessidade de deambulações interessadas e a busca de uma compreensão mais precisa sobre as experiências na urbe. Assim, o diálogo com os sujeitos da pesquisa, bem como a atenção à rotina de pessoas e estabelecimentos no local, provoca a compreensão de recorrências, tensões e outras práticas que envolvem a via e os interlocutores. Isto só ocorrerá se houver

exploração dos espaços urbanos a serem investigados através de caminhadas em que o pesquisador está atento as variações das formas de ocupação do espaço, dos jogos de interação social e tensões nos territórios vividos. A intenção não se limita, portanto, apenas a retornar o olhar do pesquisador para a sua cidade por meio de processos de reinvenção e reencantamento de seus espaços cotidianos, mas capacitá-lo às exigências de rigor nas observações etnográficas ao longo de ações que envolvem deslocamentos constantes no cenário da vida urbana (ECKERT e ROCHA, 2013, p.23).

Em meus trajetos, como já citei, alguns locais são fundamentais, em especial os pontos que reúnem serviços gastronômicos, como bares, restaurantes e padarias, onde fui diversas vezes com amigos, sozinho ou com minha companheira, além também de casas de festa e a barbearia Carioca. Neles, exceto nos primeiros meses da pandemia em 2020, e durante parte de fevereiro e março de 2021, havia grande reunião de pessoas, em geral brancas, que não somente se instalavam no interior dos ambientes, como nas calçadas. Pontos de encontro para muitas pessoas, é lá que são percebidas algumas ações que ajudam a compreender a formação de distinções econômicas e sociais. De acordo com Bourdieu:

[p]ara uma prática ou uma propriedade funcionar como símbolo de distinção basta que seja posta em relação a qualquer uma das práticas ou das propriedades que lhe são praticamente substituíveis num certo universo social; portanto, que seja recolocada no universo simbólico das práticas e das propriedades que, funcionando na lógica específica dos sistemas simbólicos, a das separações diferenciais, retraduz a diferenças econômicas em marcas distintivas, signos de distinção ou em estigmas sociais (BOURDIEU, 2013, p. 112).

Estes detalhes dos sujeitos, suas experiências e simbolismos que (re)criam ou se utilizam são importantes de serem notados na Braz de Aguiar, principalmente porque se coadunam a dinâmica do tempo. Assim, creio que seja fundamental aliar estas reflexões à Etnografia da Duração, que permite não somente a compreensão do momento atual e suas peculiaridades, mas também de histórias e memórias dos sujeitos da pesquisa ao longo do tempo. Através do diálogo de ambas, que se complementam, é possível localizar, observar e

compreender uma série de modificações, mais do que espaciais porque “sensoriais”. Segundo Eckert e Rocha,

todo conhecimento que a etnografia da duração promove é tradução, construção e desconstrução, posto que a vida abarca os princípios já mencionados: autorreprodução, auto-organização e conhecimento do mundo. Seguindo cada um deles, podemos afirmar que as grandes metrópoles contemporâneas não se distinguem da vida humana que elas carregam (2013, p. 25).

Neste processo de “tradução”, muito contribui uma relação mais próxima com os sujeitos e o campo da pesquisa, não apenas para observar momentos em si, mas também aderir às imagens e, mesmo, cotejar documentos mais antigos, relatos e também a ação da memória individual ou coletiva. Assim, esta tradução apenas é possível com o fundamental papel da memória, já que é através dela que não somente atos e fatos serão lembrados, mas também o imaginário e outras estruturas mentais poderão ser “reconstruídas” a partir do convívio. Contudo, isto não significa que deva haver uma busca incessante para traçar um panorama histórico “definitivo” sobre determinado tema ou discussão.

Ora, atentando para a impossibilidade da apreensão e desenvolvimento de um conhecimento total sobre o vivido no passado, Walter Benjamin, no início do século XX, já sublinhara que “articular historicamente o passado não significa conhecê-lo ‘como ele de fato foi’. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo” (1985, p. 224). Esta apropriação se torna mais possível de ser apreendida quando notamos recorrências, isto é, o estabelecimento de uma memória coletiva sobre determinado local, vivência ou experiência. Por sua vez, “a memória coletiva não se confunde com a história; ela se aproxima da história vivida por uma comunidade afetiva, entrelaçada por laços de solidariedade cujos valores e normas são transmitidos pelos guardiões da memória, que transmitem em seu testemunho a tradição”, como alertam Eckert e Rocha (2013, p.36). Tal discussão se torna mais densa caso observemos as proposições de Maurice Halbwachs, em especial quando afirma que

[h]averia, portanto, motivos para distinguir duas memórias, que chamaríamos, por exemplo, uma interior ou interna, a outra exterior – ou então uma memória pessoal e a outra, memória social. Mais exatamente ainda (e do ponto de vista que terminamos de indicar), diríamos memória autobiográfica e memória histórica. A primeira receberia ajuda da segunda, já que afinal de contas a história de nossa vida faz parte da história em geral. A segunda, naturalmente, seria bem mais extensa que a primeira. Por outro lado, ela só representaria para nós o passado sob uma forma resumida e esquemática, ao passo que a

memória da nossa vida nos apresentaria dele um panorama bem mais contínuo e mais denso (2003, p. 73).

Halbwachs sublinha a importância do grupo de origem, em seus termos o “grupo de referência”, com que o indivíduo estabelece uma comunidade de pensamentos, uma “comunidade imaginada”, como definida por Benedict Anderson (1993). Tal comunidade, como é possível depreender, não corresponde necessariamente a um espaço físico, mas sim de pertencimento a ideias, práticas, hábitos e ideais semelhantes. Algo semelhante já destacara Marilena Chauí em sua arguição à tese de doutorado de Ecléa Bosi, ao sintetizar que “o modo de lembrar é individual tanto quanto social” (BOSI, 1998, p. 31).

Destarte, como terreno híbrido e seletivo, a memória individual ou interna só teria validade e apoio em um panorama maior, através da memória exterior ou coletiva. Para Eckert e Rocha, “a memória é a consolidação de um tempo ondulante e lacunar, fenômeno complexo e profundo que recria, por sua vez, uma hierarquia na essência do ser e que não pode ser reduzida à pura intuição do tempo” (ECKERT; ROCHA, 2005, p. 108).

Tais processos se tornam mais passíveis de análise quando os observamos também no contexto que os envolve, neste caso, o contexto urbano, em especial em metrópoles. São os fluxos nelas e também a (re)criação de paisagens que possibilitam tanto que a memória se expresse por meio do imaginário, em que “as imagens podem permanecer fora do tempo”, já que há mudanças “sem que os objetos mudem ou envelheçam” (DURAND, 1997, p. 478), como também mistura-se com as percepções imediatas, por vezes provocadas exatamente pelas experiências desenvolvidas nas metrópoles. Deste modo, “etnografia da duração comporta o semantismo das imagens expresso nas narrativas dos habitantes das grandes cidades sobre seus territórios de vida” (ECKERT E ROCHA, 2013, p. 27).

Mais que isso: por vezes, tais territórios são compartilhados e modificados até mesmo com certa constância, o que tanto pode incitar uma postura indiferente diante de tantas mudanças provocadas pelo capital (lembremos do que nos diz Simmel, citado anteriormente), como também uma percepção mais curiosa diante do (re)estabelecimento de paisagens, como na avenida Braz de Aguiar.

Assim, é necessário observar a pluralidade não somente das paisagens, como também do entrecruzamento das formas materiais, sensíveis, como as percepções, compreensões e imaginários dos sujeitos que, de algum modo, utilizam a avenida e deixam suas “marcas” nela. Neste sentido, creio que seja possível estabelecer um diálogo com Willi Bolle, que se detém na obra de Walter Benjamin para discutir a “epiderme da época” (2000, p.42), o que chama de

fisiognomia da metrópole. Há “uma espécie de ‘especulação’ das imagens, no sentido etimológico da palavra: um exame minucioso de imagens prenhes de história. Ela tem sua razão-de-ser nas especificidades do seu pensamento, que se articula não tanto por meio de conceitos e sim de imagens”, afirma o pesquisador. Bolle destaca que Benjamin

atribui à fisiognomia das cidades, à cultura do cotidiano, às imagens do desejo e fantasmagorias, aos resíduos e materiais aparentemente insignificantes a mesma importância que às ‘grandes idéias’ e às obras de arte consagradas. Decifrar todas aquelas imagens e expressá-las em imagens ‘dialéticas’ coincide, para ele, com a produção de conhecimento da história” (BOLLE, 2000, pp. 42-43).

Assim, tal conceito de fisiognomia urbana é bem mais uma reflexão acerca de processos diacrônicos que duram ao longo do tempo, do que apenas um conceito fechado sobre uma determinada categoria estática. Para compreendê-la, é necessário observar diversos fragmentos, não apenas imagéticos, mas das narrativas construídas em relação a eles.

Relivaldo Pinho afirma que “as formas ligam-se aos espíritos. Não como escravas, e sim como suas manifestações, nas formas em que elas os representam. A estética se liga à experiência, ela a representa” (2015, p. 17). E mais:

o antropólogo observa a cidade como objeto temporal, lugar de trajetos e percursos sobrepostos, urdidos numa trama de ações cotidianas. Percorrer as paisagens que conformam um território, seguir os itinerários dos habitantes, reconhecer os trajetos, interrogar-se sobre os espaços evitados, é evocar as origens do próprio movimento temporal desta paisagem urbana no espaço (ECKERT e ROCHA, 2003, p. 05).

A isto acredito que seja possível associar o que afirma Massimo Canevacci quando discute que “compreender uma cidade significa colher fragmentos. E lançar estranhas pontes, por intermédio das quais seja possível encontrar uma pluralidade de significados. Ou de encruzilhadas herméticas” (2004, p. 35), em que as fotografias, por exemplo, não são apenas complementos, mas elementos estéticos que ajudam a propor diálogos e observar contextos.

Tais fragmentos podem estar disponíveis também em redes sociais na internet, o que possibilita a realização da etnografia específica para a *web*, metodologia que se imbrica ao campo da Comunicação e ganhou destaque em 2000, quando foi lançado o livro *Virtual Ethnography*, de Christine Hine. Na obra, a pesquisadora parte da compreensão de que muitas das ações dos sujeitos são contíguas ou representadas no “ciberespaço”, ambiente *online* em que as pessoas fazem coisas e que, portanto, permite estudar exatamente que elas fazem e os

porquês de fazerem (HINE, 2000, p. 21)¹⁴. Nas redes sociais, é possível notar relações de troca, tensões, (res)significações de conteúdos e mesmo a expressão de afetos e repulsas. As redes configuram-se, então, em bons “locais” para observações detidas sobre os fluxos e compreensões dos sujeitos.

Quinze anos depois da publicação, em *Ethnography for the internet* (2015), Hine amplia as discussões metodológicas e enfatiza que as relações com a internet cada vez mais permeiam o nosso cotidiano (2015, p. 46), o que permite, por conseguinte, um acentuamento na possibilidade da realização de etnografias na internet. Diz a autora que

[u]m etnógrafo, mesmo na era da internet, continua desenvolver uma forma distinta de conhecimento sendo, fazendo, aprendendo e praticando, em uma associação próxima com aqueles que o fazem no curso de suas vidas cotidianas. Em um mundo repleto de mídia, uma associação próxima pode significar uma interação mediada e a etnografia precisa estar pronta para se adaptar a essa forma, mas sem perder de vista os princípios originais que a motivaram a torná-la uma forma perspicaz de conhecimento (HINE, 2015, p. 21)¹⁵.

Tal processo é mais possível porque a etnografia é uma “metodologia adaptativa, sempre criada de novo para as circunstâncias em que se encontra [como no caso da internet]” (HINE, 2015, p. 32)¹⁶. Através da etnografia na internet, portanto, é possível notar não apenas os conteúdos que são referidos e compartilhados nas redes, mas o que estes sugerem em relação a processos de sociabilidade, representação, identificação e demais práticas dos sujeitos no interior do “ciberspaço” e na vida cotidiana, inclusive sobre a Braz de Aguiar.

Esta metodologia foi “traduzida” e chamada por algum tempo de netnografia, em que destacava-se basicamente a interpretação e a compreensão dos conteúdos observados e discutidos, colaborando para um mapeamento dos perfis de consumo de seus participantes a partir de suas práticas comunicacionais nas plataformas sociais (AMARAL, NATAL e VIANA, 2008, p. 04).

¹⁴ Em tradução livre de “cyberspace as a place where people do things, we can start to study just exactly what it is they do and why, in their terms, they do it” (HINE, 2000, p. 21).

¹⁵ Livre tradução de “An ethnographer, even in the Internet age, continues to develop a distinctive form of knowledge by being, doing, learning, and practicing, and by a close association with those who do so in the course of their everyday lives. In a media-suffused world, close association may come to mean proximity through mediated interaction, and ethnography needs to be ready to adapt itself to that form of proximity as much as physical closeness—but without losing sight of the original principles which motivate ethnographic engagement and make ethnography such a distinctive and insightful form of knowledge (HINE, 2015, p. 21).

¹⁶ No original, “ethnography is an adaptive methodology, Always created afresh for the circumstances in which it finds itself, but ethnographers can usefully learn from one another and can draw on a repertoire of approaches” (HINE, 2015, p. 32).

No caso específico desta tese, acompanhei três redes sociais: *Instagram*, *Twitter* e *Facebook*, buscando referências e citações a locais e termos relacionados à Braz de Aguiar (como “Brás de Aguiar”; “Braz Belém” e “Brás Belém”). Tal acompanhamento permite, bem mais que encontrar imagens de outros períodos da Braz de Aguiar e entrar em contato com possíveis interlocutores, observar seus discursos espontâneos, evidenciando suas percepções sobre a via, além das relações estabelecidas na mesma. Com isto, acredito, foi possível realizar e apresentar uma compreensão mais precisa acerca dos temas que noto e podem ser associados ao analisar a avenida.

Esta interrelação é discutida por Débora K. Leitão e Laura Graziela Gomes, por exemplo, no artigo “Etnografia em ambientes digitais: perambulações, acompanhamentos e imersões”, ao destacarem a relação entre as duas ambiências: tanto a urbana, como a digital. As autoras estabelecem tal paralelo observando

não apenas pelo caráter técnico de artefato que ambas possuem, mas também porque permite investigar as primeiras, a partir dos respectivos gêneros de vida que engendram, e que inevitavelmente passam a se apresentar como “naturais” para aqueles que nelas habitam/frequentam. No caso das cidades, este processo de naturalização já ocorreu há muito tempo, na medida em que os modos de vida urbanos se tornaram predominantes na maioria das sociedades (LEITÃO E GOMES, 2017, p. 43).

Para o estabelecimento destes percursos que, como sugerem as autoras, ainda não está totalmente estabelecido, é fundamental desenvolver estratégias para os percursos, como por exemplo, a utilização de *hashtags*¹⁷ específicas e buscas mais direcionadas acerca de conteúdos publicados.

Deste modo, passei a pesquisar e seguir no Instagram *hashtags* #brazdeaguiar #brasdeaguiar #brásdeaguiar e #brázdeaguiar, já que havia a variação ortográfica, com prevalência das primeiras. Ainda no Instagram, acompanhei as localizações “Av. Braz de Aguiar”; “Braz de Aguiar” e “Brás de Aguiar”. Algo semelhante ocorreu no Facebook, em que pesquisei basicamente Braz de Aguiar e Brás de Aguiar para encontrar publicações sobre a avenida. Já no Twitter, a pesquisa foi mais direcionada a encontrar citação a “Braz de Aguiar” e “Brás de Aguiar”, sendo a coleta realizada de janeiro de 2019 a setembro de 2022.

Diante desta miríade de (possibilidades de) conteúdos, é importante notar que Canevacci afirma que *a polifonia (citadina) está no objeto e no método* (2004, p. 19, grifo do

¹⁷ As *hashtags* são termos ou expressões agrupados com uma cerquilha (#) que servem para destacar e agrupar conteúdos provavelmente semelhantes ou relacionados nas redes sociais.

autor), sugerindo então a necessidade de constituição de uma metodologia mais ampla, que proponha o diálogo entre etnografia e uso de registros imagéticos, e que se construa de acordo com os fluxos de sujeitos e modificações urbanas, afinal

uma cidade é também, simultaneamente, a presença mutável de uma série de eventos dos quais participamos como atores ou como espectadores, e que nos fizeram vivenciar aquele determinado fragmento urbano de uma determinada maneira que, quando reatravessamos esse espaço, reativa aquele fragmento de memória. (CANEVACCI, 2004, p 22)

É justamente aí que poderei observar e compreender não somente a constituição da via, mas as vivências e experiências dos sujeitos na avenida Braz de Aguiar, que mostram possíveis relações de poder e sociabilidades. Logo, nesta pesquisa não busco esquadrihar o espaço em categorias como pedaço, trajeto, mancha, pórtico e circuito (MAGNANI, 2000; 2002), tampouco compreendê-lo como uma categoria ampla e discutível como “área nobre”. Me interessa bem mais observar os movimentos dos sujeitos pelo espaço, suas percepções e vivências¹⁸ dentro de uma temporalidade, uma duração, ligadas ao mundo urbano belenense.

Neste processo de percepção, compreensão e “tradução”, foram fundamentais as conversas breves e informais e entrevistas dirigidas com algumas pessoas, as quais indico (e apresento) abaixo:

1. Mirna Alexandrina (28 anos)

O contato com a Mirna foi direto. É jornalista e já a conhecia desde a graduação na Universidade da Amazônia (Unama), ainda que não fôssemos da mesma turma. Na época da entrevista, ela era editora de Cultura do portal de notícias Roma News, situado na Braz. Além de conversas online, conversamos, no Le Coffe, que ficava na Braz, entre Generalíssimo Deodoro e Quintino Bocaiúva. Ela trabalhou por muitos anos na via (anos atrás trabalhou na Rádio CBN, que era sediada na avenida e estava no Roma News). Ela morava em Ananindeua, região metropolitana de Belém, mas devido a distância do trabalho e buscando melhor qualidade de vida, em 2019 se mudou para a Rua dos Mundurucus, bairro da Cremação.

2. Caroline da Souza (25 anos)

¹⁸ A categoria experiência (*Erfahrung*) expande o significado de uma simples vivência (*Erlebnis*), representando o modo de vida que pressupõe o mesmo universo de linguagem e de práticas, associando a vida particular à vida coletiva e estabelecendo um fluxo de correspondências alimentado pela memória, como explica Andréia Meinerz na dissertação "Concepção de experiência em Walter Benjamin" (UFRGS, 2008, pp. 17-18).

Não a conhecia. Foi indicação de uma colega de trabalho, que é sua prima. Branca, “Carol” é sua prima e ambas moraram por vários anos na Braz de Aguiar. Natural de Abaetetuba, Carol morou na Braz de 2010 a agosto de 2019, mas possui grande ligação afetiva com a rua e frequentava semanalmente o apartamento dos pais no condomínio Ipiranga, hoje ocupado pela irmã. Na época da entrevista, estava morando na Marambaia com o noivo.

3. Brena Mendes (24 anos)

A primeira conversa com Brena, ocorreu no dia 22 de novembro de 2019 na recepção da academia em que ela trabalhava, a Per4mance, onde dias depois também me matriculei por indicação médica, baixo preço (mesmo sendo na Braz) e para poder observar melhor e interagir com outras pessoas. Como ela seguia trabalhando, houve algumas interrupções, como de clientes chegando para malhar, som alto da academia e também pessoas que entraram para pedir mais informações. Houve também um momento de pausa para que ela pudesse almoçar, o que ocorreu de forma breve. Ainda assim, seguiu dando entrevista. Deu suas impressões básicas, senti que em determinados momentos a conversa não fluía tanto sobre a Braz, se tornando algo mais “pessoal”, em que ela passou a fazer mais perguntas sobre mim do que o contrário. Isto, no entanto, não atrapalhou a continuidade da conversa e futuros contatos, online e pessoalmente. Meses depois, a academia fechou e ela ficou desempregada, voltando a trabalhar em uma agência bancária.

4, 5 e 6. Elisângela Santos, Angélica Álvares de Souza e Claudilene Assis

Quem me indicou Elisângela Santos, branca, 44 anos, que na época trabalhava na loja Le Lieu há 12 anos, e na Braz há 16 anos foi sua filha, Larissa Soares, que foi minha aluna no curso de Publicidade e Propaganda da Faculdade Estácio do Pará, anos atrás. Na loja, também conversei com Angélica Álvares de Souza, preta, 40 anos, que trabalhava na mesma loja há 15 anos na loja e há 19 na Braz; Claudilene Assis, preta, 36 anos, que então estava há 2 anos na loja e cerca de 15 anos trabalhando na avenida.

7. Letícia Falcão (31 anos)

Letícia foi indicada por sua amiga, Mirna, para a entrevista. Também é jornalista, na época trabalhava em uma agência de Publicidade cujo um dos sócios era seu noivo e, curiosamente, para minha surpresa, se formou no mesmo ano que eu. Só nos conhecíamos “de vista”, já que eu estudava no turno da noite e ela pela manhã. Branca, ela também morava no condomínio Ipiranga, sozinha. Exceto em cerca de 4 anos em que morou em Bragança, sempre

habitou a Braz de Aguiar ou seu entorno, também estudando em um dos principais colégios católicos de Belém: o Santa Catarina. Ela relatou o quanto seus fluxos não eram mais na Braz de fato, mas sim em outros pontos da cidade, ainda que goste da avenida por “possuir todos os serviços”, principalmente gastronômicos.

8. Márcio Castro (29 anos)

Indicado por uma conhecida no início de dezembro 2019, desde o início ele se mostrou pouco receptivo. Pensei até mesmo que não conseguiríamos conversar, mas depois percebi que tal timidez – ou tom “arredio” – era seu jeito. Nos encontramos apenas uma vez, no saguão do prédio onde mora(va), o “Brás de Aguiar”. Digo isto, pois cursava o doutorado em Psicologia na USP e vinha a Belém somente em dezembro, por vezes, em julho. A conversa com ele, que é branco, foi muito breve e, às vezes, lacunar, com respostas bem diretas e curtas. Ainda assim, foi interessante ouvi-lo, já que nasceu e foi criado no bairro do Guamá e, durante a adolescência, se mudou para a Braz, após os pais procurarem um novo apartamento e encontrarem, com um preço mais acessível, o local em que estão até hoje.

9 e 10. Rafael José dos Santos (25 anos) e Giordana Flores (23 anos)

Um dia, em novembro de 2019, decidi ir até a Braz tomar um café e observar o movimento de parte da via por volta de 18h, 18h30. Fui até a “Le Coffee”, em um percurso que durava cerca de 5 minutos a pé. Fiz o pedido e, enquanto o aguardava, um casal se aproximou e sentou na mesa ao lado, na parte externa da avenida. Alguns minutos depois, como conversavam com tom de voz “alto”, percebi que comentavam sobre a Braz. Ambos são pretos, mas Giordana possui a pele mais clara que Rafael. Ela falava bem mais e citava o quanto a avenida tinha um trânsito caótico durante alguns momentos do dia, e também o quanto era “burguesa” desde seu “início”.

Com a chegada de meu pedido, o consumi da forma mais lenta possível e segui ouvindo tal conversa, até que ela cessou e passaram aos diálogos amorosos de um casal. Foi que aí que “me desliguei” e passei a mexer mais no celular, pensar e planejar uma forma de abordá-los. Como demoraram, fui até o balcão, paguei a conta, olhei mais de uma vez as vitrines com os produtos, comprei algo mais e, como não entraram (havia planejado abordá-los no balcão, em que todos ficam próximos) decidi sair e me apresentar de forma mais direta, bem como esta pesquisa. Pedi licença, dei boa noite e expliquei que ouvi o que comentaram da Braz e que gostaria de entrevistá-los.

Apesar do “susto” que tomaram, foram receptivos e peguei o contato de whatsapp de Rafael e conversamos algumas vezes. Rafael é de Bragança, já morou em Brasília e na época era mestrando em Fisioterapia na UFPA. Morador do bairro do Souza, frequenta a Braz com Giordana, que também é fisioterapeuta, mas mora no bairro de São Brás e cursou o ensino médio no Colégio Santa Catarina. Daí, portanto, a proximidade com a avenida. Ambos falaram não somente do viés “gastronômico” do logradouro, como também problematizaram o fato de basicamente pessoas brancas frequentarem a cafeteria e a via, segundo eles, ser nitidamente ocupada por pessoas da “burguesia” de Belém.

11 e 12. Rony Loureiro (50 anos) e Cristóvão Loureiro (44 anos)

Engenheiro, empresário e morador ao longo de praticamente toda sua vida na Braz de Aguiar, a conversa com Rony foi rapidamente agendada, através de uma conhecida que faz a assessoria de comunicação do Sindicato da Indústria da Construção do Estado do Pará (Sinduscom - PA), instituição na qual Rony é vice-presidente.

Ele, que é branco, é um dos sócios da Quadra, empresa familiar fundada pelo seu pai, Antônio Couceiro. Também participou o empresário Cristóvão Couceiro, seu irmão, que divide a mesma sala com ele e terminou, talvez por aparentemente possuir uma percepção mais crítica, fazendo importantes apontamentos sobre as experiências na Braz.

13. Daniele Rocha (52 anos)

Foi através do Twitter que encontrei o perfil de Daniele. Vi sua publicação sobre os transtornos provocados pela obra da Quadra Braz Corporate e, então, fui procurá-la no Instagram. Dias depois, vi outra interessante publicação, em que ela destacava que, logo pela manhã, na cafeteria Duck Bill, um homem tocava violino na calçada, o que discuto nos próximos capítulos. Bastante receptiva, agendamos a conversa para dias depois na cafeteria citada. Conversei, encontrei e caminhei com Daniele várias vezes pela avenida, ora de modo agendado, outras vezes de forma espontânea.

14. Juliana Travassos (30 anos)

Quem me passou o contato da Juliana foi a assessoria da Associação dos Lojistas da Avenida Braz de Aguiar e Transversais da Nazaré em Belém (ALBAT), que funciona com grandes dificuldades atualmente. Arquiteta e empresária, ela foi bem receptiva desde o primeiro

contato. Ela é criadora da marca “Égua da Brás”¹⁹, evento que reuniu diversos lojistas em 2018 e 2019, mas que não ocorreu em 2020 por causa da pandemia. Na época, era dona da loja “Mania de Papel”, área anexa do Colégio Marista Nazaré, cedida a sua família para construção de tal empreendimento, que fechou em 2022.

15. Ricardo Cardoso (37 anos)

Ricardo, comumente chamado de Léo, é um *habitué* da Braz de Aguiar. Nos encontramos inúmeras vezes na barbearia Rockfeller, de modo espontâneo ou agendado. A riqueza dos diálogos com ele, assim como foi com Daniele, talvez seja percebida ao longo deste trabalho, em que utilizo diversas vezes trechos de seu depoimento.

16. Seu João (67 anos)

João Mendonça Rocha, aposentado, é dono da banca de revistas “Revistaria da Braz”, localizada entre Generalíssimo Deodoro e Quintino Bocaiúva. É a única das quatro que existem na avenida que é “de frente” para a Braz, o que, segundo Seu João, como é conhecido, facilita a atração de clientes. Ele trabalhou por cerca de 20 anos como distribuidor de revistas, inclusive na via e, em 2011, comprou a banca para si. Após se aposentar, em 2018, passou a trabalhar de segunda a sábado no local, a fim de “não ficar parado” em sua casa. Ele, que mora no bairro da Pedreira, possui carro próprio uma funcionária, que trabalha aos domingos.

17. Jefferson dos Santos (43 anos)

Jefferson é segurança do “estúdio de beleza” Home Beauty, bem próximo da banca de Seu João, há quase 2 anos. Morador do bairro do Icuí-Guajará, em Ananindeua, é pai de 3 filhos e já possui uma neta. Apesar do tempo em que trabalha na via, informou que só a conhece até a Rui Barbosa (portanto, apenas dois quarteirões da via) que nunca tinha ouvido falar na Braz até conseguir o emprego no local.

Ao longo destes anos, também tive várias outras conversas espontâneas com, por exemplo, os garçons “Rafael”, “Ferreira” e “Anderson”, do Brasa King, o segurança “Carlos”, do Cosanostra, funcionários das padarias e hotéis da avenida (Radisson e Belém Soft Hotel, onde me hospedei por vezes para entender outros fluxos “internos” na via).

¹⁹ O sentido de “Égua” no Pará, mais especificamente em Belém e demais cidades da região Nordeste do Estado, é polissêmico, podendo se referir a uma situação de desapontamento, de felicidade, de surpresa, de bom humor, entre outros significados, de acordo com seu uso e entoação. No caso do “Égua da Brás”, a utilização é para transmitir um elogio, afirmando que a avenida é especial e diferenciada.

Houve ainda contato e conversas, via Whatsapp e presenciais, com uma garota de programa que nominarei aqui apenas como “Isadora” (nome fictício), que me abordou um dia no Cosanostra, em que eu bebia sozinho na área externa, prática que não raramente gosto de fazer. Neste dia, ela se aproximou, “puxou papo” e conversamos. Minutos depois, outras amigas suas vieram ao seu encontro e acabamos conversando. Uma, que era visivelmente mais velha, talvez com 50 anos ou mais, tinha o nome de “Maíra” (nome fictício) e era uma das mais antigas acompanhantes que ia esporadicamente ao Cosa. A outra, a mais bonita e elegante entre todas, possuía o cabelo pintado de loiro e estava com um vestido preto, mas visivelmente alterada. Não parava de olhar fixamente para a calçada, como à procura ou espera de alguém. Não ouvi seu nome e nunca mais a encontrei.

Meses depois, encontrei Isadora, que também mora no bairro da Pedreira, e conversamos, em que ela me revelou diversas informações que, por considerar bastante pessoais, não utilizei nesta tese. Mesmo assim, sua percepção sobre a avenida e alguns “causos” serviram para contextualizar e compreender algumas práticas na avenida.

Por fim, ao longo destes anos, houve inúmeras idas com namorada(s), amigos, colegas, conhecidos e outras pessoas próximas em vários ambientes da avenida, de modo espontâneo, o que ajudou também a me inserir em tal cotidiano e compreender diferentes percepções sobre a avenida.



CAPÍTULO 3

PAISAGENS NA / DA BRAZ: “PRESTÍGIO”, REPRESENTAÇÕES E RECORRÊNCIAS

Nesta pesquisa, as paisagens não são compreendidas apenas como uma constituição geográfica ou mesmo imagética, mas sim como uma construção processual, temporal e espacial. Isto evoca o pensamento de Bachelard, pois “nenhuma imagem surge sem razão, sem associação de ideias” (1988, p. 51), o que incita, portanto, “a percepção de uma dialética temporal entre o tempo vivido e o tempo do mundo”, como discutem Ana Luiza Rocha e Cornelia Eckert (2013, p.66).

Neste processo, segundo as autoras, além da paisagem material que observamos, “os jogos da memória apelam para a estética das lembranças, das reminiscências e recordações” (ECKERT E ROCHA, 2013, p. 70). Ou seja, as paisagens também são (re)constituídas por uma série de práticas que vão bem além de elementos físicos, mas alcançam as percepções sobre determinado espaço, que pode ser frequentado, vivido, experienciado ou “relembrado”, de inúmeros modos, sobre o que não existe mais ou o que dura na via. Para Henri Bergson:

A duração interior é a vida contínua de uma memória que prolonga o passado no presente, seja porque o presente encerra distintamente a imagem incessantemente crescente do passado, seja, mais ainda, porque testemunha a carga sempre mais pesada que arrastamos atrás de nós enquanto envelhecemos. Sem essa sobrevivência do passado no presente, não haveria duração, somente instantaneidade (2011, p. 222)²⁰.

Neste olhar que vai além do que é imediato, instantâneo e sentido, observar as memórias em relação a Braz de Aguiar é fundamental, até porque ela é/era uma

²⁰ Tradução livre de “La durée intérieure est la vie continue d’une mémoire qui prolonge le passé dans le présent, soit que le présent renferme distinctement l’image sans cesse grandissante du passé, soit plutôt qu’il témoigne, par son continuel changement de qualité, de la charge toujours plus lourde qu’on traîne derrière soi à mesure qu’on vieillit davantage. Sans cette survivance du passé dans le présent, il n’y aurait pas de durée, mais seulement de l’instantanéité”.

espécie de galeria contemporânea, [que] se transformou, na virada da década de 1980 para a de 1990, em um dos principais endereços de um estilo de vida que simula uma certa civilidade baseada em lojas de grife, jardins e ruas arborizadas; à noite as lojas saíam de cena e entravam os bares. Na década de 1990, o lugar contava com pelo menos cinco grandes bares naquelas imediações (...). A Braz de Aguiar se tornaria o ambiente de uma classe média e média alta que, de dia, teria nas lojas de roupas seus endereços de consumo e, de noite, nos bares, um ambiente de entretenimento que distava dos ambientes periféricos (...) (PINHO, 2015, p. 139).

As reflexões de Relivaldo Pinho apontam para um “uso” diferente do que o percebido atualmente. Em uma imagem que está disponível na web, é possível ver o trecho próximo à avenida Serzedelo Corrêa, ou seja, no início da Braz, como uma área residencial, bastante diferente da paisagem atual, repleta de lojas e restaurantes e, conseqüentemente, suas fachadas concebidas para chamar atenção.

Este movimento diacrônico também foi referido por praticamente todos os entrevistados, em especial os mais velhos e os que moram na avenida ou frequentam seus espaços há mais tempo. Eles citaram sobre as “fases” da Braz, marcadas principalmente por dois períodos, quais sejam: 1) até as décadas de 2000-2010, quando era tido como um local destinado basicamente a lojas de vestuário; 2) atualmente, em ela está voltada para outros tipos de serviços, principalmente gastronômicos. Sobre estas épocas, Ricardo Cardoso afirma que

“a Braz melhorou muito nos últimos 8 anos. (...) Acho que dois grupos que eu acho que deram um *revival* nessa rua foram os meninos da Rockfeller, o Diogo e o Fausi, e o Sérgio. O 'Serjão' a gente chama de 'síndico da Braz'. Ele é dono do San Tito e do Soft In, do hotel. Naquele período que a Braz tava em baixa, que a Braz buscava se reencontrar depois que ela perdeu aquele lugar para os shoppings de Belém, para a elite de Belém, foram aqueles caras que montaram negócios e a gente voltou a frequentar a Braz. Por exemplo: por muitos anos, eu lembro da gente vir na Braz pra CLIMEP (Clínica de Medicina Preventiva do Pará), pro Spazzio, mas a gente não vinha pra Braz, a gente vinha pra um lugar que estava na Braz. Eles são empreendedores que devolveram este trânsito na Braz”.



Ricardo faz referência principalmente aos estabelecimentos que ficam mais próximos da avenida Serzedelo Corrêa que, de forma estrutural, representam o início da avenida. Na outra “ponta” da via, Seu João, dono da Revistaria da Braz, afirmou que

“Aqui era muito movimentado, tinha o bar ali, o Boteco da Braz, que na época era o Bar do Gil, o Spazzio na frente. Era uma coisa muito boa, era muito movimento. Final de semana era muito bom, as pessoas desciam aqui pro Spazzio Verdi, pra tomar café e passavam aqui, compravam revista. Era bom, era bom... Revista no passado era muito bom. Hoje em dia só dá mesmo pra suprir as necessidades básicas de algo, um supermercado, uma coisa assim”.

Após morar por mais de dez anos na Braz e a frequentando há mais tempo ainda, Daniele Fontes, por exemplo, citou que

“Ao longo destes anos eu testemunhei dois momentos da Braz de Aguiar. O primeiro momento foi quando a Braz de Aguiar era um ponto de lojas de roupas e algumas lojas de calçados, então, tinham algumas lojas de roupas de bebê, móveis de bebê. Tinha uma na primeira quadra [trecho entre Quintino Bocaiúva e Generalíssimo Deodoro], onde vai ser uma padaria. Tinha outra nos fundos do Colégio Nazaré, outra ali numa vila, entre Benjamin e Dr. Moraes, que era a Pira Cola, muito famosa. Então, a Braz teve esse momento. Você tinha as lojas especializadas em roupas de crianças. Então você vinha pra cá comprar e lojas de adultos com roupas mais sofisticadas, as lojas de marcas ficavam aqui... Então, isso dava uma característica pra Braz que fazia com que à noite ficasse muito deserta e que os domingos também ficassem muito desertos”.

As observações também destacaram o impacto provocado pela abertura e expansão de shoppings na capital paraense, o que, devido a maior disponibilidade de serviços, produtos e segurança, passou a atrair mais pessoas, em detrimento da Braz:

“Com a abertura dos shoppings de Belém, principalmente a do Boulevard²¹, a Braz vem mudando suas características. Havia um grande bar aqui, que era o Corujão, e uma grande rede de restaurantes, que era o Spazzio Verdi, mas não tinha muitos restaurantes. Não era um ponto de restaurantes nem também de diversão noturna. Tinha só aquele Toca, que fica quase chegando na Serzedelo. Com a abertura dos shoppings, a Braz começou a perder espaço, porque era mais seguro você ir para um shopping, tinha maior diversidade. Tinha também o problema do estacionamento, você demorava a estacionar. Aí a clientela começa a sumir e você percebe uma migração de serviços. (...) Tem mais restaurantes, cafeterias, então você vê um outro movimento. Muita gente vem aos domingos para a Braz, isso é recente”.

²¹ O primeiro shopping de Belém, o Iguatemi (hoje chamado Pátio Belém), localizado na avenida Padre Eutíquio, bairro de Batista Campos, foi inaugurado em novembro de 1993, sendo seguido pelo Castanheira, que fica na BR-316, na divisa entre Belém e Ananindeua. O Boulevard Shopping, localizado na avenida Doca de Souza Franco foi inaugurado em novembro de 2009 e passou a atrair mais atenção do público.

O relato da Oficial de justiça aponta aspectos interessantes. Um deles é a percepção de que a via, mesmo quando possuía grande circulação de consumidores em suas lojas, também tinha sua paisagem e uso modificado de acordo com os dias. Pela noite e aos domingos, o fluxo de pessoas ficava escasso, algo que, ao menos atualmente, já foi modificado pela ação dos empreendimentos que estão na via ou próximos a ela, tornando o trânsito de pessoas e veículos bem maior pela noite, exceto em alguns dias como segunda e terça-feira, como pude perceber. Tais processos de experiência e consumo também foram referidos por Ricardo Cardoso:

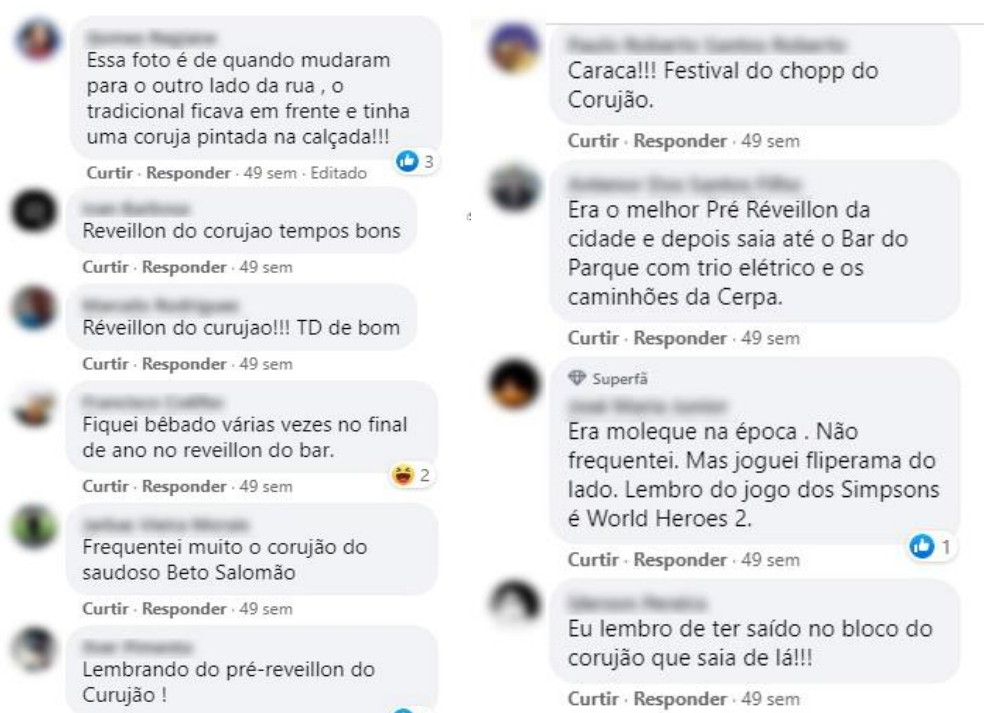
“Passei boa parte das fases da Braz nos últimos 30 anos. Lembro da fase que eu vinha com a minha avó, quando a Braz era uma boutique a céu aberto de Belém, acho que comparada a Rua Coberta de Curitiba. O principal ponto de compras da classe média alta, e minha avó fazia parte desse grupo, era a Braz de Aguiar. Lembro também de vir com meu avô na esquina da Quintino com a Braz de Aguiar ao Corujão. Sempre foi uma rua muito presente, até porque eu morava aqui do lado, eu morava na José Malcher. Então, sempre foi uma rua próxima da gente, pra gente resolver tudo”.

Ricardo, que considero um dos principais *habitués* da Braz de Aguiar, destaca mudanças em relação às dinâmicas do espaço, mas também a memória vinculada ao lugar. A lembrança de seus avós exemplifica isto: sua avó, como membro da classe média alta de Belém, tinha como um dos “points” a avenida, algo semelhante ao que ocorria com seu avô, que frequentava o bar e restaurante Corujão.

O estabelecimento, que era de propriedade do já falecido Beto Salomão – que hoje dá nome a um restaurante na Benjamin Constant, bem próximo da Braz, mantido por seus filhos –, também foi citado por Daniele, ficava na Quintino Bocaiúva, quase esquina com a Braz. Até a década de 1980, se situava ao lado do sentido Gentil Bittencourt. Depois, “atravessou” a Quintino, se estabelecendo no sentido da avenida Nazaré. O Corujão fechou as portas no início dos anos 2000 e, no local em que existiu, hoje se vê pequenas lojas e uma adega.



É importante notar referências ao bar e restaurante pelos discursos que podem ser encontrados nas redes sociais, em especial no Facebook. A publicação em que está a imagem utilizada acima foi feita no perfil “Nostalgia Belém” que, como o nome já sugere, apresenta conteúdos relacionados ao passado da capital paraense. O post possui mais de 100 comentários e, em sua maioria, quase todos fazem referência a características e experiências saudosistas:



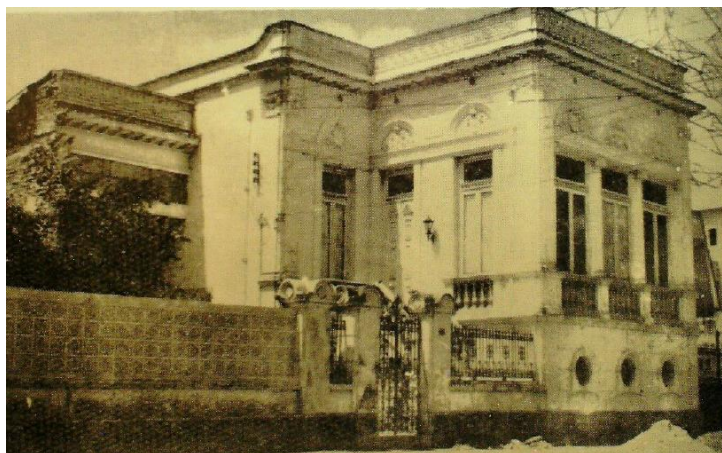
É justamente através desta memória que “dura” e vai percorrendo épocas e espaços, que é possível se fazer a etnografia da duração e as interpretações aqui apresentadas, mediadas também pelas paisagens que vão sendo reconstruídas, percebidas e lembradas. Sobre esta relação entre espaço físico e memória, Pierre Sansot afirmou que a paisagem “recoloca a história e aparece como uma realidade em processo de ser feito e desfeito” (1983, p. 22). Na Braz de Aguiar, isto chama a atenção e por vezes surpreende até algumas pessoas que moram e/ou trabalham na via. Lembro de uma conversa em 2021 com Juliana Travassos, quando ela comentou sobre o processo de escavação que ocorreu na área em que estava sua loja, “Mania de Papel” (que encerrou suas atividades em 2022), entre as avenidas Generalíssimo Deodoro e Quintino Bocaiúva:

minha irmã sabe explicar melhor, porque ela é especialista em restauro, mas foi muita coisa que encontramos aqui quando fizemos a escavação... Meu Deus, muita coisa! Tinha muitos objetos e papeis, documentos. Só faltou encontrar espírito, mas fora isso tinha de tudo por aqui.

Foi ela ainda que citou a presença de espaços destinados a pessoas escravizadas, como é perceptível em alguns casarões na Braz, pois:

“essa característica de porão baixo, porque tem casa de porão alto e de porão baixo, é uma característica bem da época da escravidão, sabe?! Porque aí eles colocavam... Não sei se tu já reparaste, quando tu andas por esses casarões, eles têm só um circulozinho, assim. Pois é. Nessa época era aí que os escravos moravam, tanto é que o acesso da casa não é esse daqui. Esse daqui nós que fazemos. É por uma escadinha aqui do lado, por lá que você sobe. É aquela casa livre, sabe? Ela praticamente não tem paredes. É aquele casarão que vinha a sala, antessala, mais uma sala, quarto, banheiro e cozinha, que era justamente para as pessoas que trabalhavam não se misturarem com o resto da casa”.

Os casarões a que Juliana se refere pertencem ao chamado estilo eclético, desenvolvido entre o final do século XIX e início do XX, que apresentavam escadas no exterior da residência para se alcançar de fato o seu interior. A ideia era, assim, ter maior privacidade e não estar ao alcance de qualquer pessoa que passasse pela rua, já que estavam mais ou menos 1 metro, 1 metro e meio acima do nível da rua. Outro elemento de destaque é, exatamente, o “circulozinho” ao qual Juliana se referiu.



O nome correto da estrutura, na verdade, é “gateira”, uma abertura que, em geral, era gradeada, e servia para a ventilação de porões, situados abaixo das casas. Na Braz, há alguns locais deste modo.



Ao longo do tempo, os espaços foram sendo apropriados e transformados em ambientes comerciais, adequados aos novos serviços que a via agrega. Exemplo disto é o casarão em que funcionou menos de 2 anos o estúdio de tatuagem Ink Spot, no qual a fachada

foi refeita com vidro e placas de ACM (sigla de Material Alumínio Composto). A rapidez das reformas do estabelecimento chamou minha atenção, pois durou apenas algumas semanas, entre o fim de 2020 e início de 2021. Em setembro de 2022, no entanto, o empreendimento fechou as portas.

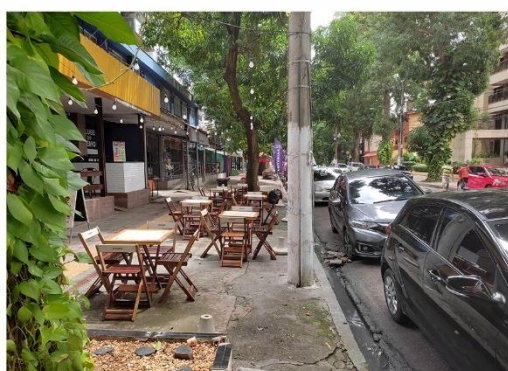
A obra manteve visível a origem do local, inclusive da área em que funciona o estabelecimento, que notadamente era um dos porões para aprisionar pessoas escravizadas.



Como se nota, não é tão raro observar a rapidez com que alguns empreendimentos abrem e fecham na avenida, provocando modificações espaciais “incoerentes”, para glossar as perspectivas e temores de Antonio Lemos. Chama atenção tal rotatividade porque também pode contribuir para dificultar o estabelecimento de relações mais duradouras com os espaços por entre eles e, por conseguinte, poucas experiências e memórias em alguns estabelecimentos.

Ao longo destes anos em que desenvolvi esta pesquisa, fui notando o quanto os empreendimentos na via e suas proximidades foram sendo “renovados”. Isto é, por vezes, alguns eram inaugurados e meses depois já fechavam, dando espaço a outros do mesmo segmento. Em mais de 150 fotos da Braz de Aguir de 2013 que estão disponíveis na web, é

possível notar isso e ver o quanto em uma década, a paisagem foi modificada²². Houve grande divulgação e apelo previsto para o “Rei da Amazônia”, bar e restaurante situado na parte de trás da sede social do Clube do Remo, tradicional time de Belém do Pará. Antes, lá estava o já citado Boteco da Braz, que atraía consumidores mais velhos, principalmente às sextas e sábados, desde a hora do almoço até a noite. O Boteco fechou durante a pandemia e o espaço ficou mais de um ano ocioso para depois dar lugar ao estabelecimento azulino.



Aberto na primeira semana de outubro de 2021, o empreendimento ficou cerca de 6 meses funcionando e deu lugar ao bar e restaurante Botequim da Braz, inaugurado no final de

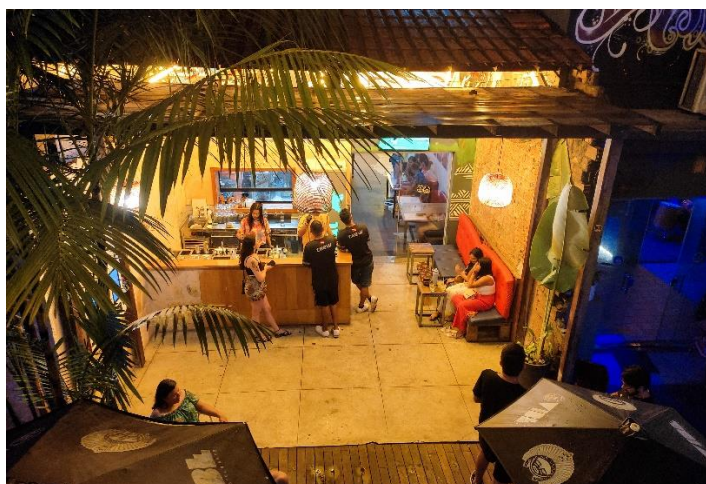
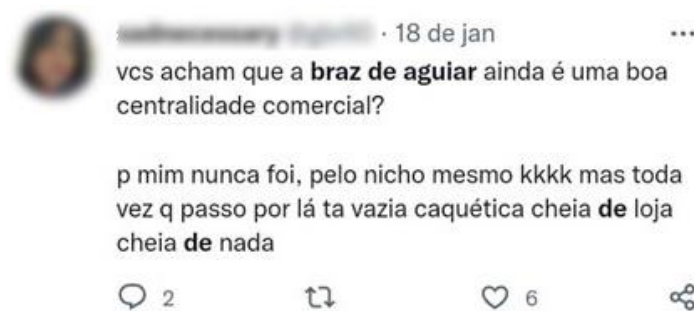
²² As imagens estão disponíveis no perfil de “Ricfelix”, no site Skyscrapercity: < <https://www.skyscrapercity.com/threads/br%C3%A1s-de-aguiar-tradicional-avenida-do-bairro-de-nazar%C3%A9-bel%C3%A9m-pa.1612122/#>>. Acesso em 18 de maio de 2020.

abril de 2022. A divulgação foi mais escassa em relação a feita para o Rei da Amazônia, mas as reformas, bem rápidas. Em algumas semanas, o novo empreendimento já funcionava no ambiente, buscando, obviamente atrair consumidores, mas não apenas no fim de tarde e noite, como ocorria no Rei da Amazônia e sim também no almoço, ampliando a possível base de clientes e também se unindo a outros estabelecimentos que funcionam em tal horário.

Em relação aos “turnos” da Braz, a avenida possui “lógicas” bem definidas: pela manhã, as padarias, prédios comerciais e escolas são os ambientes mais movimentados. Pela tarde, em especial no horário do almoço, a via recebe mais pessoas por causa dos restaurantes. Como o calor se torna mais forte e as crianças e adolescentes saem dos colégios também, o trânsito fica mais movimentado com mais veículos na pista, porém com menos pessoas caminhando. Nas proximidades das instituições escolares, inclusive, é possível ver o grande fluxo de veículos e o congestionamento que provocam diariamente, em especial por volta de 7h e entre 12h e 14h, o que será discutido no próximo capítulo.

Pela noite, a Braz se torna uma via gastronômica e mais festiva, bem como seu entorno: os bares, restaurantes e casas de show passam a atrair grande público em praticamente toda a sua extensão. Sejam ambientes

mais caros, como o Gran Cru, Beiju Xica, que ficam entre travessa Dr. Moraes e avenida Serzedelo Corrêa e o Bitita, entre Quintino e Generalíssimo, passando pelo San Tito e Manga Pub, ambos localizados entre Rui Barbosa e Benjamin, e também locais próximos como Ôvibe, Beco e AZO Drinks, até restaurantes com preços mais “populares”, como o Brasa King, todos atraem muitos consumidores, em geral.





O Brasa King, como já disse, que se tornou um dos meus principais pontos de consumo e observação. Situado na Braz, esquina com avenida Serzedelo Corrêa, ele possui pratos mais simples e com preços mais em conta, o que acaba atraindo grande e diverso público, seja de pessoas que residem próximas ao estabelecimento e querem almoçar ou jantar rapidamente, quem busca um happy hour mais em conta ou ainda pessoas que moram em outros locais e que escolhem o local pelos preços e ambiente. Pude perceber isto nas várias vezes em que convidei amigos ou amigas para irem até lá. Muitas vezes, havia certa relutância por ser um ambiente na Braz (automaticamente relacionada a preços mais altos), mas ao chegarem lá, observavam os custos mais baixos e eram “surpreendidos”.

O estabelecimento também passou por diversas modificações ao longo desta pesquisa. Até 2018, havia no lugar



9 de ago de 2022

...

Em resposta a

Brasa King na serzedelo com a Brás de Aguiar (não é caro, por incrível que pareça)

uma casa de sucos, a Suco Expresso. Era um ambiente simples e disponibilizava lanches e vitaminas também. Após fechar, o local ficou lacrado e foi reaberto em 2019, no segundo semestre. Não era mais a casa de sucos, mas sim o Salt Club, um restaurante voltado principalmente para a venda de “steaks”.



Com dois andares e utilizando também a área da calçada, o local deixou de ser um ponto em que as pessoas apenas lanchavam, e se tornou um ambiente para jantares, encontros, reuniões familiares e entre amigos. Meses depois, veio a pandemia e o empreendimento fechou. Foi aí, mesmo durante o caos nacional e mundial na saúde que, no primeiro semestre de 2020, o Brasa foi inaugurado, oferecendo churrasquinhos, hambúrgueres, cervejas e petiscos, utilizando a mesma estrutura do Salt.

Lembrando que “todo conhecimento que a etnografia da duração promove é tradução, construção e desconstrução” (ROCHA E ECKERT, 2013, p. 25), neste processo de modificações espaciais dos estabelecimentos, o papel de quem observa as paisagens é fundamental, já que as significações partirão das interpretações destes sujeitos em relação aos “objetos concretos que existem realmente em torno de nós. Não é nem um sonho nem uma alucinação; porque, mesmo se aquilo que ela representa ou evoca pode ser imaginário, ela exige sempre um suporte objetivo (BERQUE, 2013, p.26).

Augustin Berque aponta, então, para uma relação mais intersubjetiva, em que a paisagem não está apenas no “suporte objetivo”, mas no modo de compreendê-la e mesmo praticá-la considerando-se a vida vivida. Para o autor, as paisagens devem ser compreendidas a partir da integração dos aspectos físicos, simbólicos e subjetivos, ou seja: a paisagem não reside somente no objeto nem somente no sujeito, mas na interação complexa entre ambos (BERQUE, 2013, p.26). Neste sentido, por ser uma (re)construção, fatores subjetivos como memória, afetos, repulsas, entre outros, contribuem para o uso e percepção das paisagens. Formuladas “dentro de um processo cognitivo vinculado ao jogo sutil de adesão às imagens e numa perspectiva que é também estética, a paisagem abrange uma dimensão sensível e emocional” (SILVEIRA, 2004, p. 163).

Nesta (re)união de espaços, pessoas e hábitos, lembro que em 5 de janeiro de 2022, uma quarta-feira, encontrei Daniele Rocha para conversarmos no Brasa King. Ao contrário do que em geral ocorre, principalmente em dias de semana, o ambiente estava lotado, tanto na área interna quanto externa, por volta de 20h. Como disse antes, ela morava na Braz, mas se mudou para a Serzedelo Corrêa devido ao grande barulho²³ e outros transtornos provocados pela obra da Quadra Corporate ao lado do prédio em que residia e que prejudicavam principalmente sua filha, de 6 anos, que tem Síndrome de Down.

Ficamos conversando sobre amenidades em uma mesa do lado de fora e, em determinado momento, ouvimos o aumento do tom das vozes em uma mesa ao lado. Como se tratava de um bar, com quase todas as pessoas ingerindo bebidas alcoólicas, não demos muita importância, afinal isto é comum em contexto de interação que envolve o consumo de bebidas.

²³ A Lei nº 7.990, de 10 de janeiro de 2000, sobre o combate à poluição sonora em Belém, afirma em seu 2º artigo que é “proibido perturbar o sossego e o bem estar público com sons excessivos, vibrações ou ruídos incômodos de qualquer natureza, produzidos por qualquer forma, que ultrapassem os limites estabelecidos pela lei”: setenta decibéis, em horário diurno, e sessenta, em horário noturno. Há uma exceção para o som de obras, no entanto, esta é aplicada apenas para “serviços urgentes e inadiáveis, decorrentes de casos fortuitos ou de força maior, ou perigo iminente à segurança e ao bem estar da comunidade, bem como o restabelecimento de serviços públicos essenciais, tais como energia elétrica, gás, telefone, água, esgoto e sistema viário”, como é destacado em seu artigo 22. Ver mais em <<https://semma.belem.pa.gov.br/wp-content/uploads/2021/06/Lei-n%C2%BA-7.990.200-Controle-de-Polui%C3%A7%C3%A3o-Sonora-2.docx>>. Acesso em 21 de fevereiro de 2023.

Contudo, em alguns minutos, as falas se tornaram gritos e então pudemos ouvir que uma mulher preta, já de pé, gritava indignada para um homem branco, cabelo grisalho, que estava em sua frente: “é um absurdo ainda apoiar Bolsonaro, eu não vou ficar numa mesa em que apoiam esse genocida”. Além dos dois, estavam na mesa também uma mulher e um homem, aparentemente os mais velhos da mesa e, talvez do bar, que estavam lá naquele momento.

A discussão se intensificou e a mulher decidiu sair da mesa. O alvo de sua indignação perguntou com tom de voz brando e debochado: “mas o que ele roubou? No que ele é corrupto?”. Na nítida defesa de seu presidente, ele ignorou todos os argumentos e queixas citados pela mulher e focou apenas na “bandeira anti-corrupção” que foi defendida nas eleições pelo ainda candidato Jair Bolsonaro, mesmo que inúmeros dados mostrassem o contrário.

Neste momento, passou um casal, ambos brancos, fazendo uma caminhada na pista, um pouco perto da calçada. A mulher olhou a situação em silêncio, enquanto o homem gritou: “Bolsonaro”. No momento, imediatamente, pensei em reagir e mandar um “cotoco” com o dedo médio. Porém, com a mesma rapidez que imaginei isto, desisti de tal ato, afinal a pessoa pode(ria) ser um interlocutor desta pesquisa e eu poderia também instigar uma confusão muito maior que, no fim das contas, de certo modo, nem era minha.

minha irmã acabou de me contar que tinha um cara passeando pela **bras de aguiar** ontem de moto com uma bandeira nazista

q porra é essa

alguém mais viu?

Quando sair o resultado das eleições vou estar trabalhando cercada de bolsonaristas na **Brás de Aguiar**, levarei um tiro por comemorar a vitória do lula se deus quiser

11

vim tomar um café com um adesivo do lula na **brás de aguiar** que deus me proteja 🙏

Dá um ânimo, sim, ver bandeiras **de** Lula nas janelas **de** apês, especialmente em avenidas elitistas, como a **Braz de Aguiar**, em Belém.



Uma véia fantasiada **de** Capitã Patriota acaba **de** me chamar **de** “cabeludo comunista, defensor da ideologia **de** gêneros” na esquina da Dr. Moraes com **Braz de Aguiar**.

O motivo? Me negar a pegar panfleto + estar usando uma camisa do @SCIInternacional.

Após estas frações de segundos, em uma mesa que estava mais próxima da vala²⁴ e, portanto, do casal que passou se exercitando, um homem começou a gritar: “Fora Bolsonaro!”, sendo seguido por outra mesa, que estava atrás de onde eu e Daniele estávamos. Em poucos segundos, já havia um “coro” repetindo a frase e outras pessoas olhando sem entender muito bem o que estava ocorrendo. Aí sim, acabei reagindo, aplaudi e gritei um pouco, me integrando momentaneamente àquelas manifestações.

Neste ínterim, a mulher que discutiu saiu da mesa e foi acolhida rapidamente por outras pessoas. Não consegui perceber se ela os conhecia, mas acredito que não, afinal foi possível ouvir perguntas do tipo “qual seu nome?” e “o que você faz?”. Talvez um novo contato ou uma nova rede, ainda que momentânea, possa ter sido iniciada após a discussão naquele bar na Braz de Aguiar.

A conversa com Daniele seguiu amigável e divertida, ao contrário do ambiente, que seguia tenso. Em determinado momento, o homem que defendeu Bolsonaro se levantou para ir ao banheiro e a mulher voltou para a mesa para se despedir dos amigos e pagar pelo seu consumo. Ao vermos ele de pé, eu e Daniele começamos a “analisá-lo”. Com sapatênis marrom, uma calça jeans meio “surrada” e uma camisa social de algodão, ele não aparentava ser financeiramente tão privilegiado.

Daniele comentou: “olha só esse cara, esse cara é todo frustrado. Se acha rico, defende o Bolsonaro porque é a imagem que ele tem de virilidade, poder. Ele desconta suas frustrações se vingando do que pode ter perdido com o Lula e com a Dilma, mas não vê que ele é um dos mais prejudicados com o Bolsonaro...” Suas observações ácidas – ou precisas – ganharam maior força quando, após pagar a conta, ele pegou sua mochila, bem pequena e sem apresentar praticamente volume algum e, apesar de haver alguns carros grandes e até importados estacionados ali próximo, subiu em uma moto cuja aparência era de desgaste e se retirou, sugerindo que não mora na avenida, mas que, pelo menos por alguns momentos, ela o ajudou a se inserir em uma classe da qual ele não faz parte.

Creio que a Braz e o simbolismo que carrega termina sendo vista como um espaço propício para algumas experiências e performances, como a expressão do que se defende ou mesmo se deseja ser e realizar no contexto belenense. Morar na Braz e “estar nela” consumindo, por exemplo, sugere certo poder em relação aos demais moradores de outros bairros e ruas da cidade, seja econômico ou mais voltado à busca da associação a um *status* mais elevado, que pode se expressar, por exemplo, em práticas de lazer. “à medida que acumula riquezas, a classe

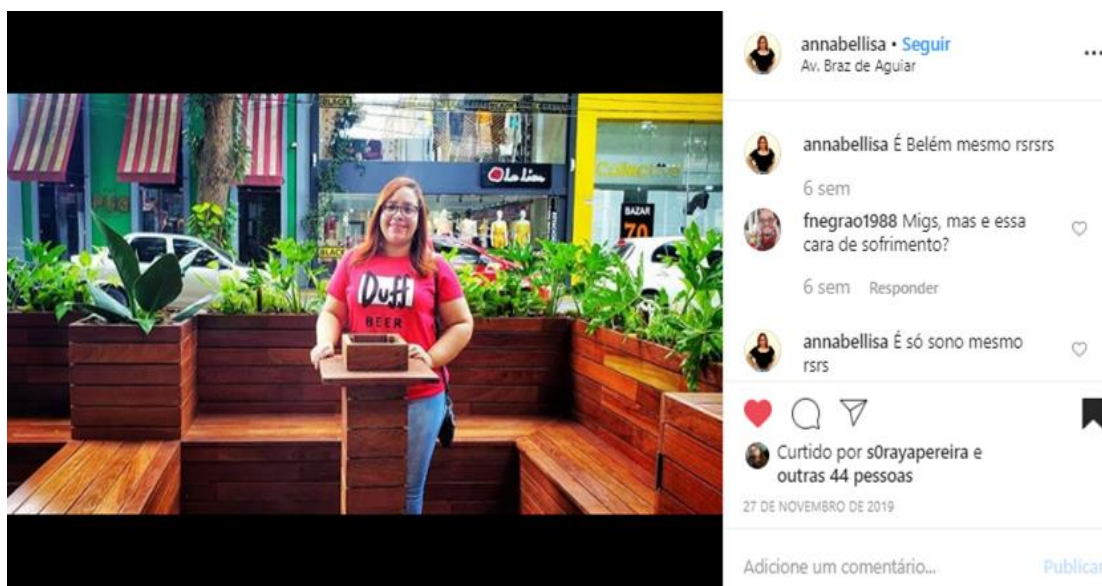
²⁴ Vala é como se denomina, em Belém e outras cidades, as canaletas pelas quais a água da chuva, de empreendimentos e de residências, escoam.

ociosa desenvolve-se em suas funções e em sua estrutura, surgindo dentro de si uma diferenciação; um sistema mais ou menos elaborado de status e posições”, já destacara Veblen no século XIX (1965, p. 38). Atualmente, a possibilidade de representações e simulacros, instiga hábitos assim também.

Talvez estas práticas sejam estimuladas pela constituição da avenida, afinal a Braz termina sendo um “sonho de consumo visual” no contexto de Belém, se pensarmos seguindo as reflexões de Zukin (1996), que expressa ou mesmo incita a percepção de alguns poderes. De acordo com ela, para a constituição de tal categoria, muito contribui a fisionomia “colorida” de um local, algo que é possível de ser visto facilmente na Braz. Tal estética se contrapõe a um “signo suicida”, categoria apresentada por Lucrécia Ferrara (1988), quando afirma que a

exploração desordenada de formas variadas, ângulos pontiagudos, formas arredondadas, elipses, círculos, pentágonos que se manifestam abruptamente, e de materiais diversos, ou seja, concreto aparente, pedra, pastilhas, mármore, todos em tom cinza, contribui para uma visualização que, quando existente, desagrada pela rigidez e monotonia, o que redundando em estrutura imbricada que não permite que o usuário dela se apossasse rapidamente, tornando-se, portanto, ininteligível (1988, p. 47).

Enquanto “áreas cinzas” terminam provocando uma recepção pouco atrativa por parte dos passantes ou de moradores, em que o espaço passa a ser visto como algo secundário, a percepção de outros lugares mais “chamativos” ajuda a provocar mais sensações e a atrair pessoas para o consumo no local. Veja, por exemplo, o conteúdo a seguir, publicado no Instagram:



Tal publicação, espontânea, assim como várias outras fotos que são feitas na avenida por transeuntes e moradores, possibilita um diálogo maior entre dois elementos fundamentais para compreender a categoria: de um lado, a paisagem “material”, expressa em fachadas, ambientes, construções e anúncios. De outro, a percepção e experiência dos sujeitos naquele local, que os permita exercer ou mesmo sugerir práticas que não são possíveis (ou não tanto) em outras vias. Em Belém, a escassez de locais semelhantes a Braz de Aguiar termina colaborando para sua singularidade. Isto me lembra Zukin, quando afirma que há três elementos de uma “paisagem pós-moderna”: cenário, uma fantasia particular compartilhada e um espaço liminar que faz a mediação entre natureza e artifício, mercado e lugar (1996, p. 91).

Como se nota, as paisagens urbanas contemporâneas relacionam não apenas cultura e poder, mas natureza e artifício, que podem ser compreendidos como espaço físico e o modo como ele é apropriado, adaptado e visto como propiciador de aderência ou repulsa; mercado – as forças econômicas que desvinculam as pessoas de instituições sociais estabelecidas – e lugar, que se refere às formas espaciais que as ancoram no mundo social, proporcionando base para uma identidade estável (ZUKIN, 1996, p. 83).

Outrossim, creio o conceito de “paisagem de poder” pode ser potencializado ao se desenvolver uma etnografia de rua, como na Braz de Aguiar, afinal incita outras reflexões e percepções, como, por exemplo, o questionamento acerca de “identidades estáveis”, principalmente porque a via se constitui em um caleidoscópio de referências e estéticas, muitas vezes desenvolvidas para fins publicitários, mas também buscando provocar a percepção de outras experiências pelos sujeitos no mundo urbano da metrópole amazônica.

Zukin aponta para o fato de que mais importante do que os debates sobre nova classe/novos gostos no âmbito das sociedades contemporâneas, importa observar a questão estrutural mais abrangente da maneira como novos produtos culturais se formam, ou de que modo estratégias de apropriação cultural se articulam com padrões de produção e consumo (ZUKIN, 1996, p. 88), que auxiliam a compreender as dinâmicas urbanas na Braz.



A circulação de imagens para consumo visual é inseparável das estruturas centralizadas do poder econômico (ZUKIN, 1996, p. 96) e isto se expressa nas fachadas – o estilo enobrecido, as gentrificações – e na escolha dos nomes (geralmente com estrangeirismos) que identificam alguns estabelecimentos.

Creio que nesta atualização do conceito de paisagem de poder, é importante pensar também em fatores distintivos que são criados/imaginados para que o público perceba no local um diferencial na medida em que o praticam em busca de distinção social. Deste modo, creio que a associação a outros locais de fora do Estado e também a utilização de estrangeirismos são importantes neste contexto.

3.1. MADE IN BRAZ?

Ibiza Lounge, San Tito, China In Box, Grand Cru, Rockfeller, Duckbill Cookies & Coffee, Cosanostra, Redentor Sushi Poke Shop, Pomme D’or, Wasabi e tantos outros... A lista dos estabelecimentos presentes na avenida Braz de Aguiar que possuem termos estrangeiros em seus nomes e fachadas é grande. Em conjunto, parecem compor certo “amontoador” de referências que, pela constância, nem surpreendem. Pelo contrário: parecem contribuir para a percepção de diferenciações no local e sua singularidade como um todo, dando ares de certo cosmopolitismo.

O estrangeirismo a que me refiro pode ser compreendido como toda palavra, ou elementos de termos, que sob o ponto de vista do desvio gráfico ou fonético, ainda hoje são características de outras línguas (BASTARRICA, 2009, p. 11), que não seja a brasileira ou portuguesa do Brasil. Retomando o passado colonial do país, Geir Campos (*apud* VALADARES, 2014, p. 6) tem uma cirúrgica e provocativa definição sobre o que é estrangeirismo: “um empréstimo que ainda não se naturalizou”. Resumidamente, o que se nota ao discutir os conceitos acerca de tal categoria é que estrangeirismo

é o emprego, na língua de uma comunidade, de elementos oriundos de outras línguas. No caso brasileiro, posto simplesmente, seria o uso de palavras e expressões estrangeiras no português. Trata-se de fenômeno constante no contato entre comunidades linguísticas, também chamado de empréstimo (FARACO, 2004, p.15).

No caso específico da Braz de Aguiar estes empréstimos, além de serem recorrentes, por vezes parecem singularizar mais algumas práticas e paisagens presentes na via. Há

apropriações no espaço, visando fins mercadológicos, que se constituem em paisagens curiosas, como a presença de um tapete verde na parte externa do restaurante Wasabi, na esquina da Braz com Quintino, tornando a calçada um “gramado” que, em geral, é o principal local a ser utilizados pelos consumidores.

Creio ser possível afirmar que intervenções como esta, além de influírem “sobre o imaginário das pessoas, aguçando-lhes o apetite pelo lúdico, pelo teatral, pelo espetáculo” (LIPOVETSKY, 2000, p. 9), se configuram em pastiches urbanos. O conceito de pastiche que levo em conta, bem mais relacionado a linguagens artísticas, não se constitui em alguma espécie de plágio ou mesmo numa forma de paródia, mas deve ser entendido como o imitar de um estilo único, peculiar ou idiossincrático (JAMESON, 2002: pp.43-44), feito sem o objetivo de provocar o riso, satirizar, buscar a reflexão ou ser irônico.

Nas artes, em geral, o pastiche visa uma “homenagem” a estilos ou obras anteriores, das quais se apreende o mais “peculiar” e se adapta “livremente”, respeitando-se as características originais, mas empregando-se também novas estruturas. Na urbe, os pastiches são transformados e/ou produzidos mediante apelo econômico e pela sugestão acerca de uma prática ou experiência que talvez não seja possível. O sentido de autêntico torna-se mais turvo, em um movimento provocado bem mais por aspectos financeiros e relacionados a *status*, com usos e apropriações simbólicas talvez “curiosas” e incoerentes.

Atento a estes processos, Jessé Souza afirmou que a camada média é “a mais escravizada por essas mentiras sociais de liberdade e de autonomia individual” (2018, p. 09), afinal “enquanto os excluídos são simplesmente invisibilizados e desprezados, a classe média representa um ideal desejável e de grande força simbólica” (SOUZA, 2018, p. 09), que pode incitar a presença de estrangeirismos.

Curiosamente, a recorrência de estrangeirismos não significa que haja nestes ambientes muitas citações, ou mesmo, criação de cenários que



“mimetizem” os ambientes aos quais fazem referência. Isto ocorre na avenida e em seu entorno. O Lanche do Sírio, por exemplo, que está situado entre Quintino e Generalíssimo, apesar de ser de uma família de sírios, não possui apenas, como o nome sugere, produtos da culinária síria, como esfirras e quibes. Pequena lanchonete situada na avenida, lá são vendidos também sucos regionais (como de taperebá, muruci e cupuaçu) e refrigerantes como Coca-Cola. Quem mais se aproxima da utilização de referências mais amplas é a barbearia Carioca, localizada na avenida Dr. Moraes, a apenas alguns passos da Braz, que possui diversas referências ao Rio de Janeiro (imagens, músicas e estilização dos uniformes dos funcionários, além do “calçadão” construído à frente²⁵).



Para esse simbolismo, como é possível notar, também colabora o uso de estrangeirismos, principalmente com fins principalmente publicitários. Esta percepção já foi tema de outras pesquisas²⁶ realizadas em vias e lojas de outras cidades do país e de Portugal, por exemplo. Dentre estas, destaco “O estrangeirismo como fator de prestígio social ou

²⁵ Há, inclusive, outro perfil no Instagram, administrado pela Barbearia, com destaque para o “calçadão”: <<https://www.instagram.com/copacabanagaleria/>>. Acesso em 02 de outubro de 2021.

²⁶ É possível citar outros trabalhos como “Estrangeirismo em nomes de estabelecimentos comerciais na cidade de Porto Velho – RO” (2015), de Rafael Xavier da Silva, Neusa Teresinha Rocha dos Santos, Solimaria Pereira Lima e Odete Burgeile; “O nome é a alma do negócio: um estudo linguístico dos nomes das lojas em Portugal” (1998), de Lurdes de Castro Moutinho e Rosa Lúcia Coimbra e “Os anglicismos nas fachadas de estabelecimentos comerciais da rua Grande no centro de São Luís – MA: ampliação do léxico ou ameaça à hegemonia da língua portuguesa?” (2011), de Maiane Serra e Janice Inês Nodari.

estratégia de marketing em estabelecimentos comerciais de Curitiba” (2014), de Cristiane de Souza Magnani. É a autora que afirma que muitas vezes tal uso parte do

desejo de ser diferente, sedutor, e principalmente próspero. Dessa forma, por meio do discurso, concretiza-se o desejo do indivíduo de fazer parte de uma sociedade elitizada, dando-lhe a sensação de se inscrever em um meio social diferenciado, que lhe dá prestígio e reconhecimento, ainda que esse sentimento seja expressivamente subjetivo (MAGNANI, 2014, p. 57).

Tal estratégia para demonstrar “prestígio” aponta para dois processos peculiares: primeiro, a ampliação do uso de termos que não são “regionais” – entendendo-se aqui o “regionalismo propriamente dito como a tendência que consagra o regional e não o universal, como medida de valor e conhecimento, da arte e da literatura” (NUNES, 1999, p. 03.). Não se trata aqui de algum tipo de defesa da regionalidade, até porque no período contemporâneo, com inúmeras referências e fluxos de comunicação, imbricações sociais e linguísticas são cada vez mais comuns. O que noto aqui é o diálogo entre o mercado e a preferência dos consumidores.

Em um segundo momento, esta interrelação aponta para processos de identificação que também são mediados pelo espaço (ao lembrarmos das noções “eu-tu” e “eu-eles”, por exemplo). Neste contexto, lembro de Benedito Nunes ao afirmar que tal responsabilidade mais ampla de compreensões socioculturais “caberá à Antropologia, dentro do quadro das ciências humanas, e se filosoficamente repensada” (NUNES, 1973, p.20), afinal deverá observar e compreender os sentidos atribuídos a uma série de práticas e experiências no período contemporâneo. A contemporaneidade apresenta uma série de nuances que, embora sejam por vezes confusas e contraditórias, em comum apresentam o fato de se constituírem em pontos de partida para rediscussões sobre conceitos, identidades, estéticas, culturas.

Na chamada “pós-modernidade”, em que a profusão de imagens é uma das principais características, rediscutem-se fronteiras e processos nos mais diversos campos, como nas artes e culturas: dicotomias como erudito e popular, alta e baixa cultura, cultura regional e global, entre outras, apresentam-se como fronteiras cada vez mais fluidas, discutíveis, quiçá ultrapassadas.

Caminhando pela Braz de Aguiar, é possível ver a propaganda de um “High School”, isto é, “Ensino Médio”, ofertado aos alunos do Colégio Marista nos Estados Unidos. A possibilidade, envolve, além da sugestão do maior profissionalismo e prestígio que tal intercâmbio pode provocar, diferenciação às outras instituições de ensino – e, em menor escala, aos demais alunos e pessoas. Apenas existir não basta, é preciso que isto seja publicizado,

inclusive na parte “de trás” da escola, que fica na Braz de Aguiar, entre Quintino e Generalíssimo.



Como afirma David Harvey, atualmente privilegia-se “a heterogeneidade e a diferença como forças libertadoras do discurso cultural” (2003, p.19), assim, não é somente uma série de representações e modos de linguagens artísticas que são (re)elaborados no cotidiano de um modo amplo e na avenida. Ganhou força a ideia de “hibridismo” ou “hibridez”, processo pelo qual manifestações artísticas e culturais mantêm um diálogo maior entre seus códigos estéticos e se tornam mais sincréticas, interseccionadas e que podem ser percebidas, por exemplo, nas fachadas de lojas na Braz. O antropólogo sueco Ulf Hannerz se refere a termos similares à “hibridez”, como:

Colagem, mélange, miscelânea, montagem, sinergia, bricolagem, criolização, mestiçagem, miscigenação, sincretismo, transculturação, terceiras culturas, e outros termos; uns são usados só de passagem, como metáforas sintéticas, outros reclamam um status analítico maior, outros, ainda, têm uma importância apenas regional ou temática. Na maioria das vezes eles parecem sugerir uma preocupação com forma cultural, com produtos culturais (...); algumas palavras parecem, mais do que outras, dizer respeito a processo. *Hibridez parece ser atualmente o termo genérico preferido*, talvez por derivar sua força, como “fluxo”, de uma fácil mobilidade entre disciplinas (1997, p. 26, grifo meu).

Destarte, não só os antropólogos se referem ao hibridismo. Um dos principais pesquisadores que analisou estas relações é Nestor Garcia Canclini, em especial em seu livro

Culturas Híbridas (2003). Em que pese a variedade de campos e análises de objetos, a noção de hibridismo cultural “unicamente” como mistura de códigos artísticos díspares parece prevalecer²⁷. Para compreender isto, é necessário observar que uma das modificações que também ocorre é pela “desterritorialização” dos indivíduos e povos, como afirma Affonso Romano de Sant’Anna (2003). A pós-modernidade que descontextualiza as pessoas e desterritorializa as culturas é cada vez mais “presente”, acrescenta Sant’Anna (2003). Observar fachadas e interiores de alguns espaços da Braz nos sugere uma pretensa universalidade e/ ou universalização, em que a via passa a ser mais internacional, com referências múltiplas de lugares diferentes.



²⁷ Importante observar que as análises de Canclini não são relacionadas apenas a estas misturas, como se as mesmas não fossem resultado de um processo mais amplo. O próprio autor destaca o quanto e de que modo as questões políticas e ideológicas que o debate sobre o hibridismo possui. Em artigo que “revisita” seu livro *Culturas Híbridas*, Canclini explica que seu “proposito ha sido elaborar la nocion de hibridacion como un concepto social” (1997, p.109). Citando Jean Franco, afirma que *Culturas Híbridas* é um livro em busca de um método e “como la busqueda de ese metodo, y de articulaciones entre las disciplinas que trabajan por separado esos campos (estetica, antropologia, sociologia y comunicacion), son aún tareas en proceso, veo ese libro como algo abierto, al que se puede entrar y del que se puede salir de muchas maneras”. (CANCLINI, 1997, p.109).

Aqui, vejo o fortalecimento de uma estética *kitsch*, conceito (ou uma tentativa de) eminentemente estético que está diretamente ligado ao gosto individual. Para Décio Pignatari (1997), o *kitsch* reúne o consumo de massa e um sentimentalismo ligado a esta forma de consumo, o que gera, por vezes, a percepção de “mau gosto”, já que muitas vezes se misturam referências díspares de modo espontâneo ou ainda com fins mercadológicos. Para o poeta e pesquisador,

[m]ais do que típico, o kitsch é um fenômeno protótipo do consumo. (...) A chamada arte tumular (que alguns espíritos ferinos, hoje, pretendem extensiva à arte em geral...), a maioria dos monumentos públicos, os santos e “santinhos” das igrejas do século passado [XIX] (e deste) podem ser enquadrados nessa categoria. Por analogia, o rótulo se estendeu a outras faixas: literatura, música, arquitetura, teatro, dança, desenho industrial, imprensa, rádio, cinema, televisão (PIGNATARI, 1997, p. 97).

Este “tumulto estético”, portanto, alcança diversas áreas para além das linguagens artísticas, compondo práticas de consumo e cenários peculiares. Segundo Hécio Fabri (2012), o *kitsch*

se mantém intraduzível nas línguas latinas, conquistou o mundo, simbolizando um conceito universal para representar a atitude da sociedade perante os objetos de consumo ou um estilo marcado pela ausência de estilo, infiltrado em diversos segmentos de manifestações artísticas e estéticas apoiadas pela indústria cultural e pelos meios de comunicação de massa. A indústria cultural foi a propagadora do kitsch, ao promover a reprodução em série as obras de arte para agradar o gosto da classe média burguesa em ascensão, fazendo com que estas perdessem seu grau de autenticidade (FABRI, 2012, p. 153).

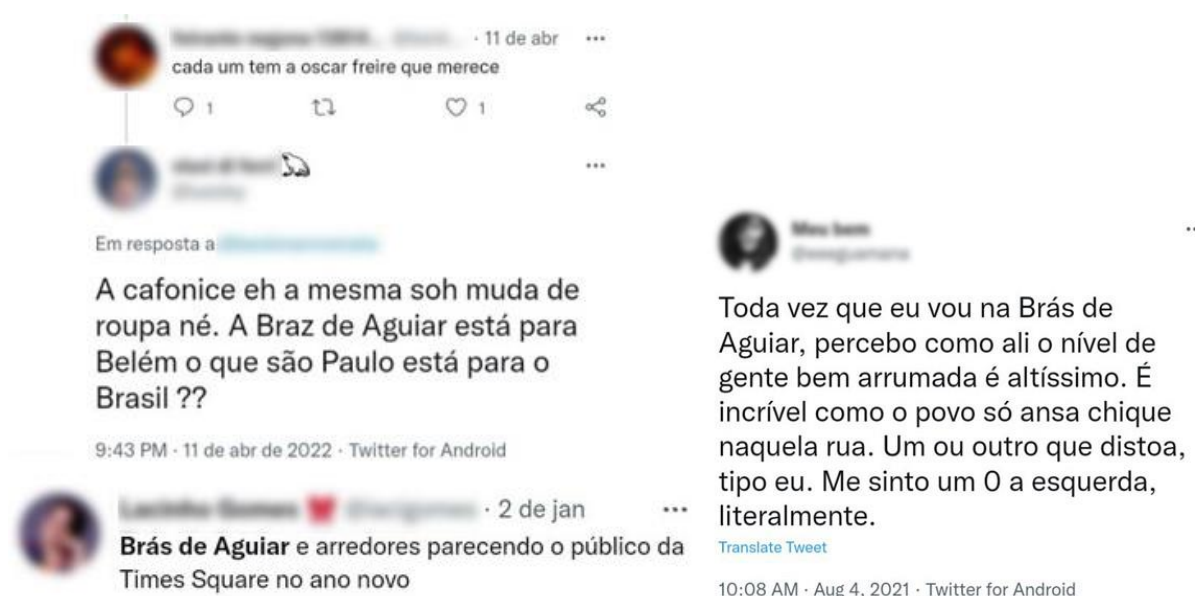
É possível citar ainda as características que definiriam o *kitsch* através de quatro pilares referidos por Christina Sêga (2008): imitação; exagero; ocupação do espaço errado e perda da função original, todos encontráveis em algumas lojas e ambientes da Braz de Aguiar. Em poucas palavras, então, o *kitsch* sintetiza certa inadequação de determinados objetos, o que não é necessariamente condenável. Se há algum tipo de juízo de gosto, isto é deixado de lado, já que tal estética também se baseia na busca de chamar atenção²⁸.

²⁸ Também é possível notar, nestas reflexões acerca da estética *Kitsch*, uma relação com a “cultura woke”, que, inicialmente ligada a necessidade de uma “consciência contínua” em questões sociais, em especial contra o racismo, também alcançou práticas ligadas à sustentabilidade, com o (re)aproveitamento de diversos materiais que poderiam ser descartados, mas que agora ganham novos usos e significados.

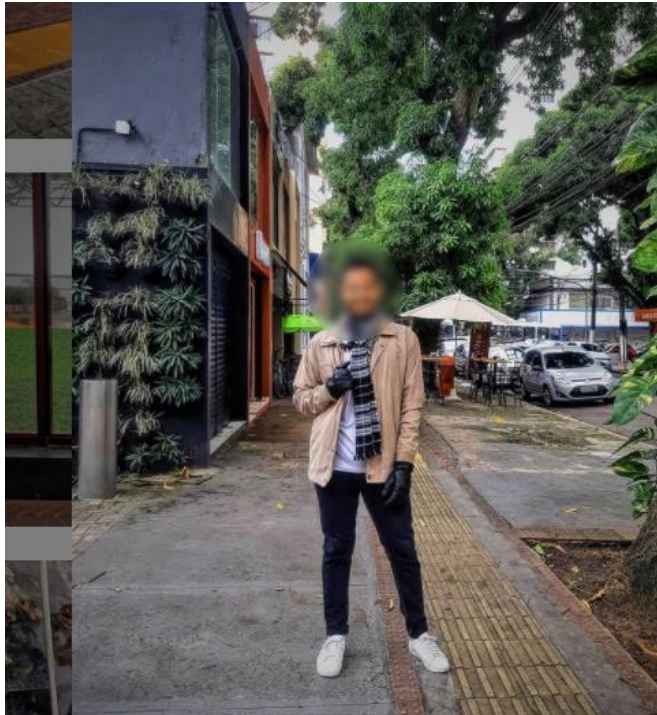


Apesar de ser uma estratégia para incitar possíveis consumidores, a presença de cenários, manequins e o modo como algumas vitrines são constituídas, não raramente provocam uma reação inversa, gerando repulsa, críticas e a definição de que os produtos e seu modo de apresentação são, na verdade, não estilosos e “chiques”, mas sim, “cafonas”. Isto é complementado e/ou ampliado pela exposição feita dos produtos e pessoas nas redes sociais, que muitas vezes utilizam a Braz como cenário de ensaios fotográficos.

Pelas redes sociais, vários são as publicações feitas no Instagram, de modo espontâneo ou de lojas, que destacam os estabelecimentos e/ ou seus produtos, tendo a Braz como cenário. Também são comuns as publicações sobre a “cafonice” presente na avenida.



É isto que também possibilita a avenida ser utilizada para ensaios fotográficos, principalmente ao longo do dia, aproveitando a luz natural e, também, sua arborização e o tráfego de veículos menores, se comparado às vias que são paralelas. Até mesmo fotos com roupas de “inverno”, com uso de casaco, cachecol e luvas, acessórios incomuns em Belém, já foram feitas na avenida, simulando uma experiência rara na capital paraense:





Observar na via este caleidoscópio de referências estéticas, sociais e comunicacionais ajuda na compreensão do estabelecimento das paisagens de poder e, principalmente, na percepção da busca por símbolos que expressem ou sugiram distinções de classe e nas

experiências dos sujeitos. Se, por um lado, a Braz é singular em Belém, não apenas possui semelhanças com outras vias pelo país como pode ter nelas referências para sua composição, se constituindo talvez em uma tentativa de replicação ou continuidade na capital paraense.

3.2. “OUTRAS” BRAZ?

Em fevereiro de 2021, o artista visual paraense Paulo Victor Dias, conhecido como PV Dias, publicou uma interessante obra em seu perfil no instagram em que se mostra “preenchido” pela fisionomia da Braz de Aguiar, ainda que estivesse próximo ao Rio Cupijó, em Cametá, cidade na região do Baixo Tocantins, no Pará.



A imagem chamou minha atenção por sugerir diálogos entre paisagens distantes e que em um primeiro momento poderiam se repelir, mas parecem se imbricar no contexto paraense. Penso que, em uma analogia partindo da colagem digital, seja possível afirmar que outras fisionomias de avenidas, em alguns aspectos semelhantes a Braz²⁹, poderiam ser utilizadas em

²⁹ Isto é, que possuem diversos empreendimentos voltados ao consumo das classes médias e altas nas metrópoles brasileiras, utilização de fachadas e ambientes com estrangeirismos, onde se pode notar práticas específicas relacionadas à paisagem de poder.

tal construção. Mais que isso: há uma tensão entre as fisionomias urbanas e rurais que são sugeridas na obra e que ocorrem também em vários indivíduos na Amazônia, devido a constituição física da região.

A reflexão acerca desta relação complexa e interessante ganha contornos mais nítidos caso se observe que “as formas de paisagem – como as identidades e capacidades dos seus habitantes humanos – não são impostas sobre um substrato material, mas surgem como condensações ou cristalizações de atividade dentro de um campo relacional” (INGOLD, 2011, p. 90). É ainda Tim Ingold que explica que

[c]onforme as pessoas, no curso de suas vidas cotidianas, fazem o seu caminho a pé por um terreno familiar, assim os seus caminhos texturas e contornos, variáveis através das estações do ano, são incorporados em suas próprias capacidades corporificadas de movimento, consciência e resposta (INGOLD, 2011, p. 90).

Os indivíduos, assim, não apenas percorrem os espaços, mas aderem aos mesmos e os recriam. No caso da obra citada, ao observar o “vazio” a ser preenchido no corpo do artista, creio ser possível também notar a constituição de um possível modelo replicável de vias que são “moldadas” ao consumo, ainda que as cidades possuam características bem diferentes.

Neste sentido, por exemplo, ganha relevo, a avenida Oscar Freire (em especial no trecho entre a Rua Augusta e a Consolação, no bairro de Jardins, perfazendo menos de 500m), em São Paulo, que possui pouco mais de 2,5 km de extensão e uma fisionomia considerada mais “elitista”, com lojas, restaurantes e prédios considerados de luxo e destinados a uma classe mais alta.



Rony Loureiro afirmou em uma conversa que “quando vou pra São Paulo gosto de ficar perto da Oscar Freire. Pra mim, a Braz tem um ‘quê’ de Oscar Freire, sabe?! Cheia de lojinha, cheia de restaurante bom”. A afirmação do empresário aponta tanto para um poder econômico que permite certa constância de viagens à capital paulista, como também, na mesma, o desenvolvimento de atividades também ligadas ao lazer e não apenas econômicas. Note-se que, mesmo que seja sugerido que as viagens ocorram também por questões de trabalho, como explicou na conversa, a escolha pelo local de hospedagem é ligada a possibilidade de atividades mais brandas, como a visita de lojas e frequência de restaurantes ou, ao menos, a visualidade de tal ambiente.

De fato, na avenida paulistana, que visitei e fiz fotos em setembro de 2019, observei a prevalência de lojas, vitrines, nomes estrangeiros e serviços destinados a um público que possui poder aquisitivo mais amplo, o mesmo que é possível de ser visto na Braz, respeitando-se, logicamente, as escalas e referenciais de cada uma das vias³⁰.

Prosseguindo, não apenas Rony fez referência espontânea à Oscar Freire, mas também Juliana Travassos. Ela, no entanto, problematizou um pouco mais a possível “semelhança” entre as avenidas. Entre sorrisos, por vezes irônicos, ela comentou que

“tem gente muito positiva que fala que a Braz é a Oscar Freire paraense (risos). Assim... Olhando assim, de longe, só com um olho, vai (disse fazendo uma careta, comprimindo os olhos), porque são lojas que são ditas como boutiques, né, com as devidas proporções e são lojas de rua. É uma rua que tem um padrão de custo de vida alto, então, assim, né... Sendo bem positivo, dá. Dá pra comparar sim com a Oscar Freire”.

A afirmação de Julia e de Rony singularizam elementos mais visíveis, como lojas e restaurantes, bem como o “alto padrão” dos moradores e frequentadores dos locais mencionados. Nas conversas dirigidas, alguns dos sujeitos da pesquisa também comentaram sobre outras avenidas pelo país que, de algum modo, acreditam se assemelharem a Braz. Em alguns casos, as referências foram citadas com certa “naturalidade”. Em outros, perguntei se lembravam de alguma(s) via(s) com pontos de semelhança.

Muitas vezes as respostas eram genéricas, como, por exemplo, “algumas ruas de São Paulo”; “do Rio”; “de Lisboa” – uma paraense que mora em Portugal chegou a publicar em seu

³⁰ A Oscar Freire já foi tema de algumas pesquisas, como “Identidade regional no cluster comercial da rua Oscar Freire” (2012), de Elisa Botelho de Souza e Antônio Carlos Gil; “Espaço de consumo e consumo do espaço: cartografias do quadrilátero Oscar Freire” (2015), de Vera Pereira-Barretto e “O consumo das marcas de luxo na cidade de São Paulo: uma narrativa fotoetnográfica das vitrinas e sua produção de sentido” (2016), de Alhen Rubens Silveira Damasceno, entre outros.

perfil no Instagram uma imagem de um setor da capital lusitana com afirmando, metaforicamente, que “era a própria Braz”. Caroline da Silva, no entanto, citou duas avenidas que, de acordo com ela, teriam semelhança com a Braz: a Rua Dória Vasconcelos, em Holambra, interior de São Paulo e a rua Rita Ludolf, bairro do Leblon, Rio de Janeiro.

Em dezembro de 2020, em uma viagem com amigos até a capital fluminense, aproveitei para poder conhecer tal via, que possui menos de 300 metros de extensão. De fato, pela quantidade de veículos estacionados, presença de árvores, “silêncio” e disponibilidade de alguns bares e restaurantes, é possível notar certa semelhança imagética com a Braz. Contudo, ao contrário da avenida paraense, a Rita Ludolf é quase que somente residencial.





Estas considerações são importantes para observar que os “batismos” dos locais não se configuram em um modo de singularizá-los por sua estrutura, mas sim pelos nomes e referências que carregam. Deste modo, vias que priorizam o consumo das camadas altas e médias terminam sendo mais comuns em capitais, metrópoles e cidades consideradas grandes. Lipovetsky já afirmara que

[a] publicidade libertou-se da racionalidade argumentativa, pela qual se obrigava a declinar a composição dos produtos, segundo uma lógica utilitária, e mergulhou num imaginário puro, livre da verossimilhança, aberto à criatividade sem entraves, longe do culto da objetividade das coisas (2000, p. 8).

Neste sentido, a presença de termos estrangeiros e principalmente serviços destinados a camadas médias, terminam tornando as vias mercadorias ou, de acordo com Barreto et al. (2006), “paisagem mercadoria”, produzidas “por um determinado grupo social com a intenção de obter lucro, não sendo a expressão de diversos grupos culturais, que moldam a paisagem através do tempo, refletindo nela os diversos momentos históricos, vivenciados pelas associações humanas” (2006, p. 146). Na paisagem mercadoria, a via termina sendo convertida em um grande fetiche a ser consumido e “acessado”. Apesar de certa similitude com a Braz de Aguiar, é importante notar que tal categoria faz referência a espaços considerados turísticos em uma cidade, o que não ocorre com a Braz.

Tal distinção facilita a compreensão das paisagens de poder, já que, em uma perspectiva diacrônica, de acordo com Zukin, os sítios específicos da cidade moderna são transformados em espaços liminares pós-modernos, que tanto falseiam como fazem a mediação entre natureza e artefato, uso público e valor privado, mercado global e lugar específico” (ZUKIN, 1996, p. 82), como se vê na Braz.

Contudo, há problemas estruturais e tensões que a envolvem e se relacionam diretamente com as experiências desenvolvidas na avenida, bem como as relações que surgem a partir do seu uso e das possibilidades financeiras, principalmente das camadas médias e altas – ou que se pretendem como tal.

CAPÍTULO 4

A BRAZ É / E QUEM A “FAZ”

O estabelecimento e desenvolvimento de algumas vias que, respeitadas as escalas e particularidades, obviamente, são destinadas às classes médias e altas, contexto no qual a Braz de Aguiar está inserida, faz parte de um panorama mais amplo, em que o poder financeiro é fundamental, para que estes ambientes possam ser acessados e (res)significados. Neste sentido, ganha força a necessidade de uma hierarquia econômica e simbólica, em que nem todos “podem” experimentar a via e suas possibilidades: uma vez que a desigualdade no plano econômico é inevitável (DUMONT, 2008, p. 60), é importante atentar para relações mais sensíveis e a experiência dos sujeitos na via, que podem apontar para, em geral, interações diferentes na avenida e entre si, até porque

[t]udo que está presente nos indivíduos (que são os dados concretos e imediatos de qualquer realidade histórica) sob a forma de impulso, interesse, propósito, inclinação, estado psíquico, movimento – tudo que está presente nele de maneira a engendrar ou medir influências sobre outros, ou que receba tais influências, designo como conteúdo, como matéria, por assim dizer, da sociação (SIMMEL, 1983, pp 165-166).

Deste modo, muitas vezes, as práticas desenvolvidas na Braz por uma camada privilegiada vão além de uma relação de consumo, percurso ou residência. Através delas, é possível notar expressões e representações de poder, lazer e distinção de outras camadas. Isto ocorre porque, para Simmel,

[i]nteresses e necessidades específicas, certamente fazem com que os homens se unam em associações econômicas, em irmandades de sangue, em sociedades religiosas, em quadrilhas de bandidos. Além de seus conteúdos específicos, todas estas sociações também se caracterizam, precisamente, por um sentimento, entre seus membros, de estarem sociados, e pela satisfação derivada disso. Os sociados sentem que a formação de uma sociedade como tal é um valor; são impelidos para essa forma de existência. (SIMMEL, 1983, p. 166).

O “sentimento” e a satisfação, citados por Simmel, passam, portanto, a ser percebidos como valores intrínsecos à via e, exatamente por isso, a Braz é compreendida como um espaço propício para práticas diferenciadas em relação às demais avenidas de Belém. Observo, então, uma cadeia em que fatores pessoais de distinção, provocados também pelo acúmulo financeiro, termina incitando a proximidade e reunião de diversas pessoas, em uma sociação que chega a modificar fluxos urbanos, como também de mudanças nas próprias paisagens citadinas.

De acordo com Georg Simmel, a sociação é a forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidades que satisfazem seus interesses (1983, p. 166). Isto faz com que, em determinados momentos, as relações sejam mais próximas e amistosas, ao mesmo tempo que podem provocar distanciamento ou estranhamento de outros grupos de pessoas. Para isto, também contribui o acesso a bens e práticas de consumo, assim como maior possibilidade de práticas de lazer e ócio que apontam, então, para *habitus* e distinções que emergem e singularizam as “camadas” da sociedade, em especial as financeiramente mais favorecidas – ou que assim tentam parecer. Para Bourdieu, *habitus*, que não deve ser confundido pela similitude vocabular com apenas “hábitos”, é

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas (BOURDIEU, 1983, p. 65).

Esta cadeia de sentidos proposta na categoria incita a percepção das práticas dos sujeitos em relação às condições sociais mais amplas. Através desta inter-relação, creio que seja mais possível entender a própria realidade ou posição social, bem como compreender a si próprio dentro de uma camada mais ampla, pois é através de tais percepções que os sujeitos podem elaborar e repetir, ainda que de modo espontâneo, práticas que os singularizem e tornem seu grupo “diferente dos demais”. É fortalecido, então, o processo de distinção de classes, processo discutido anteriormente.

Sobre isto, Klaus Eder sugere que as classes médias e altas possuem uma “cultura específica” (2001, p. 10), relacionada a dois conceitos fundamentais: o de “boa vida” e de “relações sociais consensuais”, que alimentariam a ideia de um estilo de vida autêntico no qual as pessoas interagem como iguais e livres (EDER, 2001, p. 17) – portanto, todos teriam condições semelhantes de alcançar os mesmos objetivos, o que, sabemos, é um discurso bastante problemático, mas sempre atual quando se fala em “meritocracia”. Segundo o sociólogo alemão, estas classes, em especial as médias,

estão obcecadas com o engrandecimento pessoal, a autonomia e a competição. Essa é a base cultural sobre a qual foram construídos os novos movimentos sociais, e da qual eles extraíram suas fontes motivacionais e ideacionais. A cultura da boa vida é mais que uma idéia filosófica: é a expressão de um estilo de vida específico de classe (EDER, 2001, p. 16).

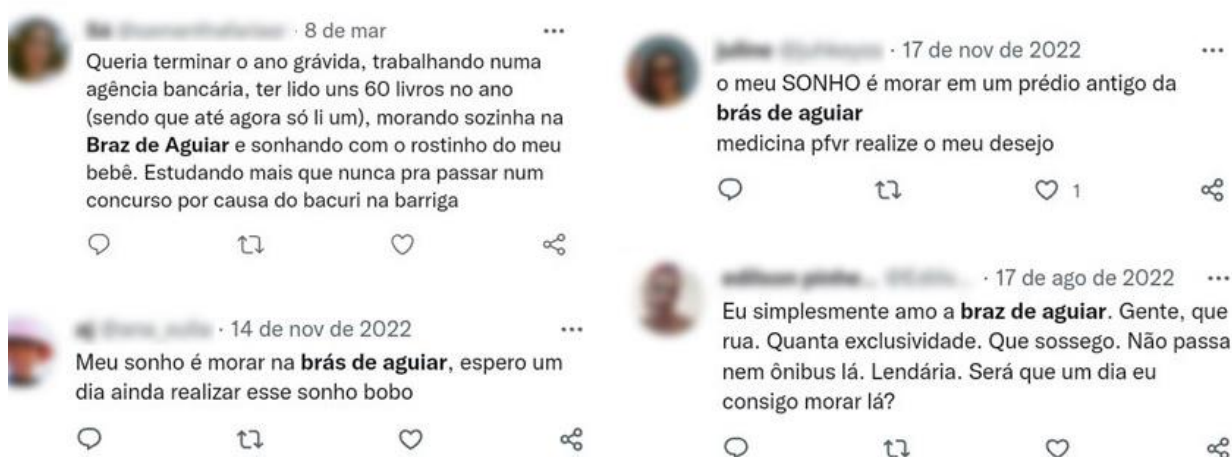
A Braz, com a disponibilidade de empreendimentos de serviços diversos, permite exatamente a prática e expressão desta “boa vida”, principalmente de seus moradores e *habitués*. Algumas afirmações ouvidas em minhas conversas ajudam a exemplificar isto:

“Eu moro hoje na Pedro Álvares Cabral, então eu moro muito bem lá, mas minhas coisas todas eu faço aqui. O meu banco é na Braz, o meu cabelereiro é na Braz, de vez em quando eu como por aqui quando não vou almoçar em casa. Então, acho que a Braz tem tudo que uma pessoa precisa para viver bem, acho que esse é o charme da Braz” (Rony Couceiro).

“A Braz favorece a circulação das pessoas e também a convivência dos moradores nos comércios, então tem loja de chocolate, tem farmácia, tem loja de roupa, sapataria, tem agência de turismo, tem cafeteria, lanchonete, doceria, tem tudo que você quiser. Tem a fruteira, que também vende legumes, carne, então acaba que tem tudo” (Daniele Fontes).

“Eu vendi o carro porque eu não precisava. Aqui eu tenho tudo... Eu desço, tenho uma farmácia, eu tenho uma padaria, eu tenho uma papelaria, restaurante, tenho como comprar roupa. É ótimo! Tanto que um dos motivos pra gente se mudar foi a qualidade de vida da minha mãe. Antes a gente morava lá no 40 Horas e aí acabava que a gente acordava, vinha trabalhar, saía do trabalho, voltava pra casa e ia dormir. É como se a gente ganhasse um tempo a mais no nosso dia. A minha mãe não dirige, então ela consegue ter a sua independência total” (Juliana Travassos).

A facilidade de acesso a outros locais, a “segurança” da via e a possibilidade de caminhar em um local arborizado facilitam estas dinâmicas da vida cotidiana. É preciso destacar também a percepção de “ganho de tempo”, que pode ser otimizado para incremento das atividades produtivas ou para o lazer. Assim, para algumas pessoas, morar na Braz passa a ser um objetivo ou “sonho”, quando se trata de viver e praticar a cidade de Belém.



Penso que é necessário também observar a possibilidade de surpresa (positiva, em geral) ao se deparar com algo desconhecido na via. Não se trata do exercício benjaminiano de “perder-se na cidade” (BENJAMIN, 1994, p. 73), para estranhá-la e percebê-la de modo mais atento, mas sim de um modo de notar algo e expressar, de modo coletivo, uma experiência que é eminentemente individual. Para exemplificar isto, apresento as imagens publicadas no perfil de Daniele Rochano Instagram, em janeiro de 2021, quando demonstra o “encanto” com uma situação inesperada para ela: encontrar um jovem tocando violino em frente a cafeteria que frequenta.





Notemos, cara/o leitor(a), que a breve narrativa tem início com o relato pessoal de problemas (a dor de cabeça e péssimo humor), que são solucionados com o contato com a apresentação musical. Junto à catarse, que a levou às lágrimas, como cita, a prática é singularizada ao demonstrar certa erudição (ao citar a Ária da Quarta Corda de Bach, como um tema bastante “comum”). Na publicação, Daniele faz também referência ao local que “permitiu” que o jovem tocasse na calçada, a cafeteria Duckbill, entre Rui Barbosa e Quintino, que, curiosamente, possui mesas e cadeiras do empreendimento.

Tal experiência transformada em fotos, vídeos e relato também pode ser considerada em mais um elemento distintivo, uma vez que não é comum na via e nem em demais áreas da capital paraense. Ainda que seja uma visão rotineira em áreas centrais de grandes metrópoles e em megalópoles brasileiras, como São Paulo, Rio de Janeiro e Curitiba, cidades nas quais já vi apresentações do tipo, pelo fato de ter ocorrido e sido registrada na Braz, corrobora para a busca de singularizar mais ainda a avenida. Em última medida, creio, a situação não foi definida como uma ação em Belém, mas sim uma possibilidade que a Braz proporcionou.

Bem mais que uma escolha linguística, tal percepção aponta para ações bem definidas na avenida: de um lado, a busca individual do músico por ganho financeiro; do outro, a transformação de uma ação comum (ir a uma cafeteria) em uma prática distintiva de lazer, que não é sinônima de ócio. Thorstein Veblen afirma que

o termo ‘ócio’, na conotação que tem neste estudo, não implica indolência ou quiescência. Significa simplesmente tempo gasto em atividade não produtiva. Gasta-se o tempo de modo não produtivo, primeiramente, por um sentimento da indignidade do trabalho produtivo e, em segundo lugar, para demonstrar a capacidade pecuniária de viver uma vida inativa (VEBLEN, 1965, pp. 24-25).

Veblen aponta para o fato de que as classes altas, médias ou “pequeno burguesas”, por terem maior “capacidade pecuniária”, poderão, de forma mais recorrente, possuir mais momentos “inativos”, isto é, em que não se desenvolve uma atividade financeira e nem apenas se descansa após desenvolvê-la. Escolhe-se “parar” momentaneamente, o que não irá interferir na “saúde financeira” daquela pessoa. Pelo contrário: é justamente a possibilidade da vida “inativa” que pode demonstrar a capacidade pecuniária dos sujeitos. É aí também que é possível diferenciar ócio de lazer, já que, este último está diretamente ligado às práticas produtivas, isto é, ao trabalho.

Ora, a análise do economista não observava especificamente as práticas de lazer, o que foi discutido de modo mais detido pelo sociólogo Stanley Parker, ao notar que “a estratificação social é um ingrediente importante das sociedades modernas, e o lazer adotado pelas pessoas é influenciado por sua classe ou condição social” (PARKER, 1978, p. 32).

Parker demonstra que a prática do lazer surge como uma demanda das classes operárias. Submetidas a um grande sistema de exploração, passaram a exigir o descanso como um direito, o que foi conquistado, como se sabe, após diversos embates. Se, por um lado, isto possibilitou momentos de “folga”, por outro, colaborou também para um incremento nos modos de lazer, instigado pelos grandes capitalistas com fins econômicos. “O crescimento das indústrias contribuiu para modelar a forma como a maior parte das pessoas gozam de seu lazer” (PARKER, 1978, p. 32), sintetiza o pensador inglês. Foram criados novos espaços, serviços, produtos, o que intensificou a compreensão de práticas de consumo como uma forma de lazer cada vez mais comum. Este processo não contribuiu apenas a manutenção das diferenças econômicas e sociais, mas para um aprofundamento delas, inclusive com o desenvolvimento de atividades de consumo que não são produtivas, mas possuem grande simbolismo.

Para Bertrand Russel, os operários “consideram o trabalho como deve ser considerado. Isto é, um meio de ganhar a vida, e é de seu tempo de lazer que eles obtêm qualquer possibilidade que possam desfrutar” (RUSSEL, 1977, p. 20). O lazer, surge então, como um intervalo entre horários e dias de trabalho e é por isso que, comumente, se espera tanto pelo fim de semana (RYBCZYNSKI, 1991), quando, em geral, as práticas de lazer por quem não possui tantas riquezas é mais possível.

O lazer passa a ser uma possibilidade de descanso, um “valor”, como discute Joffre Dumazedier (1973, p.25), que teria três funções básicas: o descanso, para se remover ou evitar a fadiga física e mental, que resulta da repetição do trabalho feito; a possibilidade de divertimento, recreação e entretenimento, cuja existência evita o tédio e, por fim, a possibilidade de desenvolvimento da personalidade, que permite aos trabalhadores “uma participação social maior e mais livre, a prática de uma cultura desinteressada do corpo, da sensibilidade e da razão, além de formação prática e técnica (...)” (1973, p. 33), que não raramente se associam à possibilidade de aprendizado – tanto quanto idealizada, convenhamos, afinal muitas vezes a exaustão e / ou condição financeira dificultam sobremaneira isto.

A diferença entre ócio e lazer, portanto, não diz respeito apenas ao modo de se praticar ambos, mas sim aos fatores financeiros e sociais que os possibilitam e, a partir disso, como são construídos. Importante notar isto porque, para Veblen, é também através da vida “inativa” que os sujeitos demonstram seu poder financeiro e “social” desfrutando de tempo livre. Isto pode se refletir no cotidiano, experiências e “padrão de vida” dos sujeitos, uma vez que “é pela sua natureza um hábito. Constitui, em método e intensidade, um hábito de reação a um dado estímulo. A dificuldade em abandonar um padrão estabelecido consiste na dificuldade em quebrar um hábito já formado” (VEBLEN, 1965, p. 51).

Na Braz, as práticas de lazer também podem ser consideradas um modo de representação e expressão de poder, seja de modo solitário ou em grupo, o que contribui para uma ampliação do conceito da paisagem de poder, ao se associar a experiência dos sujeitos na via. Tais reflexões me lembram relatos como os feitos por Ricardo Cardoso e Rony Couceiro, quando afirmam que, a depender da “agenda”, conseguem se encontrar com os amigos, até mesmo de infância, pelo menos semanalmente em alguns pontos da via. Para ambos, o lugar escolhido para os encontros, em geral, é a barbearia Rockfeller.

Ora, decidir – e conseguir – reunir-se com amigos, em qualquer dia, horário e local de forma costumeira não é uma experiência possível a todos os sujeitos no contexto metropolitano. Uma série de condições de vida dificultam ou impedem isto, em especial a falta de tempo e dinheiro. Bourdieu já afirmara que “toda distribuição desigual de bens ou de serviços tende a ser percebida como sistema simbólico, ou seja, como sistema de marcas distintivas” (2003, p. 112), apontando para o quanto a apropriação de espaços e serviços demarca, além de posições econômicas e sociais, capitais simbólicos que os expressam. É ele que explica que tais práticas recebem

um valor, e a soma dessas distribuições socialmente pertinentes desenha o sistema dos estilos de vida, sistema de separações diferenciais engendradas pelo gosto e por ele apreendidas como signos de bom ou mau gosto e ao mesmo tempo como títulos de nobreza capazes de gerar um lucro de distinção tão maior quanto maior for sua raridade distintiva, ou ainda como marca de infâmia (BOURDIEU, 2003, pp. 112-113).

Tal discussão de Bourdieu é criticada por Gilles Lipovetsky em “Sedução, publicidade e pós-modernidade”, que defende que “vivemos uma busca de estilos que devem exprimir, não a posição social, mas o gosto pessoal e a idade de cada um” (2000, p. 8), o que considero pouco diante da complexidade de experiências dos sujeitos, em especial na urbe e, mais ainda, em espaços em que a posição social se expressa de modo mais forte. É justamente aí que vejo ganhar fôlego também práticas como a do *footing* e a possibilidade de frequentar locais em que seja possível (re)encontrar amigos, observar e ser visto.

Na avenida aqui analisada, em estabelecimentos privados que utilizam também espaços públicos, como calçadas, isto parece ser potencializado. O relato de Ricardo Cardoso, neste sentido, é bem sintético, ao falar sobre as singularidades que percebe:

Acho que o principal fato da Braz, não sei se tu vai concordar comigo [se virando para um amigo que estava próximo a ele], é essa possibilidade de, em Belém, você sentar, na beira da rua, beber uma cerveja, sem medo de ser assaltado. A Braz... Ela inspira isso. Ela passa uma segurança da gente ficar na rua... Bestando. Por exemplo, o *parklet* aqui da Rockfeller. Cara, muitas tardes eu já vim ler aqui. Eu não vim fazer nada. Eu vim com meu *kindle*, sentei ali (apontando para o parklet) pra ler. Aí fui lancha ali (apontando para a direção da padaria Camões)... Apesar dela ter perdido aquela cara do ‘shopping de Belém’, como ela já teve no passado, ela mantém um pouco da aura de shopping, pela nossa tranquilidade. É a rua onde eu mais me sinto à vontade de conviver em Belém.

As conversas, casuais ou agendadas, com Ricardo, ocorreram na barbearia Rockfeller, onde ele vai praticamente todos os dias para encontrar alguns amigos, conversar e tomar algumas cervejas. Lembro de um dia, em janeiro de 2023, em que fui até o local para cortar cabelo e barba, de modo espontâneo, no fim da tarde. Ele estava lá, na parte externa, bebendo, fumando e conversando com uns amigos. Após o serviço realizado, sentei-me em um banco próximo ao balcão, pedi uma cerveja e fiquei prestando atenção em conversas paralelas dos consumidores que lá estavam. Em uma delas, Josy, atendente do local, brincava com outro funcionário contando quantas cervejas “Léo” já havia consumido: “só 12 *long necks* até agora, tá fraco”, o que dá em média R\$ 120 em apenas algumas horas. Mais que isso: o que mostra a proximidade e intimidade que foi desenvolvida pela frequência construída.

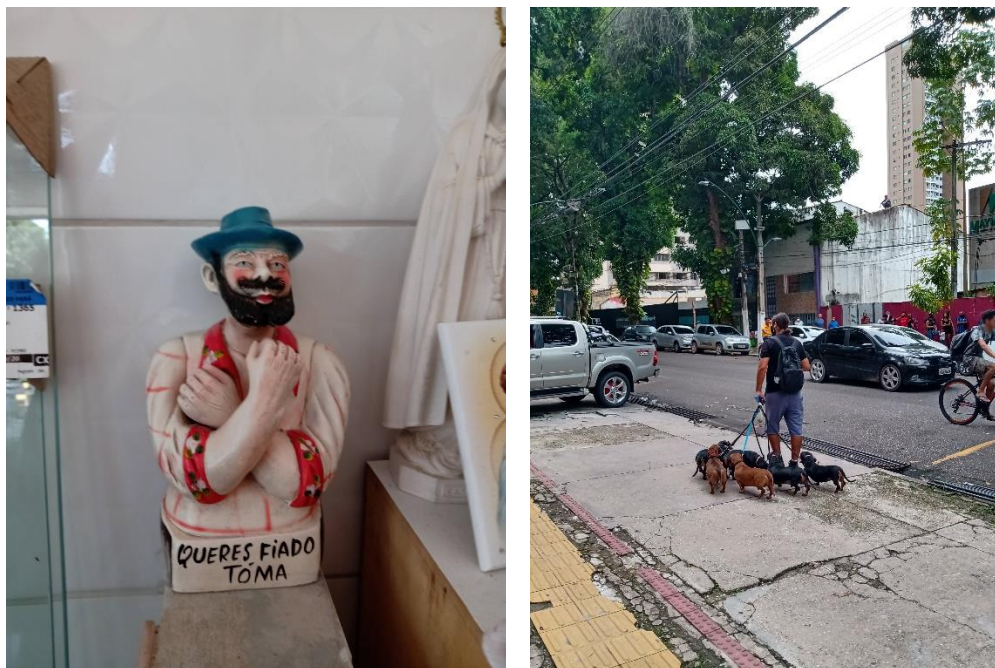
A primeira conversa com Ricardo ocorreu nos últimos dias de 2020, na barbearia, em que ele também envolveu esporadicamente outras pessoas, mostrando, além da proximidade a elas, uma forte conexão e pertencimento ao grupo e, por extensão, ao espaço: não apenas a Rockfeller, mas a Braz de Aguiar, ao indicar, “aqui e acolá”, os serviços que utiliza, locais que frequenta na via, o que faz e não faz.

Chama atenção a afirmação “eu não vim fazer nada”, sintetizando a prática do ócio, um deixar-se “inativo”, que contou com seu *kindle*, no banco do *parklet* da via, estrutura que em geral atrai olhares. Em uma tarde qualquer, enquanto inúmeras outras pessoas seguiam trabalhando, ele, que é neto dos donos de um grande grupo de ensino em Belém, parou no local e leu, algo possível também, segundo ele, pela segurança e familiaridade que apontou ao falar de sua relação com a via. Isto aponta, acredito, para a possibilidade de reconfiguração ou ampliação da afirmação de Veblen acerca do “consumo conspícuo”, mas não necessariamente de bens valiosos, e sim o uso de objetos não acessíveis a todos (como *kindles*) e seu uso privado, em ambiente público, de modo mais despreocupado. O economista também já destacara que

[o] homem ocioso não passa todo o seu tempo diante dos olhos dos outros, a fim de regalá-los com o espetáculo do ócio honorífico que, segundo o esquema ideal, constitui a sua vida. Parte de seu tempo ele o gasta forçosamente longe dos olhos do público, e tem, por amor ao seu bom nome, de prestar contas convincentes de sua utilização desse tempo disponível privado. Tem de encontrar um meio de mostrar a todos que passa no ócio também as horas gastas longe de espectadores. Isso só pode ele fazer indiretamente, mostrando algum resultado tangível e duradouro do seu ócio (VEBLEN, 1965, pp. 24-25).

Muitos destes processos são acentuados pela tendência ao individualismo e hedonismo presentes nos sujeitos na contemporaneidade. A compressão espaço-tempo, a informatização da sociedade (LYOTARD, 2002, p.11) para usos cada vez mais solitários e individuais, e até mesmo a referência a certa “liquidez” nas relações, apontam para o aprofundamento do individualismo entre os sujeitos, daí que

a ideologia moderna é individualista - sendo o individualismo definido sociologicamente do ponto de vista dos valores globais. Mas trata-se de uma configuração, não de um traço isolado por mais importante que seja. O indivíduo como valor tem atributos - como a igualdade - e implicações ou concomitantes para os quais a comparação sensibilizou o investigador (DUMONT, 1983, p. 21).



Se “o individualismo é o valor fundamental das sociedades modernas” (DUMONT, 1983, p. 29), em seu aprofundamento (ou “desdobramento”), isto é, na chamada pós-modernidade, estas relações do individual com o global e os processos intersubjetivos de proximidades e afastamentos parecem ser potencializados, como já discuti em diversos momentos deste texto. Contribui para isto, afirma Lipovetsky, a comunicação e o consumo, que acentuam o individualismo (2000, p. 9), por vezes expresso em diversas práticas de uso e / ou apropriação na avenida.

4.1. O QUE SE FAZ PELA BRAZ

A imagem a seguir é, para mim, talvez a mais representativa da Braz de Aguiar e, certamente, a que mais me tocou ao longo destes anos de observações na via. Feita na tarde de 29 de dezembro de 2020, enquanto caminhava pela avenida voltando para casa, notei a quantidade de pessoas na cafeteria Amazon Deli Coffee Shop, situada quase na esquina com a travessa Benjamin Constant.

Seguíamos em período pandêmico, o que, mesmo assim, não afastou (literalmente) as pessoas do contato e proximidade umas com as outras no estabelecimento, seja em sua parte interna, seja na calçada – o que também ocorreu em inúmeros ambientes da avenida e de Belém. No entanto, não foi isto que mais chamou minha atenção, mas sim, de imediato, notar que todas as pessoas que lá estavam, por volta de 17h, apenas para lanche, tomar café e conversar, eram brancas e que, cerca de um ou dois passos dali, estava uma criança, preta, que carregava uma pequena bolsa e, em suas mãos, uma caixa de bombons para serem vendidos.



A demarcação não era apenas espacial, como é possível notar na fotografia, mas sim de *habitus* e experiências completamente diferentes. No mesmo local, dia e horário. Parei minha caminhada por uns minutos, tomado pelo “incômodo” de me perceber de algum modo semelhante às pessoas que lá estavam consumindo: pela cor da pele, por vários privilégios e por estar desenvolvendo uma ação ociosa na avenida, já que havia saído para comprar chocolates para dar de presente de aniversário a uma conhecida. Além disso, o olhar da criança também despertou reflexões e uma sensação que não posso qualificar como boa. A garota estava com os olhos arregalados, expressando talvez a atenção por aguardar algum possível comprador dos bombons. Escorada na parede da Clínica de Medicina Preventiva do Pará (Climep), sua postura também demonstrava cansaço e, quiçá, certa resignação, enquanto fitava as pessoas que conversavam e se alimentavam, sem demonstrarem grandes preocupações.

Não sei o que a criança pensava naquele momento, mas pude, ao fazer tal foto, entender a imagem como uma espécie de síntese de várias discussões que aqui realizo. Digo isto porque, ao analisar as experiências e vivências dos sujeitos na Braz, é possível perceber

particularidades, que se coadunam tanto às formas de sociação e sociabilidade, como também a modos de (re)construir as paisagens e praticar e (res)significar o espaço e suas experiências.

Georg Simmel já afirmara que a sociabilidade entre membros de classes sociais muito diferentes é amiúde inconsistente e dolorosa (1983, p. 172). Por vezes, possui como demarcações o fator econômico. Pelo fato da avenida possuir e reunir um público considerado financeiramente mais privilegiado e pelo fato de Belém ser uma cidade que ainda convive com casos de extrema miséria, não é raro observar trabalhadores ambulantes, moradores em situação de rua e pessoas que transitam pelo local recolhendo materiais recicláveis, independente do dia e horário.

Lembro de uma vez que estava com minha namorada no bar e restaurante Manga Pub, em uma sexta à noite de abril de 2022. O ambiente estava cheio e um homem, que arrastava uma carroça, parou no local e começou a revirar o lixo, em busca de materiais que pudesse levar e também alimentos, como pude perceber. Além de lembrar imediatamente do poema “O Bicho”, de Manuel Bandeira, também notei o quanto ninguém nas outras mesas notava – ou fingiam não notar – a presença dele ali,



seja por preconceito, receio de algo ou uma atitude *blasé*. O homem permaneceu por um bom tempo em meio às sacolas de lixo, procurando sustento para sua sobrevivência enquanto, eu e demais consumidores, privilegiados, seguimos consumindo no local.

Importante notar isto porque a presença e circulação de moradores em situação de rua pouco é referida ao se falar da Braz. Em geral, se prestigiam elementos de sua paisagem e os estabelecimentos de consumo ao se fazer menção à via, talvez em uma busca de silenciar a presença dos indivíduos e, assim, manter a “aura” que a avenida possui – ou se deseja relacionar a ela.



Para este silenciamento, corrobora também a ação de vários seguranças de ambientes privados. Em janeiro de 2023, durante uma conversa com amigos no Brasa King no fim da tarde do dia 25, presenciei uma discussão muito grande de uma pessoa em situação de rua com a gerente e um garçom do local. Visivelmente alcoolizado, ele se aproximou de nós para “vender sua arte” e ouvimos, quando a gerente se aproximou pedindo que ele se retirasse. Apesar da

abordagem não ter sido agressiva, ele ficou bastante exaltado e, minutos depois saiu da calçada e ficou próximo a ela, mas na pista, e começou a gritar, revoltado e desafiador, para um garçom, se este teria coragem de bater nele de novo, afinal ele estava na rua e não no empreendimento. A discussão, que durou alguns minutos até que o homem decidiu ir embora, sugere uma agressão anterior e tensões que permanecem na via e talvez não sejam tão veladas.

Dias depois, conversando com Jefferson dos Santos, que trabalha em frente ao Home Beauty, na “outra ponta” da Braz, ele relatou o *modus operandi* para manter as pessoas em situação de rua mais distantes:

“Tem uns, acho que nem por maldade deles, mas, digo assim, um modo de se sentir atraído pelo bom coração das pessoas. Eles acabam ficando na frente do estabelecimento, pedindo, importunando aquela pessoa. Aí a gente tem que dizer 'meu amigo, você não pode ficar aqui, você tem que ir pra ali, procura outro lugar pra tu ficar, te levanta do chão, não pode ficar no chão aí’”.

Com a medida, Jefferson e outras pessoas que trabalham na avenida esperam que estes indivíduos evitem circular e permanecer no local, colaborando para a impressão de uma via diferenciada em relação às demais, em que as práticas de consumo serão realizadas sem “importunações”.

Se, de um lado, alguns grupos são “silenciados” e pouco referidos ao se fazer referência a Braz de Aguiar, outros possuem benefícios, que também podem ser considerados como oportunidades de mercado. Desde o início da pandemia e por mais de um ano, a farmácia Extrafarma, situada na esquina da Braz de Aguiar com a Quintino Bocaiúva ofertou desconto para clientes acima de 55 anos, com entrega gratuita na “Brás”, como anunciaram.

Ora, de uma só feita é possível notar que, como a população mais atingida pelo contágio do novo coronavírus, em um primeiro



momento, foram as pessoas mais velhas e idosos, tal classe precisaria de mais cuidados e, por conseguinte, consumiria mais medicamentos. Como a Braz possui muitas pessoas mais velhas, o local também se constituiu em uma oportunidade de mais vendas, afinal havia descontos apenas para um público específico e a entrega gratuita na avenida³¹. Lembro de uma conversa com Seu João, quando ele afirmou que “muitos moradores que já tinham certa idade, com essa doença aí [a Covid-19], se foram. Outros também ficaram mais velhos, não podem descer tanto dos apartamentos deles”.

Observando tais momentos díspares, é possível relacionar tais perspectivas com uma visão padronizada de indivíduos como “coisas”, que passam a ser percebidos e compreendidos pelo seu valor / preço. Diz Simmel que:

[o] dinheiro se refere unicamente ao que é comum a tudo: ele pergunta pelo valor de troca, reduz toda qualidade e individualidade à questão: quanto? Todas as relações emocionais íntimas entre pessoas são fundadas em sua individualidade, ao passo que, nas relações racionais, trabalha-se com o homem como com um número, como um elemento que é em si mesmo indiferente. Apenas a realização objetiva, mensurável, é de interesse (SIMMEL, 1967, p. 13).

Tal relação mediada ou provocada pelo dinheiro faz com que algumas tensões e incômodos surjam na observação da Braz e mesmo em sua compreensão. Eu mesmo passei por isto ao notar, por exemplo, a campanha “Outubro rosé”, feita pelo restaurante Grand Cru em referência ao “Outubro Rosa”, que visa alertar as mulheres, principalmente, contra o câncer de mama, doença que acometeu minha Mãe. Na ação, apresentada orgulhosamente no site da empresa, é dito que parte da arrecadação de vinhos seria destinada para a Fundação Laço Rosa, o que convenhamos, é pouco e sinaliza muito mais uma busca na ampliação e incremento das vendas do que de fato um engajamento na causa.

³¹ Para Simmel, é na metrópole que ações mais individualistas e indiferentes são notadas, exatamente pelo aspecto econômico, muitas vezes “achatando” os indivíduos e restringindo-os a apenas alguns elementos no “jogo comercial”. Para ele, “a economia do dinheiro domina a metrópole; ela desalojou as últimas sobrevivências da produção doméstica e a troca direta de mercadorias; ela reduz diariamente a quantidade de trabalho solicitado pelos clientes. A atitude que poderíamos chamar prosaísta está obviamente tão intimamente inter-relacionada com a economia do dinheiro, que é dominante na metrópole, que ninguém pode dizer se foi a mentalidade intelectualística que primeiro promoveu a economia do dinheiro ou se esta última determinou a primeira. A maneira metropolitana de vida é certamente o solo mais fértil para esta reciprocidade” (SIMMEL, 1967, p. 14).



A isso associo a percepção de Rafael José dos Santos , que relatou o incômodo com a Braz de Aguiar por ver basicamente pessoas brancas com padrão financeiro mais elevado dialoga com o distanciamento de Angélica da Silva, mulher preta, funcionária da “Le Lieu”, quando comentou que o “Premium Steaks”, restaurante que fica em frente ao local em que a loja existiu até o início da pandemia, possui um ambiente muito agradável e pratos muito bons. Como falou com entusiasmo e com aparente propriedade, perguntei a ela se frequentava ou já tinha ido lá. Angélica respondeu que nunca foi e que afirmara aquilo “porque sua patroa contava” como era o estabelecimento. A demarcação social e o modo de se pensar lucro e outras relações pareciam bem nítidos, tal qual a placa no restaurante Cutelo, que ficava entre Quintino Bocaiúva e Generalíssimo Deodoro e possuía uma placa expressa informando que entregadores de alimentos via aplicativos, que iam até lá receber os produtos, não deveriam entrar no empreendimento.



Este distanciamento aponta para os hábitos diferenciados entre as classes, bem como para outra faceta: a distinção também pode ocorrer, por vezes, pela cor da pele, como pude notar

em inúmeros momentos em que pratiquei a avenida ao longo da pesquisa. Em geral, as pessoas que frequentam os ambientes da Braz são pessoas brancas e, muitas vezes, os funcionários dos empreendimentos e pessoas que trabalham ao longo da avenida, são pessoas pretas. Isso é relatado nas redes sociais e também apresentado de modo sarcástico.



até as baratas aqui da braz de aguiar são brancas



12:30 PM · 15 de jul de 2019

16 de nov de 2022
Eu trabalhei na **Brás de Aguiar** no início da minha atividade na CLT, então sei bem do que ele tá falando. Quando eu entrava em alguma loja por lá, povo me olhava como se eu fosse um alienígena

16 de nov de 2022
uma categoria que eu odeio demais no pobre premium é:

pobre que trabalha em lugar que só vai rico e esquece que é pobre

[Mostrar esta sequência](#)

1

↻

♡

🔗

Diante destes contextos, é importante notar que as práticas realizadas na avenida, em conjunto, por vezes colaboram para provocar a distinção em algumas experiências e estranhamento e repulsa de diversas pessoas, o que, em última medida, pode ser compreendido como uma questão de classes. Isto não é atual e já fora referido, por exemplo, na canção “Almirante Brás”, da banda Tribo, na década de 1980.

Formada por Cláudio Figueiredo (vocalista), Beto Santos (baixo), Alex Boca (bateria) e Helder (guitarra), a banda teve como grande sucesso no período a canção que faz referência ao que seria o cotidiano da avenida³². Reunindo um “vigor juvenil” e críticas a hábitos e locais frequentados por pessoas com maior poder aquisitivo, a canção era bem direta ao definir moradores e *habitués* da via como sendo

*Clubes de babacas
Que alimentam os seus sonhos
Enterrando os sonhos
De quem lava os seus carros*

As citações atingiram também as “meninas do caderno dois”, como a canção se referia às jovens que frequentavam semanalmente colunas sociais dos jornais da cidade. “Almirante Brás”, em seu cerne, apresentava a revolta de outras camadas da população, possivelmente não moradores da avenida, com uma experiência considerada elitista, em especial em um período de grandes tensões em que ainda se organizava, de forma lenta e gradual, a reabertura política e econômica do Brasil. A Tribo bradava que:

*Mas como são tão lindas
As meninas do Caderno dois
Mas como são tão belas
As garotas do caderno dois
Só que elas são burras
Tão vazias
Etiquetadas
Mimadas pelos pais*

³² A canção foi analisada de forma mais detida em meu TCC “Belém e suas representações: uma compreensão do espírito de época da cidade a partir da estética musical das décadas de 1980 e 2000”, apresentado em dezembro de 2010 no curso de Comunicação Social (Jornalismo) da Universidade da Amazônia. “A letra da canção era antiga, resultado de uma desilusão amorosa de Cláudio Figueiredo”, ainda na época do colégio, informa Ismael Machado em Decibéis sob Mangueiras (2004, p.186).

Esta crítica a uma experiência que não era peculiar à maioria da população, o que creio constituir em última instância a “essência” da canção, aponta, portanto, para tensões que há décadas existem na Braz, onde a população privilegiada possui mais alternativas de consumo e exploração, apresentada na metáfora dos versos:

*Consumindo toda a plantação
De batata e ananás
Da Almirantes Brás
Da Almirantes Brás*

Muito contribui também para estas tensões e percepções da e na avenida outras práticas de apropriação do espaço público de modo privado, motivado pela necessidade de se ampliar a área de um empreendimento e, assim, consequentemente, seu lucro, bem como ações individualistas, adaptadas com “jeitinhos”.

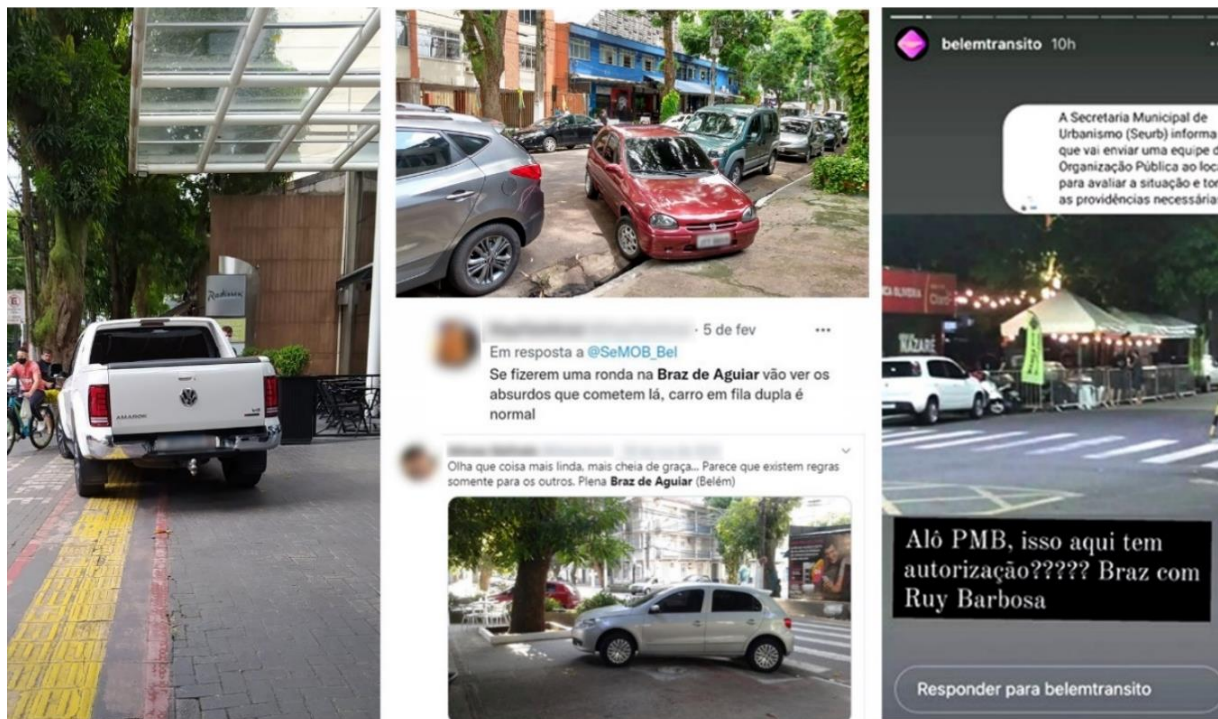
4.2. COM JEITINHOS, NA BRAZ TUDO SE FAZ

Durante uma conversa com Ricardo Cardoso em frente à Rockfeller, ele citou seus amigos que estavam a alguns metros de nós, caracterizando-os. O relato sobre um deles, que estava ali após um dia de trabalho, chamou minha atenção pelo modo como suas práticas são percebidas, afinal Ricardo disse, entre risos, que o amigo, mesmo dirigindo, sempre parava para tomar uma cerveja e estacionava em fila dupla. Confesso que sorri constrangido, apenas para não provocar algum tipo de reação negativa. Contudo, observar duas práticas ilegais, previstas pelo Código de Trânsito Brasileiro³³ foi algo bastante incômodo e que me ajudou a perceber mais a “lógica” de algumas sociações envolvendo “jeitinhos” na avenida.

Penso que, curiosamente, é através de uma reunião de pessoas que o individualismo é fortalecido. Em um grupo que não o condenará por tais práticas e também devido ao poderio financeiro, que não os fazem crer que serão altercados pelo poder público ou outras forças de segurança, é que os sujeitos se sentem mais à vontade para praticar tais ações ilícitas. A sociabilidade, se quisermos, “cria um mundo sociológico ideal, no qual o prazer de um indivíduo está intimamente ligado ao prazer dos outros”, sintetiza Simmel (1983, p. 172), mas

³³ Delitos previstos no artigo 306, que fala sobre "conduzir veículo automotor com capacidade psicomotora alterada em razão da influência de álcool ou de outra substância psicoativa que determine dependência" e prevê "detenção, de seis meses a três anos, multa e suspensão ou proibição de se obter a permissão ou a habilitação para dirigir veículo automotor". Há também o artigo 181, sobre estacionar ao lado de outro veículo em fila dupla. A prática é considerada uma infração grave, que gera como penalidades multa e remoção do veículo.

neste caso, passando por cima do coletivo quando se pensa na rua como um lugar público que exige normas de convivência urbana.



A apropriação da rua – lugar público –, quase que de forma “privada” foi analisada por Roberto DaMatta, João Gualberto M. Vasconcelos e Ricardo Pandolfi na obra “Fé em Deus e pé na tábua: ou como e por que o trânsito enlouquece no Brasil” (2010), onde apontam uma série de práticas feitas por pessoas em geral de classes médias e altas no trânsito:

A crença de que certas quantidades de álcool são aceitáveis, pois tudo depende do motorista, segue a mesma lógica deste amálgama conflituoso inconsciente entre ideias pessoais de superioridade e ideias de igualdade. Daí a disjuntiva entre a lei para o outro e a compreensão relativizante que conduz à tolerância, ao perdão e à condescendência para os nossos e para a nossa conduta. O famoso *Você sabe com quem está falando?*, segundo o qual aos *inimigos aplica-se a lei e, aos amigos, concede-se toda a compreensão*, tem como ponto de partida nossa visão hierárquica do mundo e teima ignorar um outro lado: o igualitarismo que tudo complica (2010, p. 117, grifos do autor).

Na Braz, ao longo destes anos de pesquisa, não vi nem ouvi em ocasião alguma discussão com famosa frase citada acima “Você sabe com quem está falando?” ou tom semelhante. Porém, apropriações e disputas mais agressivas no trânsito eram rotineiras. No dia 13 de janeiro de 2020, por volta de 14h, me dirigi até a loja/restaurante “Na Gostosinha”, que

vende refeições para o almoço a preços considerados bem mais populares em relação à média da Braz de Aguiar, pude ouvir a conversa de uma das funcionárias, aparentemente a mais velha, sobre a avenida.

Dona Edith comentava com seus colegas que estava “tudo tranquilo” e que “ainda não voltaram de férias mesmo”. Reparei que observavam a avenida e percebi que se referiam aos alunos dos colégios católicos que se localizam à frente do local: os tradicionais Santa Catarina e Marista Nazaré – onde estudam os filhos das camadas médias e altas de Belém. Como ela falara em tom elevado e bem-humorado, mas também com a confiança de quem passou muitas vezes por isto e conhece tal panorama, sorri, e de forma tímida por me intrometer na sua conversa com os colegas, perguntei ao que ela fazia referência. Dona Edith confirmou minha observação, e complementou que “quando começarem as aulas, mesmo, é que fica um inferno aí: é fila dupla, é buzina, todo mundo buzinando, é horrível!”

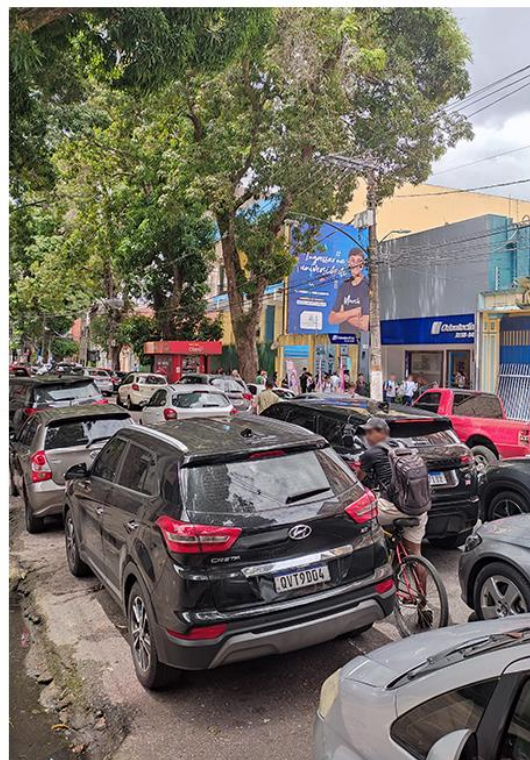
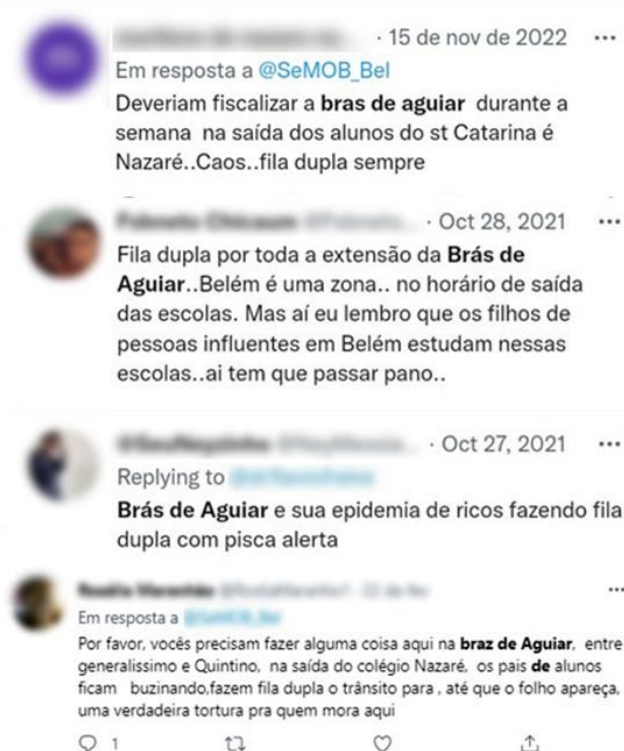
A afirmação de Edith vai além de uma queixa pelo incômodo provocado pelo acúmulo de veículos na área dos fundos dos colégios, no quarteirão entre a Quintino Bocaiúva e a Generalíssimo Deodoro, e aponta para uma forma de apropriação mais agressiva na Braz, algo que também fora relatado por quase todas as pessoas que conversei ao longo destes anos e publicações nas redes sociais. Seu João afirmou que

“Sempre houve isso aí [apontando para a saída do Colégio Santa Catarina]... Desde quando eu vinha fazer entrega aqui, sempre foi desse jeito. Tanto que eu me programava pra não vir na hora do almoço, porque sempre foi assim, tanto aqui como lá [em referência a avenida Nazaré], por causa dos colégios, aí do Santa Catarina e do Marista, mais ali na frente”

Por agregar ambos os colégios (e outros serviços) em um trecho que vai da avenida que equivale a menos de 400 metros – a espera dos filhos, realizada por pais, irmãos e funcionários termina sendo desrespeitosa com as dinâmicas do mundo urbano da capital. Estaciona-se em fila dupla ou tripla em uma via que é estreita para poder receber em segurança seus herdeiros. “Quando tinha o Moderno aqui era pior, mas a Braz tem uma dificuldade, que é a saída dos alunos do Nazaré, do Santa Catarina... mais do Nazaré. É o que traz mais dificuldade. A Braz fica bem engarrafada”, afirmou Daniele Fontes.

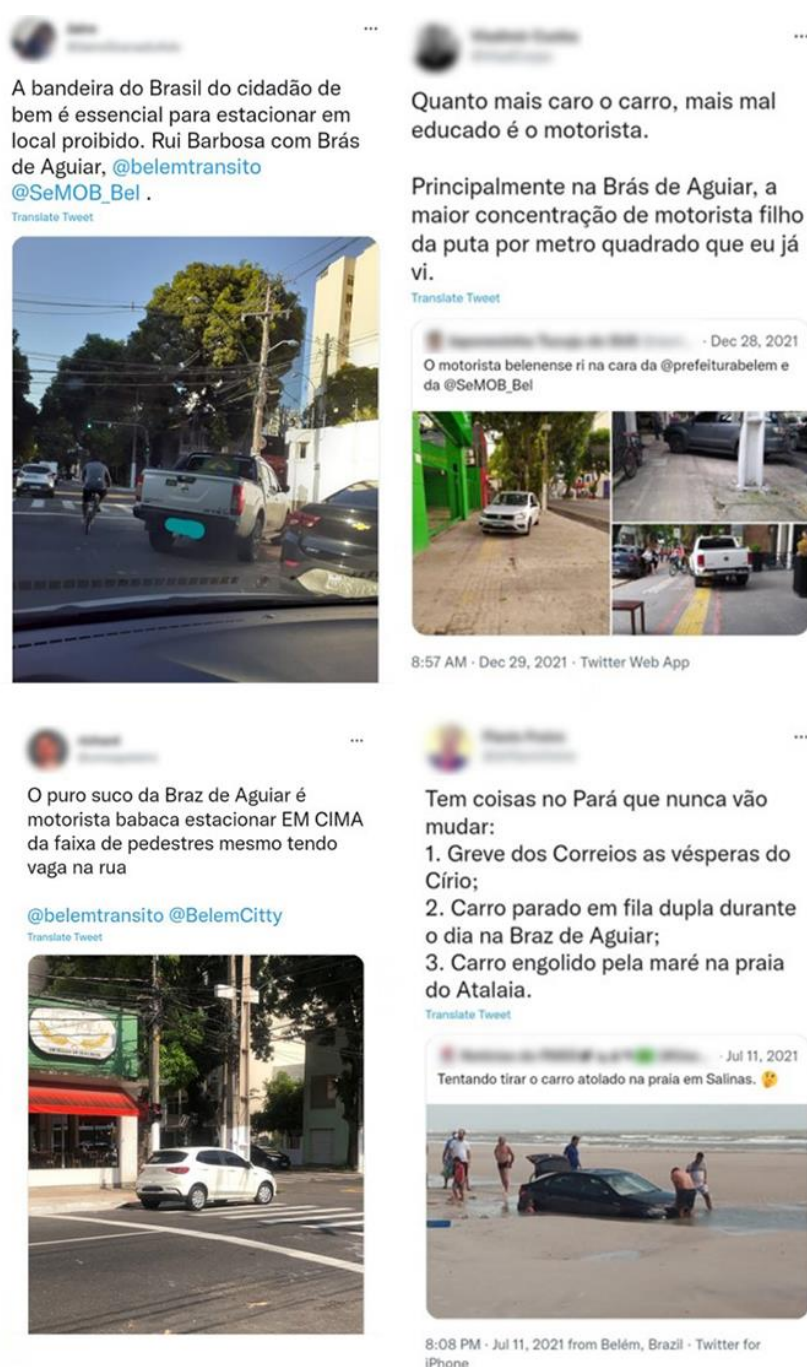
Tal fisionomia foi apenas suspensa durante grande parte da pandemia, quando não houve aulas presenciais. Exceto estes momentos, o fluxo é intenso entre 7h e 8h e entre 12h e 14h. Este contexto lembra Lázaro Magalhães, jornalista entrevistado no documentário

Fisionomia Belém³⁴, quando afirma que em Belém se vive a “estética do garimpo”, isto é, cada pessoa ou família pensaria apenas em si, pouco se importando com a coletividade e usufruindo do espaço público como se fosse privado.



³⁴ Dirigido por Relivaldo Pinho e Yasmin Pires, está disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IBIojbeQgp0>> e é um dos resultados do Projeto de Pesquisa “Comunicação, Antropologia e Filosofia: estética e experiência na comunicação visual, audiovisual e literária urbana da contemporaneidade de Belém do Pará”, desenvolvido de 2011 a 2015 na Universidade da Amazônia e do qual fiz parte também.

Quanto a estes processos de apropriação da via, creio que o alerta de Louis Dumont segue bastante atual, principalmente quando afirma que alguns indivíduos “terminam por reificar sua crença e imaginar que a sociedade inteira funciona de fato como eles pensaram, que o domínio político por eles deve funcionar” (2008, p. 59). No caso específico desta pesquisa, o domínio que parece dever funcionar não é o político necessariamente, mas o econômico e também o da própria via que, ainda que seja pública, possui inúmeras práticas que apontam inúmeras ações individualistas que indicam certa “privatização” (simbólica ou não) da coisa pública.



Para Richard Sennett (1988), há uma tendência na “privatização” da vida urbana, diretamente ligada ao “declínio do homem público”, provocada pelo maior distanciamento dos sujeitos e, conseqüentemente, de sua rede de relações. Contudo, como reação a isto, são fortalecidos pequenos grupos que mantêm as relações contínuas. Estes grupos, por vezes, expressam sua proximidade de modo público, utilizando o espaço urbano para tal. Surgem aí os “enclaves”, que podem ser considerados áreas específicas nas quais se desenvolvem as associações e em que se sentem mais livres para expressar e agir de modos peculiares, ao contrário de uma relação mais “silenciosa”.

O silêncio em público se tornou o único modo pelo qual se poderia experimentar a vida pública, especialmente a vida nas ruas, sem se sentir esmagado. Em meados do século XIX, cresceu em Paris e Londres, e depois em outras capitais ocidentais, um padrão de comportamento diverso daquele conhecido em Londres e Paris um século antes, ou que é atualmente conhecido na maior parte do mundo não ocidental. Cresceu a noção de que estranhos não tinham o direito de se falar, de que todo homem possuía como um direito público um escudo invisível, um direito de ser deixado em paz. O comportamento público era um problema de observação e de participação passiva, um certo tipo de voyeurismo. [...] O conhecimento não seria mais produzido pelo trato social (SENNETT, 1988, p. 43).

Buscando manter e fortalecer o trato social, os grupos que se reúnem por similitudes tornam-se “comunidades”, que, para Rafael de Aguiar Arantes, “surgem com um *ethos* de oposição à cidade, como um espaço onde é possível ter uma experiência humana íntima e local em detrimento da sociabilidade impessoal da cidade ampla” (2019, p. 123).

Talvez isto ajude a compreender o fato de haver inúmeros outros exemplos deste embaçamento da fronteira entre público e privado que pude ver, vivenciar e registrar ao longo destes anos. Alguns dos que mais me chamaram atenção foram reuniões espontâneas de algumas pessoas, sugerindo a percepção privada deste “pleno direito” de posse dos espaços públicos.

Em setembro de 2021, ainda durante a pandemia, um churrasco foi realizado na avenida e Ricardo de Carvalho lá estava. A reunião era de amigos e responsáveis pela barbearia Rockfeller, que decidiram fazer tal ação na calçada, provocando, por conseguinte, consumo de bebidas alcóolicas, fumaça e aglomeração. Com alegria e orgulho de tal ato, ela foi mostrada nas redes sociais.

Sabe-se que em Belém, fazer comemorações no espaço público não é uma ação tão rara. A prática, comum também em outros locais do Brasil, embaça a fronteira entre espaço público e privado ou, nas palavras de DaMatta, entre casa e rua. As duas categorias sociológicas

discutidas por ele se complementam: a noção de casa é criada a partir do núcleo familiar, que, por sua vez, possui uma hierarquia já preestabelecida, enquanto a rua é um espaço já preexistente, mas utilizado e experienciado de modo individual.

Curiosamente, por ser mais individual, os modos de se apropriar da rua a tornam um espaço mais impessoal: é de todos; as hierarquias, que não existiam, vão se estabelecendo no cotidiano, assim como relações de aderência e mesmo afeto. Por vezes, a rua é apenas um espaço de passagem ou de práticas mais ligeiras, mas também pode ser apropriada para diversos fins.



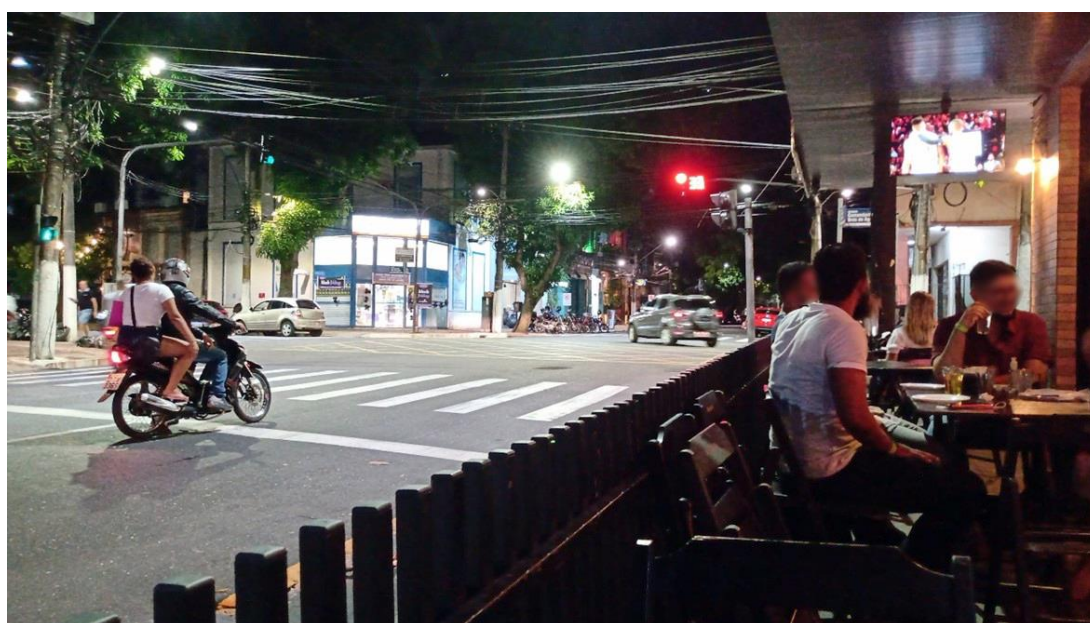
Em casa somos todos, conforme tenho dito, “supercidadãos”. Mas e na rua? Bem, aqui passamos sempre por indivíduos anônimos e desgarrados, somos quase sempre maltratados pelas chamadas “autoridades” e não temos nem paz, nem voz. Somos rigorosamente “subcidadãos” e não será exagerado observar que, por causa disso, nosso comportamento na *rua* (e nas coisas públicas que ela necessariamente encerra) é igualmente negativo. Jogamos o lixo para fora de nossa calçada, portas e janelas; não obedecemos às regras de trânsito, somos até mesmo capazes de depredar a coisa comum, utilizando aquele célebre e não analisado argumento segundo o qual tudo que fica fora de nossa casa é um “problema do governo”. Na rua a vergonha da desordem não é mais nossa, mas do Estado. Limpamos ritualmente a casa e sujamos a rua sem cerimônia ou pejo... Não somos efetivamente capazes de projetar a casa na rua de modo sistemático e coerente, a não ser quando recriamos no espaço público o mesmo ambiente caseiro e familiar (DAMATTA, 1997, pp. 20-21).

No caso dos locais que se tornam paisagens de poder, creio que seja possível afirmar que, pela proximidade com o ambiente, as redes de relações que são formadas e também a constância no uso do espaço, há uma embaçamento e apropriação maiores ainda do que é público. Refiro-me ao uso das calçadas como uma continuidade de bares, restaurantes, padarias e barbearias, o que ocorre com praticamente todos que integram a avenida. Amplia-se a área do estabelecimento e retira-se, por questões mercadológicas, o espaço de transeuntes das calçadas, que passam a fazer movimentos “zigzagueados” para (con)seguirem seus trajetos e, enfim, praticarem a rua. Isto evoca Dumont quando afirmou que

“os homens concretos não se comportam: eles agem com uma ideia na cabeça, que termina por se conformar ao uso. O homem age em função do que pensa e, se possui em certo grau a faculdade de agenciar seus pensamentos ao seu

modo, de construir categorias novas, ele o faz a partir das categorias que são socialmente dadas, e sua ligação com a linguagem basta para lembrar esse fato” (DUMONT, 2008, p.54).

Sabe-se que a prática de beber em mesas dispostas nas calçadas é considerada comum e ocorre também em outras avenidas de Belém, bem como em outras inúmeras cidades do país, sendo considerada normal e, até mesmo, atraente, afinal sugere a liberdade de se alimentar e/ou consumir bebidas (alcoólicas ou não), reunir amigos e poder aproveitar o clima mais ameno da noite ao ar livre, além de observar e ser observado, como discuti anteriormente.



Um dia, pela noite, fui até o bar e restaurante Studio Pub, localizado na esquina da Braz com Quintino Bocaiúva, tendo sido inaugurado nos últimos anos. Em geral, atrai grande público por ser tradicional em Belém (já existia uma unidade no bairro de Batista Campos) e também com preços considerados mais acessíveis. O ambiente toma conta de praticamente toda a extensão da calçada da esquina da avenida com a Quintino. Além de dificultar o trânsito dos passantes, há pessoas em situação de rua que param no local e pedem para os consumidores, o que pode causar desconforto, mas, mesmo assim, ainda permite que a área do estabelecimento seja vista como “exclusiva” e “separada” do restante da calçada e da via.

os estabelecimentos da Braz de Aguiar
são donos da calçada né

[Translate Tweet](#)

6:36 PM - Jun 10, 2021 - Twitter for Android

@belemtransito e @prefeiturabelem
Uma barbearia localizada na Av. Braz
de Aguiar, não conformada em tomar
um espaço na pista. Colocando um
guarda corpo e bancos, agora colocou
mesas na calçada. Os consumidores
espalham as cadeiras e eu vou passar
por onde?
No meio da pista?

[Translate Tweet](#)

6:58 PM - Jul 1, 2021 - Twitter for Android



Este panorama parece sugerir quase que uma lógica específica para os usos da área da Braz de Aguiar e arredores, agregando práticas irregulares, mas “permitidas” por alguns indivíduos, especialmente quem usufrui dos “jeitinhos”, sejam eles donos dos estabelecimentos ou consumidores. Este modo de consumo, nas calçadas, termina aproximando as pessoas de problemas existentes na rede de saneamento e esgoto.

Uma vez, à tarde em um dia de abril de 2021, fui conversar com uma amiga na cafeteria Amazon Deli, situada na Braz, esquina com Benjamin. Na época, esta amiga estava cursando mestrado em Portugal e vinha no máximo duas vezes ao ano a Belém. Primeiramente, ela se surpreendeu com o preço dos cafés no local, que eram bem acima até do que ela pagava além-mar. Em um segundo momento, curiosamente sem tanto espanto, notamos ao menos três ratos que subiam na calçada e retornavam para a vala. Como estavam bastante “serelepes”, não consegui registrar uma imagem com os três. Mais pessoas viram os animais, certamente, mas ninguém pareceu se incomodar ou mesmo estranhar a presença dos roedores no local.



Como se nota, estes ambientes e observações vão na direção oposta às referências que muitas vezes se faz à Braz, como um local “mais bonito” e agradável, portanto mais limpo em relação ao restante da cidade. Devido a grande quantidade de estabelecimentos gastronômicos, mesmo com a coleta de lixo ocorrendo diariamente pela parte da noite, na via se notam *containers* cheios de sacolas de lixo e mesmo algumas espalhadas pelo chão, além de papeis, restos de comida e outros detritos visíveis no cenário urbano local.



BACANA NEWS @MarceloBacana · 5 de mar

Cheiro **de** urina toma conta das calçadas em plena luz do dia ex elegante **Braz de Aguiar** e adjacências. Deviam colocar uns banheiros químicos por lá, pra ver se esse povo toma vergonha na cara e faz o pipi em lugar apropriado.



2



3 de ago de 2022

Braz de Aguiar, lar da alta sociedade **de** Belém, e dos maiores ratos (literalmente) que eu já vi na minha vida



3 de ago de 2022

Alô restaurantes: É inconcebível que alguns **de** vocês, localizados na rua mais charmosa **de** Belém, **Bráz de Aguiar**, continuem despejando restos **de** comida na vala. O cheiro fica insuportável. Onde anda a Associação dos lojistas da **Bráz**? #albat



21 de ago de 2021

Andando pela Braz de Aguiar agora me sentindo em Paris... certeza que aqui foi um das locações de Ratatouille ... só squad de ratazana! Pqp!!

[Translate Tweet](#)

2:36 AM · Dec 21, 2021 · Twitter for iPhone

De fato, são justamente os restaurantes alguns dos grandes responsáveis pelo mau cheiro, referido nas redes sociais. Não são apenas odores de óleo utilizado, vísceras e temperos que por vezes são notados na avenida, uma vez que até mesmo o forte odor de urina toma conta de alguns trechos. Sobre isto, há uma publicação curiosa de um colunista a respeito do caso em seu perfil no Twitter, no qual chama a Braz de “ex elegante”.



Curiosamente, esta prática na avenida faz com que sujeitos e valas de esgoto se aproximem, mesmo se negando. Lembro de uma vez, em outubro de 2019, que decidi por volta de 21h ir lanchar e tomar uma cerveja na avenida. Optei por ir em um lugar que ainda não havia visitado, até para poder observá-lo enquanto usufruía de seus serviços e espaços. Fui, então, ao Redentor Poke Shop, situado entre Benjamin e Dr. Moraes. Sentei, então, em uma mesa do lado de fora e fiquei observando o ambiente interno (com apenas uma ou duas mesas ocupadas) e o externo, com mais pessoas.

Em minha frente, dois casais bebiam após comerem (havia pratos sujos na mesa) e conversavam, principalmente sobre viagens, bebidas alcóolicas e seus empregos. Pelas viagens citadas e a aparente frequência delas, possuem poder aquisitivo acima da média. Um dos homens, em determinado momento, conversando ao telefone sem dar conta (ou se importar) em falar com tom de voz elevado, informava que viajaria em poucas horas, informando que acabaria fazendo isto alcoolizado.



Além dos casais, estavam presentes também um cachorro e uma criança, provavelmente filho do homem que citei acima. Achei curioso que a criança recebia pouca

atenção e basicamente brincava sozinha com um tablet que uma mulher (provavelmente sua mãe) segurava para que ela se distraísse. O cachorro, no entanto, recebia afagos do pai (viva a polissemia da língua brasileira!) e vez ou outra “conversavam”. Depois, a criança ficou com o pai e a mãe levou o animal para um breve passeio. Enquanto isso, algumas pessoas chegaram ao estabelecimento e outras tantas passaram, sempre tendo que desviar das mesas e clientes.

Ao lado, dois grandes carros, da marca BMW estavam estacionados, em fila dupla, com o pisca alerta aceso, como se fosse o suficiente para não configurar o estacionamento em fila dupla. O que é feito para indicar paradas rápidas ganhou então outro sentido: o de continuidade, já que as pessoas (depois vi que um dos carros pertencia aos membros da mesa) estavam indicando que ele ali permaneceria, mesmo que a prática seja ilegal e atrapalhe o fluxo de outros veículos. Ao fundo, o Hotel Radisson compunha uma paisagem que considerei bastante inusitada e incômoda; em poucos metros, vidros, iluminação dos estabelecimentos e do hotel, separados pelo asfalto e as pessoas que consumiam.

A proximidade da vala e o mau cheiro foram tamanhos que optei por deixar de lado a ideia de comer algo e apenas paguei a cerveja e me retirei. A família e outros clientes, no entanto, permaneceram lá, o que certamente voltou a ocorrer e ocorre em vários outros dias, como já pude notar, sempre que passei pela avenida ao longo destes anos em que desenvolvi esta pesquisa.

Tal prática de consumo quase que escatológica não é tão rara em Belém, em especial, curiosamente, em áreas consideradas mais “elitistas”. Na avenida Doca de Souza Franco, que percorre o bairro do Umarizal, por exemplo, se encontra “o metro quadrado mais caro da cidade” e também uma grande vala bem no centro da avenida – que outrora foi o Igarapé das Almas e hoje chama-se de canal.

Observando a Braz e o consumo tão próximo de estabelecimentos, pessoas e o esgoto, parece haver até mesmo o embaçamento da “gramática do espaço” que, baseada em certa coerência do uso dos espaços e mesmo do conforto que as casas permitem, prevê que

(...) não se pode misturar o espaço da rua com o da casa sem criar alguma forma de grave confusão ou até mesmo conflito. Sabemos e aprendemos muito cedo que certas coisas só podem ser feitas em casa e, mesmo assim, dentro de alguns dos seus espaços. Devo comer na sala de jantar, posso comer na varanda no caso de uma festa, mas não posso mudar de roupa na sala de visitas. A sugestão é suficiente para provocar risos ou mal-estar, sinal marcante de que temos dentro da própria casa uma rigorosa gramática de espaços e, naturalmente, de ações e reações (DAMATTA, 1997, p. 50)

Na Braz de Aguiar, o que deveria provocar distanciamento não parece ser tão questionável. A experiência de poder consumir na rua, ainda que com mau odor e proximidade a insetos e roedores, parece ser mais atraente e até mesmo “distintivo”. Tais ações e processos são mais direcionados à constituição e organização a determinadas classes sociais, neste caso, as mais altas no contexto belenense. Apesar dos problemas estruturais e apropriações agressivas na avenida, como já foram discutidos aqui nesta tese, estes não parecem diminuir a importância e mesmo provocar grandes danos na percepção da avenida, que por vezes é até mesmo compreendida como uma “bolha”, “comunidade” e até mesmo “ilha” dentro da capital paraense.

CAPÍTULO 5

“ILHA BRAZ”? À GUIA DE CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em dezembro de 2019, a Revista Veja publicou uma edição especial cujo capa e reportagem principal destacavam os “Faria Limers”, com a manchete “Como vivem, enriquecem, gastam e se cuidam os paulistanos que trabalham no enclave de maior crescimento econômico do país, polo de modas e ambições apelidado de ‘condado’”. A capa destaca uma gravura com quatro homens brancos, todos de roupa social, sendo três usando gravatas e uma mulher de saia e blusa social³⁵.

A reportagem destaca os hábitos, cotidiano, relações e modo de compreensão e interpretação da avenida (e da realidade social), como se houvesse (ou há) uma série de experiências comuns, feitas principalmente por quem trabalha e mora no local. Os Faria Limers seriam, então, um tipo ideal de pessoas que teriam os mesmos hábitos e vivências em um mesmo espaço, um grupo distinto das demais na megalópole paulista. O termo surgiu nas redes sociais como “meme” e foi fortalecido a partir da publicação da revista. Outras denominações já existiam também, como as pessoas frequentam e / ou moram o bairro de Santa Letícia, em São Paulo (os “Santa Ceciliers”) ou Ipanema, no Rio de Janeiro (“Ipanemers”).

Quando vi tal publicação e li a reportagem, me questionei se era possível associar tal lógica a Braz de Aguiar. Surgiriam, então, os “Brazers”, qualificação para moradores e pessoas que trabalham na avenida. Porém, cara / caro leitor(a), como busquei também apresentar nesta tese, há uma grande variedade de estilos e uma série de problemas que dificultam a compreensão de uma coesão completa na via. Logo, pode-se apontar características semelhantes nas experiências e percepções de alguns sujeitos, obviamente, mas não conceituar/criar uma categoria que abarque todos sem tensões.

³⁵ A reportagem está disponível em < <https://vejasp.abril.com.br/cidades/faria-lima-condado-mercado-financeiro/>>. Acesso em 05 de janeiro de 2023.

Ainda assim, é necessário notar que é possível observar a Braz como um “enclave”, lugar privilegiado ou, em última medida, uma “ilha”, como definiu Daniele Fontes, repleta de particularidades que, por vezes parecem amplas, enquanto outras estão nas minúcias.



Lembro de uma noite de janeiro de 2021, por volta de 19h, em que estava sentado sozinho na área externa do restaurante San Tito, observando o fluxo das pessoas. Uma jovem posava para um rapaz que a fotografava na outra margem da pista. Como era necessário o uso de *flash*, a situação chamou atenção por conta da luminosidade.

Enquanto ocorriam as fotos, um homem, aparentemente de cerca de 40, 45 anos, passou caminhando rapidamente próximo a eles, na calçada, cena comum de ser vista, já que muitas pessoas fazem exercícios na extensão da Braz. Minutos antes disto ocorrer, vi uma mulher que caminhava com seu cachorro de companhia e, com luva e saco plástico, necessários para recolher os excrementos deixados pelo animal, o que ocorreu pouco depois. Por conta da rapidez da sucessão dos fatos, consegui apenas fotografar o momento em que a jovem “modelava” na avenida. Estas situações, cotidianas, mas que sugerem certo cuidado com a via e o seu uso para lazer, me lembraram também o depoimento de Juliana Travassos, quando afirmou que

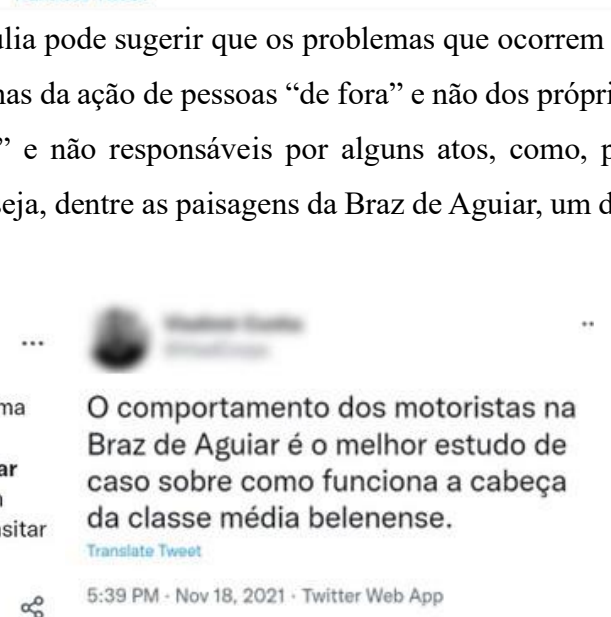
“apesar das pessoas gostarem da Braz de Aguiar, eu ainda sinto que quem vem de fora pra dentro, não cuida, sabe?! Joga lixo no chão, aí quem é morador daqui reclama, vai e pega. Cachorro... A maioria dos moradores catam o cocô do cachorro, mas quem vem de fora pra poder passear aqui, pra parar e tomar café lá, não se preocupa tanto. Acontece também com alguns moradores, mas principalmente com quem vem de fora, porque quem mora na Braz gosta de cuidar da rua, sabe?!”

A afirmação da arquiteta estabelece uma dicotomia bem nítida entre pessoas “de dentro” e “de fora” da Braz, que deve ser observada de modo atencioso, por ser perigosa e possibilitar até a percepção e construção de discriminações.

Além deste risco, a afirmação deve ser problematizada em relação ao fato de moradores e funcionários, seguindo as ordens de donos de empreendimentos, sujam a via despejando lixo, restos de alimentos e outros materiais, o que ocorre de forma constante.

Neste caleidoscópio de problemas, é possível lembrar até mesmo as práticas higienistas de Antonio Lemos, ao afastar pessoas mais pobres das áreas mais centrais da cidade.

Em última medida, o discurso de Julia pode sugerir que os problemas que ocorrem na Braz, de inúmeras ordens, são resultado apenas da ação de pessoas “de fora” e não dos próprios moradores, como se estes fossem “vítimas” e não responsáveis por alguns atos, como, por exemplo, em relação ao trânsito, que talvez seja, dentre as paisagens da Braz de Aguiar, um dos elementos mais nocivos e perceptíveis.



A fala sugere um aprofundamento das redes de relações entre os moradores, a ponto de constituir uma “bolha” ou mesmo “ilha”, como foi classificada a avenida por Daniele Fontes. Sentido semelhante é possível de ser visto na referência à “comunidade”, feita por Ricardo Cardoso:

“A Braz é uma comunidade, entre frequentadores e moradores. Eu digo: meu maior sonho de vida é morar na Braz.

[moras onde?, pergunto]

Na Batista Campos, a um quarteirão da praça, mas frequento mais a Braz de Aguiar do que a praça Batista Campos. E eu venho andando às vezes, mas eu chego na Braz, a gente tem outro ar... Talvez sejam as mangueiras, não vou dizer que uma calçada portuguesa, porque a gente não tem, mas aqui você se sente mais tranquilo”.

A Batista Campos, como já citei aqui, é um dos bairros considerados “nobres” da capital paraense e possui, como maior “símbolo”, sua praça, uma das maiores e mais arborizadas de Belém. Morar próximo a ela é sinônimo de poder financeiro e *status*. No entanto, para Ricardo, não é o suficiente para conferir a ela uma “aura” igual ou mesmo superior à da Braz. É na avenida que aqui analiso que está, segundo ele, “seu maior sonho”: provavelmente não apenas morar na mesma, mas fortalecer ou comprovar de vez o sentimento de pertencimento a tais *habitus* e relações de distinção.

Esta busca pela distinção, que, após esta pesquisa, considero fundamental para a constituição da categoria “paisagem de poder” por vezes se torna um discurso idealizado que termina sendo adotado por outras pessoas, ainda que elas não integrem a avenida, como moradores ou consumidores com certa constância, por exemplo.

Lembro que em novembro de 2020, quando houve um arrefecimento momentâneo no número de casos de Covid-19, passei a frequentar mais a barbearia Carioca, por causa da amizade com Wallace Aviz. Compreendo a Carioca, assim como a Rockfeller, não apenas um espaço de prestação de serviços (no caso, corte de cabelo e barba), nem apenas de venda de produtos (como venda de salgadinhos e cervejas), mas um espaço de sociabilidade masculina de camadas médias.

Nela, as pessoas (em geral homens, brancos, de classe média e alta, de faixas etárias variadas) não vão lá apenas cortar cabelo e barba, mas sim para se encontrar com amigos, conversar e beber. Cria-se uma espécie de comunidade, em que mesmo que a pessoa não conheça outra, em geral a cumprimenta e se sente à vontade para puxar assunto.

Lembro de uma vez que fui com Thiago Favacho, na época com 26 anos, ex-orientando do curso de Publicidade e Propaganda e hoje meu amigo. Ele nunca tinha ido ao local e afirmava

que não era um bom ambiente³⁶ e, em várias conversas ao longo dos últimos anos, já afirmara que não gostava de locais “hétero topzera”, expressão que denomina ambientes “mais masculinos”, de camadas médias e comumente considerados machistas. Como ele havia acabado de ser demitido de onde trabalhava e queria tomar umas cervejas, sugeri a barbearia e para lá fomos.



Para surpresa dele, a cerveja não estava tão cara e muitas pessoas que estavam lá passavam e nos cumprimentavam, o que já ajudou a mudar parte de sua percepção. O contato também foi facilitado por outra amiga, também publicitária e minha ex-orientanda, que é uma das atendentes do local. Ser visto como pertencente àquela rede foi algo mais rápido e simples, tanto que, a partir de então, ele passou a frequentar o local para ser atendido por Wallace e conversar com as pessoas que conhecia que trabalhavam lá.

Para Jefferson, que trabalha como segurança na Braz de Aguiar e, durante uma conversa, afirmou que “se sente seguro na via”, a relação com a avenida é recente, mas já proporcionou redes de relações: “a gente aqui na Braz acaba tendo uma amizade, então não custa nada a gente dar uma circulada na frente do estabelecimento de um companheiro, uma pessoa boa, até pra coibir a ação de alguém que queira fazer algo”, se referindo ao fato de ser contratado por um estabelecimento (Home Beauty), mas transitar pela frente de outros, fazendo a segurança da área.

Tal proximidade, no entanto, deve ser problematizada. Jefferson mesmo fez referência ao fato de só conhecer a Braz da Generalíssima até a Rui Barbosa e a todo o distanciamento que possui da avenida, afinal “só vim conhecer a Braz quando vim trabalhar aqui, nunca tinha passado aqui, nem sabia onde era Braz de Aguiar”, evidenciando que a bolha parece excluir quem não “pertence” às camadas médias e altas, ou, em suas palavras, “classe top que vem

³⁶ Logo nas primeiras semanas de funcionamento, em agosto de 2020, Luciano Machado, o “Carioca”, um dos sócios-proprietários da barbearia, agrediu um morador da vizinhança que havia reclamado de som alto no estabelecimento e que também o chamou de “macaco” e de “putas” para as mulheres que estavam no empreendimento. Ele também se envolveu em vários atritos com funcionários, tornando o clima bastante “ruim”, segundo me contaram, o que culminou no término da sociedade e sua saída da barbearia. Ver mais em <https://dol.com.br/noticias/para/602704/arquiteto-e-agredido-e-tem-a-perna-quebrada-apos-reclamar-de-som-alto-em-barbearia-de-belem?d=1>. Acesso em 10 de agosto de 2021.

aqui, porque aqui é diferenciado”, a ponto de ele citar aos seus 3 filhos, que não conhecem a via ainda:

“Olha, eu falo pros meus filhos: tem uma avenida que a gente olha pra cima e tem que colocar a mão na cabeça se não a manga cai na tua cabeça, porque é muito bonito lá, é a avenida das Mangueira, tem muita gente que vem aqui, que admira, tira foto. Já trabalhei em outros lugares que não via isso, eu via correndo de assalto”.

As impressões sobre distanciamento da avenida, ainda que trabalhe nela, e dos indivíduos, não se dão apenas porque o segurança trabalha há cerca de dois anos na Avenida, mas também pelas redes de relações estabelecidas.

“Tinha um senhor que morava aqui no Ipiranga, era um português, ele tinha um sotaque bem português. Todo sábado ele vinha aqui umas quatro e meia, cinco horas da tarde e falava 'me dá uma Véja', com aquele sotaque bem português. De vez em quando falo dele. Não sei se ele morreu ou se ele se mudou dali. Nunca mais ele apareceu aqui pra comprar Veja. Ele e muitos outros... (silêncio) Acho que se foi...” [se referindo à Covid-19].

Diante do comentário, que sugeria grande proximidade e amizade com seu comprador e também por o condomínio Ipiranga ficar a alguns passos dali, perguntei se ele não conhecia amigos ou familiares do senhor português para saber o que havia ocorrido. Vi que Seu João ficou sensibilizado e respondeu apenas “não, não...”

Como se nota, apesar da proximidade estabelecida entre pessoas que trabalham na via, moradores e *habitués*, as distinções e demarcações permanecem. Nem todos podem ou mesmo conseguem experienciar a Braz em toda sua extensão. Além disso, por se tratar de um ambiente bastante ligado ao consumo, as mudanças de empreendimentos e, portanto, donos e funcionários, não são raras, o que pode contribuir, como dito anteriormente, para uma maior dificuldade no estabelecimento de laços e redes mais duradouros.

Na contemporaneidade, “o sonho do paraíso futuro cede lugar à busca da satisfação imediata”, sintetizaria Lipovetsky (2000, p. 10). O “sonho” do administrador talvez possa ser explicado por algo que Bourdieu já discutira quando afirmou que

[n]ão é ao acaso que os indivíduos se deslocam no espaço social: por um lado, porque eles estão submetidos – por exemplo, através dos mecanismos objetivos de eliminação e da orientação – às forças que conferem sua estrutura a esse espaço; e, por outro, porque sua inércia própria, ou seja, suas propriedades, cuja existência pode ocorrer no estado incorporado, sob a forma

de disposições, ou no estado objetivado, por meio de bens, títulos etc., opõe-se às forças do campo (BOURDIEU, 2007, p. 104).

Assim, é possível perceber o desenvolvimento de uma “bolha” das classes médias e altas, que parecem requerer a presença de seus membros de modo contíguo. Esta estrutura e rede de relações parecem ser fortalecidas ainda por uma característica citada por Rony Couceiro, quando afirmou que “uma grande diferença de outras cidades para Belém é que Belém tem pouco turista, então os restaurantes, as lojas, eles têm que se manter com a população local, então, a Braz de Aguiar, é população local, excetuando o pessoal que tá no Radisson”. Deste modo, segundo sua percepção, o público da via não é tão “flutuante”, mas possui certa recorrência, que colabora para o fortalecimento dos laços de proximidade entre si. “A distância social real de um grupo a determinados bens deve integrar a distância geográfica que, por sua vez, depende da distribuição do grupo no espaço e, mais precisamente, de sua distribuição em relação ao ‘núcleo de valores’ econômicos e culturais” (BOURDIEU, 2007, p. 114).

Corroborando com as ideias de “ilha”, “comunidade” e “bolha”, quem mora na avenida, em geral, desenvolve suas ações de forma prioritária na mesma. Todos os moradores que conversei citaram isto. Eu mesmo, meses depois de me mudar para Gentil Bittencourt, me vi realizando ações que não eram comuns em Icoaraci. Passei a caminhar mais pelas ruas e avenidas e realizar ações cotidianas próximo de casa, no bairro de Nazaré. Algumas delas, eram e são até o momento na própria Braz: as padarias em que vou, onde a psicóloga com quem faço terapia atende, a Caixa Econômica em que precisei ir algumas vezes, os bares e restaurantes que em geral mais aprecio e frequento, os cafés que gosto de ir.

Esta relação cotidiana também foi referenciada por Julia, que afirmou ser “apaixonada pela Braz de Aguiar. Ela te dá muitas possibilidades, porque você tem tudo perto, você tem uma boa iluminação na rua, uma qualidade no asfalto”, afinal também “é muito agradável de passear, apesar das irregularidades, tanto de calçadas, como às vezes o cheiro da rua, mas é uma rua muito agradável de você passear, você ir ali e fazer alguma coisa, ir comer algo”.

Tais práticas, sabe-se, não são homogêneas. As pessoas que apenas trabalham na via, já possuem experiências que muitas vezes são diferentes e, ainda que estejam inseridos na avenida, não a utilizam tanto ou da mesma forma. Seja pela distância ou por não se perceber como um “igual”, os fluxos, exceto em horário de trabalho, terminam sendo apenas pontuais. Pelo consumo contínuo ou ainda pela distância, surgem discursos diversos sobre a Braz.



Apesar desta percepção e / ou idealização, é certo que a Braz se constitui em uma paisagem de poder, em que é possível notar *habitus* e busca de distinções não apenas em suas paisagens materiais, mas nas práticas dos indivíduos, muitas vezes ligadas ao uso da via de modo privado ou como forma de lazer. Daí que creio que a Braz de Aguiar, como busquei demonstrar neste estudo, se constitui num *locus* marcante na cidade e, por isso mesmo, em um interessante campo de reflexão para a Antropologia Urbana realizada em Belém.

Nestas últimas páginas da tese, creio que quatro fatores singularizam a avenida e tornaram esta discussão aqui realizada um estudo necessário. O primeiro é notar que na literatura acadêmica sobre Antropologia Urbana, ou o que se considera Antropologia visual/da imagem/das paisagens ou termos semelhantes, inclusive nos estudos produzidos no PPGSA da UFPA, há maior recorrência de discussões e análises sobre áreas consideradas periféricas, e/ou ainda muito ligadas ao desenvolvimento de alguma prática cultural (como festas de brega, grafite, hip hop, entre outros), bem como espaços públicos de socialização, como praças e coretos³⁷. Isto é importante e necessário, mas tal similitude temática, em alguns casos, notando

³⁷ De modo breve, é possível citar na última década algumas pesquisas desenvolvidas no PPGSA, como as dissertações "Eles são considerados do setor: Uma etnografia sobre sociabilidade e consumo entre jovens das equipes nas festas de aparelhagem em Belém do Pará", de Ana Paula Mendes Pereira de Vilhena; "Todo dia é feira: Estudo sobre a circulação de bens e pessoas no comércio jurunense" (2012), de Luciana Almeida Wilm; "Na rua, na praça, na boate: Uma etnografia da sociabilidade LGBT no circuito GLS de Belém-PA" (2012), de Milton Ribeiro da Silva Filho; "Pelo rio, pela ponte, pelo asfalto: Um estudo antropológico com jovens moradores da Vila da Barca em Belém-PA" (2013), de Deylane Corrêa Pantoja Baía; "E aí, vai ficar de toca? Cola com nós!: Lata na mão, grafiteiros na rua, arte nas paredes: A juventude grafiteira em Belém" (2013), de Leila Cristina Leite Ferreira; "Do porto à mesa: Etnografia dos fluxos de comercialização, circulação e consumo de açaí no bairro do Jurunas - Belém/PA" (2013), de Marcos Trindade Borges; "Damas do tráfico: Imaginário feminino na prática do tráfico de drogas na Região Metropolitana de Belém" (2014), de Rafael Pantoja Dantas; "Gentrificação e resistência popular na Estrada Nova de Belém: Um espaço urbano em disputa" (2014), de Jakson Silva da Silva; "Na Feira também se aprende: Um estudo sobre transmissão de saberes no setor de farinhas no complexo Ver-o-Peso em Belém-Pará" (2014), de Suellen Nascimento dos Santos; "Piratairo é quem vende: Um estudo socioantropológico sobre os vendedores de CDS e DVDS da feira do Guamá (Belém - PA)" (2016), de José

é claro as particularidades das pesquisas, pode terminar diminuindo a possibilidade de percepções e compreensões sobre a multiplicidade da urbe, a sua heterogeneidade sociocultural, bem como deixam de lado algumas peculiaridades presentes em bairros e vias de áreas consideradas “mais nobres” no mundo urbano belenense.

Este panorama, possivelmente, possui origens históricas que partem da constituição da Antropologia enquanto uma ciência que, comumente, se volta para questões menos urbanas e quicá mais “excêntricas” – cuja base eurocêntrica é certa em tal constituição. Cabe também notar que

O longo predomínio de pesquisas e ensaios acadêmicos ligados a assuntos socialmente candentes como a “redemocratização”, os “movimentos sociais” e a “cidadania”, a “desigualdade social” e a “violência”, o “mundo rural”, conjugado com uma percepção do tema das elites como postura elitista/conservadora dos estudiosos (defesa do governo de poucos, celebração da superioridade de alguns grupos), foi, assim, determinante para o baixo estímulo à constituição de uma subárea de estudo (SEIDL, 2013, p.180).

Nestes termos, não é difícil perceber que há um número diminuto de reflexões acerca destas perspectivas, em especial nas Ciências Sociais, o que dificulta, então, a constituição de tal área – ou subárea – que poderia incitar compreensões sociais mais amplas a respeito das relações de poder e paisagens na região amazônica, especialmente no mundo urbano contemporâneo.

Atento a este panorama, é possível citar a dissertação “Memória Emblemática – O que os tradicionais nos contam sobre seu passado?”, de Maria Angela Gemaque Álvaro, apresentada em 2005 no Mestrado em Ciências Sociais (Antropologia), na UFPA³⁸ e a tese “Casamento e relações familiares na economia da borracha (Belém - 1870-1920)”, da historiadora e antropóloga Cristina Donza Cancela, apresentada em 2006 ao Programa de Pós-Graduação em História Econômica, da Universidade de São Paulo³⁹.

Nota-se como “segundo ponto de singularidade” o fato de que a Braz, tida como ícone

Julierme Furtado dos Santos; “‘Somos Veteranas’: As experiências do tempo vivido a partir das narrativas e memórias de mulheres travestis e transexuais” (2017), de Amadeu Lima de Deus e “Memórias das esquinas: As trajetórias de prostitutas na batalha pelo bairro da Campina, Belém (PA)” (2017), de Silvia Lília Silva Sousa. Há que se destacar também a tese “Diferentes, desiguais e conectados (?) Vivências juvenis, representações midiáticas e negociação de sentidos na cena metropolitana” (2014), de Rosaly de Seixas Brito.

³⁸ A autora analisa a memória de dois grupos familiares considerados tradicionais na capital paraense (os Albuquerque e os Duvignaud) desde o século XIX até mais da metade do XX, em uma interessante análise que reúne tradição, família e história, auxiliando na compreensão de questões acerca dos modos de vida das elites na cidade de Belém.

³⁹ Na pesquisa, Cancela mostra a relação entre os casamentos (pessoas, família e poderio econômico) e as mudanças sociais e econômicas da época, abarcando tanto o “auge” da produção gomífera e seu grande rendimento – a chamada *Belle Époque* – como também sua *debacle*.

de classes médias e altas, também raramente é analisada: há uma ínfima produção de trabalhos acadêmicos sobre ela e, menos ainda, sobre seus moradores e suas experiências. Dentre as pesquisas, observo a tese “Antropologia e Filosofia: experiência e estética na Literatura e no Cinema da Amazônia”, de Relivaldo Pinho, apresentada no então Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da UFPA, que resultou em livro homônimo de 2015⁴⁰. Também é possível citar a dissertação “Modernidade e sociabilidade: do ‘comércio’ ao shopping (Belém-PA, 1990 –)”, apresentada em 2006 por Marcelo Santos Sodré no ainda PPGCS⁴¹.

Prosseguindo, como terceira “característica” que singulariza esta tese, noto que, curiosamente, tais paisagens observadas na Braz não se reduzem apenas a ela – no sentido “geográfico” da questão – pois é possível e, talvez necessário, situá-la em uma escala mais ampla, de caráter nacional. Creio que neste contexto seja importante ainda observar a constituição imagética e a produção acadêmica acerca de outras vias de cidades brasileiras que foram citadas por interlocutores e possuem alguns traços de similaridade (atentando também para as escalas e diferenças) com a avenida estudada, como são a Oscar Freire, em São Paulo, e a rua Rita Ludolf, bairro do Leblon, no Rio de Janeiro.

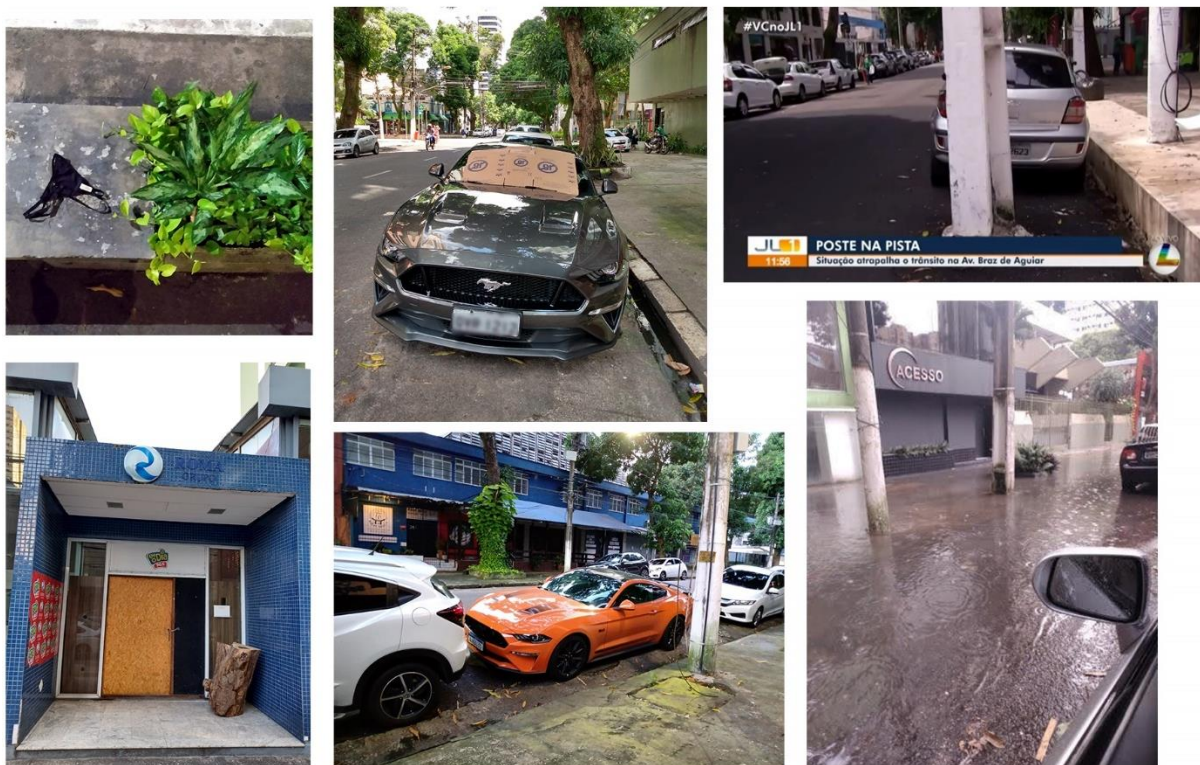
Penso que o quarto elemento que, em minha visão colabora para singularizar esta pesquisa, é a observação de que há nas redes sociais na internet um interessante caminho para serem percebidas as formas como a Braz de Aguiar é notada, tanto por quem reside no local como quem trabalha ou é *habitué* naquele espaço praticado. Não apenas por ser minha formação inicial, isto é, graduado em Comunicação Social e ser jornalista, as redes podem apontar, contribuir e complementar interessantes caminhos de análise para a Antropologia, em especial a urbana.

Ao longo destes anos, pude não apenas frequentar, percorrer e buscar compreender a Braz de Aguiar por inúmeras vezes, mas vi e percebi situações e imagens curiosas, tais como: calcinha deixada na via, avenida completamente inundada em alguns quarteirões, poste inserido no asfalto, tronco de árvore em frente a veículo de comunicação, carros importados entre

⁴⁰ Através de obras literárias e audiovisuais, o autor discute relações estéticas, históricas, sociais e filosóficas ligadas ao modo de compreensão da cidade de Belém nas últimas décadas. Pinho estabelece um interessante diálogo entre Antropologia e Filosofia, especificamente através dos conceitos de “Experiência” e “Estética” de Clifford Geertz e Walter Benjamin.

⁴¹ O trabalho faz uma comparação entre a avenida e a rua João Alfredo, tradicional no bairro do Comércio, e propõe um diálogo que tensiona as relações econômicas e sociais a partir da criação do Shopping Iguatemi (hoje, Shopping Pátio Belém) na década de 1990. Por fim, destaco o artigo “Imagens e publicidade na avenida Braz de Aguiar em Belém - PA: (re)apropriações culturais no espaço urbano” (2016), de Vanda Amin e Neusa Pressler. O trabalho em questão é uma tentativa de leitura contemporânea da via, no qual as autoras buscaram “verificar de que modo a Avenida Braz de Aguiar está sendo reterritorializada pelos sujeitos que a formam e como nela se processam a apropriação cultural e a produção de diferenças.”, tal como descrito na publicação.

veículos mais humildes ou cobertos com um simples papelão. A Braz, para mim, é esta miríade de paisagens e referências, uma mistura de elementos e percepções que foi meu guia na produção desta pesquisa.



Ao chegar ao final desta pesquisa, creio que a paisagem de poder expressa na avenida, ainda que em meio a tantos problemas, parece ser mantida ou idealizada para que haja a possibilidade de experiências distintas, sejam de pessoas de camadas médias e altas, bem como de classes mais baixas que, por sua vez, também observam na Braz a possibilidade de práticas de lazer ou ao menos uma área “nobre” na cidade em relação a outras.

A Braz de Aguiar e suas impressões e compreensões como uma área destinada a camadas médias e altas vibra até hoje com esta mesma “marca”: avenida “mais bonita da cidade”, a “mais charmosa”, uma “comunidade”, uma “ilha” urbana. A Braz “é” isto, mas também é uma via repleta de “jeitinhos” no trânsito, sujeita a inúmeros problemas durante fortes chuvas e onde se consome em ambientes *kitsch* e “cafonas”, até mesmo, próximo de valas.

Entre passado e presente, entre placas de Brás e Braz, a avenida segue importante na cidade e repleta de nuances, despertando sonhos de moradia e incômodos por se consumir e transitar por lá. Olhar para a via nos ajuda a compreender mais a Belém de outras épocas e a Belém contemporânea, bem como suas classes médias e altas. Entre quem trabalha, quem vive

e entre todos que a observam, a fazem e tudo que ela traz, a avenida segue singular em seus aspectos positivos e negativos. Segue sendo a antiga e aristocrática Estrada de São Braz, ao som de “Since I Don't Have You”, de The Skyliners em uma tarde chuvosa, ou de buzinas ruidosas e veículos acelerados. Segue sendo, entre “batata e ananás” da banda Tribo, simplesmente, a Braz.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Adriana; NATAL, Geórgia; VIANA, Lucina. **Netnografia como aporte metodológico da pesquisa em comunicação digital**. Cadernos da Escola de Comunicação, v.6, n.1, p. 34-40, 2008. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/famecos/article/viewFile/4829/3687>>.

Acesso em 17 de abril de 2019.

ANDERSON, Benedict. **Comunidades imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

AUGUSTO, Edyr. **Os Éguas**. São Paulo: Boitempo, 1998.

BACHELARD, Gastón. **A dialética da duração**. São Paulo: Editora Ática, 1988.

BARRETO et al. **Paisagem mercadoria: uma discussão sobre o consumo das paisagens urbanas**. Paisagem e Ambiente, 2006, nº 22. Disponível em <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/90616/93350>>. Acesso em 10 de março de 2019.

BASTARRICA, Maristela Lutz. **Empréstimo linguístico do inglês: um estudo do léxico do comércio exterior à luz da teoria da variação em terminologia**. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2009.

BENJAMIN, Walter. **A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica**. In: Magia e Técnica, Arte e Política. Ensaios Sobre Literatura e História da Cultura. Obras Escolhidas. Vol. 1. São Paulo, Brasiliense, 1994.

BERGSON, Henri. **La pensée et le mouvant**. La Gaya Scienza, 2011. Disponível em <http://www.ac-grenoble.fr/PhiloSophie/old2/file/bergson_pensee_mouvant.pdf>. Acesso em 07 de janeiro de 2019.

BERQUE, Augustin. **Cinco propostas para uma teoria da paisagem**. (tradução de Vladimir Bartalini) Faculdade de Arquitetura e Urbanismo: Universidade de São Paulo: São Paulo, 2013.

BOLLE Willi. **Fisiognomia da metrópole moderna**: representação da história em Walter Benjamin. São Paulo: Edusp, 2000

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade: lembranças de velhos**. 6ª edição. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A Distinção: Crítica Social do Julgamento**. São Paulo: Edusp/Porto Alegre: Zouk, 2007.

BOURDIEU, Pierre. **Capital simbólico e classes sociais**. Novos estudos CEBRAP, nº 96, pp.105-115, 2003. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/nec/n96/a08n96.pdf>>. Acesso em 14 de março de 2021.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. Coleção Grandes Cientistas Sociais. Organização por Renato Ortiz. São Paulo: Ática, 1983

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

CANCLINI, Néstor García. **Culturas Híbridas y Estrategias Comunicacionales. Estudios sobre las Culturas Contemporaneas**. Vol. III, número 5. Universidad de Colima: Colima, México, 1997. Disponível em <http://culturascontemporaneas.com/contenidos/culturas_hibridas.pdf>. Acesso em 08 mar 2011.

CANEVACCI, Massimo. **A cidade polifônica: ensaio sobre a antropologia da comunicação urbana**. 2ª ed. São Paulo: Studio Nobel, 2004.

CASTRO, Fábio Fonseca de. **A Cidade Sebastiana: Era da Borracha, memória e melancolia numa capital da periferia da modernidade**. Dissertação (Mestrado em Semiótica e Sociologia da Cultura), Universidade de Brasília: Brasília, 1995.

COSTA, Antonio Maurício Dias da. **Festa na cidade: o circuito bregueiro em Belém do Pará**. Belém: EDUEPA, 2009.

COSTA, Tony Leão da. **Música de subúrbio: cultura popular e música popular na hipermargem de Belém do Pará**. 2013. Tese (Doutorado em História) - Departamento de História, Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2013.

CRUZ, Ernesto. **As edificações de Belém: 1783-1911**. Belém: Conselho Estadual de Cultura do Pará, 1971.

CRUZ, Ernesto. **História de Belém**. Coleção Amazônica. Série José Veríssimo. Belém do Pará: Universidade Federal do Pará, 1973.

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém: significado histórico de suas denominações**. 2ª edição. Belém: CEJUP, 1992.

CANCELA, Cristina Donza. **Casamento e relações familiares na economia da borracha.** Belém (1870-1920). Tese (doutorado) em História Econômica. Universidade de São Paulo. São Paulo, 2006.

DAMATTA, Roberto et al. **Fé em Deus e pé na tábua:** ou como e por que o trânsito enlouquece no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco. 2010.

DAMATTA, Roberto da. **A casa & a rua:** espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

DOSSIÊ CÍRIO DE NAZARÉ. Rio de Janeiro: IPHAN, 2006. Disponível em <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/PatImDos_Cirio_m.pdf>. Acesso em 09 de janeiro de 2019.

DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular.** São Paulo: Perspectiva, 1973.

DUMONT, Louis. **O individualismo. Uma perspectiva antropológica da ideologia moderna.** Rio de Janeiro: Rocco, 1983.

DUMONT, Louis. **Homo Hierarchicus: os sistemas das castas e suas implicações.** São Paulo: EDUSP, 2008.

DURAND, Gilbert. **As estruturas antropológicas do imaginário.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DURKHEIM, Émile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** Editora Abril Cultural: São Paulo, 1973.

ECKERT, Cornelia. **As variações“paisageiras” na cidade e os jogos da memória.** In F. L. A. da Silveira e C. D. Cancela (orgs.) Paisagem e cultura: dinâmica do patrimônio e da memória na atualidade. 1ª edição. Belém: EDUFPA, 2009.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. **A preeminência da imagem e do imaginário nos jogos da memória coletiva e coleções etnográficas.** Brasília: Associação Brasileira de Antropologia, 2015.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. **Etnografia da duração:** antropologia das memórias coletivas em coleções etnográficas. Porto Alegre: Marcavisual, 2013.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. **Etnografia de Rua: Estudo de Antropologia Urbana.** Revista Iluminuras, volume 4, nº 7. Porto Alegre, 2003.

ECKERT, C.; ROCHA, A. L. C. da. **Etnografia de Rua: Estudos de Antropologia Urbana.** Porto Alegre: UFGRS, 2013.

ECKERT, Cornelia; ROCHA, Ana Luiza Carvalho da. **O tempo e a cidade**. Porto Alegre: Ed. da UFRGS, 2005.

EDER, K. **A classe social tem importância no estudo dos movimentos sociais?** Uma teoria do radicalismo de classe média. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v.16, n.46, Junho 2001, p.5-27.

FABRI, Hécio José. **O jeito kitsch de morar em A Grande Família**: a representação da classe C na televisão brasileira. *Revista de Estudos da Comunicação (Impresso)*, v. 13, p. 151, 2012.

FARACO, C. A. (Org.). **Estrangeirismos: guerra em torno da língua**. 3ª ed. São Paulo: Parábola, 2004

FERRARA, Lucrécia d'Aléssio. **Ver a cidade: cidade, imagem, leitura**. São Paulo: Nobel, 1988.

GONÇALVES, Marco Antonio; HEAD, Scott (Orgs.). **Devires imagéticos: a etnografia, o outro e suas imagens**. Rio de Janeiro: 7Letras, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Centauro Editora, 2003.

HANNERZ, Ulf. **Fluxos, fronteiras, híbridos: palavras-chave da antropologia transnacional**. *Mana*. Rio de Janeiro, Brasil, v. 03, n. 1, p. 07-39, out. 2009. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/mana/v3n1/2454.pdf>> . Acesso em 05 junho 2011.

HARVEY, D. **Condição Pós-Moderna**. 12ª ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

HINE, Christine. **Ethnography for the Internet**. Embedded, Embodied and Everyday. Londres: Bloomsbury Publishing, 2015.

HINE, Christine. **Virtual Ethnography**. Londres: Sage, 2000.

INGOLD, Tim. **Estar vivo. Ensaios sobre movimento, conhecimento e descrição**. Petrópolis: Editora Vozes, 2011.

LEMOS, Antonio José. **O município de Belém 1897 – 1908**. Relatório apresentado ao Conselho Municipal de Belém, na sessão de 15 de novembro de 1902.

LIPOVETSKY, Gilles. **Sedução, publicidade e pós-modernidade**. In: *Revista FAMECOS*. Porto Alegre: n. 12, p. 7-13, jun. 2000.

MACHADO, Ismael. **Decibeis sob mangueiras - Belém no cenário rock do Brasil dos anos 80**. Belém: Editora Grafimorte, 2004.

MAGNANI, José Guilherme C. Quando o campo é a cidade: fazendo antropologia na metrópole. In: MAGNANI, José Guilherme C. e TORRES, Lilian de Lucca (Orgs.). **Na Metrópole – Textos de Antropologia Urbana**. EDUSP: São Paulo, 2000.

MAGNANI, José Guilherme Cantor. **De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana**. Revista Brasileira de Ciências Sociais. Vol. 17, nº 49. Junho de 2002. Disponível em <<http://www.scielo.br/pdf/rbcsoc/v17n49/a02v1749.pdf>>. Acesso em 26 abril 2011.

MAGNANI, Cristiane de Souza. **O estrangeirismo como fator de prestígio social ou estratégia de marketing em estabelecimentos comerciais de Curitiba**. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Ciências Humanas). Curitiba: Universidade Tuiuti do Paraná, 2014.

MALINOWSKI, Bronislaw C. **Argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Abril Cultural, 1976.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Um diário no sentido estrito do termo**. Rio de Janeiro: Record, 1997.

MARX, Karl; FRIEDRICH, Engels. **Manifesto do Partido Comunista**. São Paulo: Global, 2006.

NUNES, Benedito. **Um conceito de cultura**. Belém: UFPA, 1973. Aula magna.

NUNES, Benedito. **Universidade e Regionalismo**. Belém: UFPA, 1999. Aula inaugural.

NUNES, Benedito e HATOUM, Milton. **Crônica de duas cidades: Belém e Manaus**. Belém: Secult, 2006.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso. **O trabalho do antropólogo**. Brasília: Paralelo 15; São Paulo Editora/UNESP, 2000.

OLIVEIRA, Érito Vânio Bastos de Oliveira. **Modernidade e Integração na Amazônia: Intelligentsia e Broadcasting no entre guerras, 1923-1937**. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História da Amazônia, Universidade Federal do Pará, Belém, 2011.

PARKER, Stanley R. **A sociologia do Lazer**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

PEREIRA, Samira Cristina Silva; MENDES, Sérgio Procópio Carmona. **Um debate sobre o campo online e a etnografia virtual**. TECCOGS – Revista Digital de Tecnologias Cognitivas, n. 21, jan./jun. 2020.

PIGNATARI, Décio. **Informação. Linguagem. Comunicação.** 19ª ed. São Paulo: Editora Cultrix, 1997.

PINHO, Relivaldo. **Antropologia e Filosofia: experiência e estética na literatura e no cinema da Amazônia.** Editora UFPA: Universidade Federal do Pará, 2015.

PINHO, Relivaldo. **Braz, fim de um Spazzio.** Portal Diário On Line (DOL). Belém, 21 de outubro de 2019. Disponível em <https://www.diarioonline.com.br/entretenimento/cultura/537830/braz-fim-de-um-spazzio>. Acesso em 21 de outubro de 2019.

Rádio Clube do Pará: “A voz que fala e canta para a planície”. Portal **O Pará nas Ondas do Rádio.** Disponível em <http://www.oparanasondasdoradio.ufpa.br/30radioclube.htm>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

RYBCZYNSKI, Witold. **Aguardando o fim de semana.** Tradução de Waiting foi the Weekend. In: The Atlantic Monthly. Vol.268, nº 2, 1991.

ROCQUE, Carlos. **História geral de Belém e do Grão-Pará.** Belém: DistribeL, 2001.

RUSSEL, Bertand. **Elogio ao Lazer.** Rio de Janeiro: Zahar, 1977

SANT’ANNA, Affonso Romano de. **Uma guerra pós-moderna.** Jornal O Globo, 05 abril de 2003.

SÊGA, Cristina. **O kitsch está Cult.** In: IV Encontro de estudos multidisciplinares em cultura. UFBA, Salvador, 2008.

SANSOT, Pierre. **Variations paysagères.** Paris: Klincksieck Esthétique, 1983

SEIDL, Ernesto. **Estudar os poderosos: a sociologia do poder e das elites.** In: SEIDL, Ernesto; GRILL, Igor (orgs). As ciências sociais e os espaços da política no Brasil. Editora FGV, Rio de Janeiro, 2013.

SENNETT, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade.** São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

SANTOS, M. **A natureza do espaço.** Técnica e tempo. Razão e emoção. São Paulo: Hucitec, 2002.

SARGES, M. N. **Memórias do velho intendente.** Belém: Paka-Tatu, 2002.

SILVA, Hélio R. S. **A situação etnográfica: andar e ver.** Revista Horizontes Antropológicos, vol.15 nº.32. Porto Alegre: julho/ dezembro, 2009. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/ha/v15n32/v15n32a08.pdf>>. Acesso em 12 de fevereiro de 2021.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da. **As paisagens fantásticas e o barroquismo das imagens. Estudo da memória coletiva dos contadores de causos da região missioneira do Rio Grande do Sul.** Tese de doutorado. Porto Alegre: UFRGS, 2004.

SILVEIRA, Flávio Leonel Abreu da; ROCHA, Manoel Cláudio Mendes Gonçalves da. **O bairro Batista Campos e as dinâmicas do tempo na cidade de Belém, Brasil: memórias e paisagens arruinadas.** Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, vol. 8 nº 1. Belém, 2013. Disponível em <<https://www.scielo.br/pdf/bgoeldi/v8n1/v8n1a10.pdf>>. Acesso em 16 de março de 2021.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). **O fenômeno urbano.** Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

SIMMEL, Georg. **Sociabilidade – um exemplo de sociologia pura ou formal.** In: MORAES FILHO (org); FERNANDES, Florestan (coord.). Simmel. São Paulo: Editora Ática, 1983.

SOUZA, Jessé. **A classe média no espelho: sua história, seus sonhos e ilusões, sua realidade.** Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2018.

VALADARES, Flavio Biasutti. **Estrangeirismos: uma tese para variação e mudança linguística.** Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas. Ano III – 10/2014.

WEBLEN, Thorstein. **A teoria da classe ociosa: um estudo econômico das instituições.** São Paulo: Pioneira, 1965.

VIEIRA, Edimara Bianca Corrêa. **Cidade e cultura: a Belém de 1950 nas ondas do rádio.** 2017. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Campinas, 2017. Disponível em: <<http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/330723>>. Acesso em: 20 out. 2020.

ZUKIN, Sharon. **Paisagens Urbanas Pós-Modernas: Mapeando Cultura e Poder.** Revistado Patrimônio Histórico e Artístico Nacional, 1996, nº 24.